**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS
HUMANAS.**

História Social - Pós Graduação

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
EM HISTÓRIA SOCIAL**

Título do Trabalho:
**CUIDADOS DE SI,
higiene e estética em tempos republicanos.
(1889 - 1930)**

Eline Pereira de Souza
no USP: **101055**

Orientador:
Prof. Dr. Henrique Soares Carneiro
julho/2011

**CUIDADOS DE SI,
HIGIENE E ESTÉTICA EM TEMPOS
REPUBLICANOS.**

ELINE PEREIRA DE SOUZA.

Agradecimentos:

Agradeço aos meus queridos pais e irmãos, que mesmo quando não entendiam tanto, entenderam tudo.

Agradeço à Dra. Rosângela Fachel, amiga querida, presente da introdução até os pés.

Agradeço ao Sr. Manoel, uma espécie de “pai”, sem o qual seria muito difícil seguir pelas searas que percorri.

Agradeço ao meu orientador, Henrique, por toda a compreensão e carinho.

Dedico a vocês a felicidade de haver escrito esse trabalho.

Resumo:

Este trabalho de História Social trata de discorrer sobre as práticas corporais dos indivíduos durante o higienismo, especialmente nos primeiros anos da República Brasileira, em que as elites se apropriam do poder, as camadas médias buscam sua ascensão e reconhecimento social por meio da distinção de suas aparências e de seus corpos ora saudáveis por conta do progresso e da ciência, tentando fazer do futuro da pátria uma nação do futuro ao extirpar a doença e o atraso.

Abstract:

This work of social history comes to talk about bodily practices of individuals during hygienism, especially in the early years of the Republic of Brazil, where elites get hold of power, the middle classes seek their rise and social recognition through the excellence of their appearances and their bodies healthy now because of the progress and science, trying to make the future of the nation to eradicate disease and backwardness.

Índice

Introdução	p.	4
Cuidados de Si: higiene e estética em tempos republicanos	p.	6
Corpo Civilizado, higienizado e embelezado	p.	32
A Fina Flor da Pele: banhos, perfumes, odores e texturas	p.	44
“Espelho, Espelho Meu”: visualizações do rosto	p.	74
Cabelos: “a moldura do rosto”	p.	108
Boca e dentes de pérolas	p.	138
Mãos de fada, Pés de valsa	p.	158
Futuro da Nação: cuidados com o pequeno corpo	p.	180
Conclusão	p.	195
Bibliografia	p.	199

Introdução

O presente trabalho, apresentado como dissertação de mestrado em História Social pela Universidade de São Paulo busca fazer mostrar os hábitos de higiene e cuidados corporais dos indivíduos durante os primeiros anos da República no Brasil.

Diante das novas possibilidades políticas, os novos grupos no poder buscavam se legitimar politicamente, é claro; economicamente e também socialmente. Uma das formas de garantir o status social reside no fato de mostrar a força (não só política e econômica) da camada mais apta a dirigir os rumos do país. Aos mais instruídos, uma série de recursos científicos estavam disponíveis para robustecer e tornar ainda mais capazes aqueles que governariam; os que sentariam detrás de um gabinete do funcionalismo público, os que teriam relações comerciais com os mais capazes. Toda uma elite e uma camada média que se entrecruza em suas relações sociais, buscando reconhecimento e afirmação pela capacidade de se manterem diferenciadas dos demais pela força dos atributos físicos: a saúde e a aparência estética.

Nos primeiros capítulos, chamados “Cuidados de Si” e “Corpo Civilizado”, buscamos compreender como se estabelecem as relações entre o discurso médico-higiênico, os investimentos públicos e particulares no melhoramento estético e funcional das cidades e dos corpos, e os indivíduos que podem apropriar-se destes conhecimentos e das técnicas que implicam os cuidados de si, ora tão discursados e legitimados pela ciência.

Nos capítulos seguintes, buscamos analisar -- e também inventariar -- os diversos procedimentos que compunham os cuidados corporais por meio das descrições

realizadas pelos manuais de higiene e de práticas domésticas; e também através dos textos constantes das matérias de revistas do período, bem como (e especialmente) de seus anúncios, que muito oferecem como registro de hábitos e produtos disponíveis no mercado para que o indivíduo pudesse cuidar de cada parte de seu corpo.

Temos ainda, um breve capítulo sobre os cuidados com o corpo infantil, tema a ser explorado com mais profundidade pelos historiadores, pois a puericultura foi, certamente, um dos aspectos mais importantes do discurso higienista que visava a construção de uma pátria forte e sadia.

Por último, um capítulo conclusivo com algumas considerações que pudemos tecer após a análise dos materiais que dispusemos e que ora pretendemos apresentar por meio deste estudo.

Cabe ressaltar que optamos por lançar nosso olhar somente até o ano de 1930; por entendermos que após esse período, por se tratar de um novo momento político na História do Brasil, novos personagens e camadas tiveram acesso ao poder, e que outras camadas puderam ter acesso à linguagem escrita (fundamental para a ampliação dos conhecimentos higiênicos e estéticos), além da popularização de outros meios de comunicação, que também contribuíam para a divulgação das técnicas corporais (o rádio, por exemplo), alcançando também outros públicos; o que tornaria nossa pesquisa demasiado extensa para as dimensões que podemos alcançar numa dissertação.

Todas as citações e textos publicitários ora apresentados e reproduzidos foram transcritos de acordo com as regras gramaticais modernas, respeitando a grafia proposta pelo Novo Acordo Ortográfico disposto pela Reforma que passou a vigorar no ano de 2009, a fim de garantir maior fluidez à leitura.

CUIDADOS DE SI, higiene e estética em tempos republicanos.

Em outubro de 2010, o professor Luiz Albérico Falcão, da Faculdade de Odontologia da Universidade de Pernambuco, divulgou os resultados de uma pesquisa realizada entre 840 moradores de Recife e de outras quinze cidades da região, mostrando um panorama surpreendente: desinfetante, carvão, solução de bateria de carro e pó de café são itens comuns para muitos pernambucanos -- não para o reparo de automóveis ou para uso alimentar: mas para a limpeza dos dentes! Além dessas substâncias, outras, igualmente inusitadas aparecem no relatório: água sanitária, palha de aço, sabão, sabonete, areia, papel, cabelo, gasolina, pimenta, sal, açúcar e linha de costura.¹

A intenção do trabalho foi avaliar o que a população pensa sobre a saúde bucal. Dos entrevistados, 70% não estabelecem nenhuma relação entre higiene e saúde da boca; 40% desconhecem os termos “gengivite”, “cárie” e “placa bacteriana”. Para outros 30%, a melhor solução para que se evitem os problemas dentários, seria a extração de todos os dentes. Ainda que 98% usem escova e pasta de dentes, menos de 30% fazem uso do fio dental -- situação semelhante a dos próprios estudantes do curso de odontologia da Universidade: dos 45 alunos, apenas 14 admitiram fazer uso frequente do fio dental. Esse, de fato, foi o motivador de tal pesquisa, já que a maioria dos futuros dentistas disse não ter recebido orientação adequada nem mesmo sobre a forma correta de escovar os dentes antes de haver ingressado no curso superior.

Luiz Albérico conclui que “os dentistas não estão educando adequadamente a população e os pais também não ensinam os filhos sobre os cuidados que devem tomar”,

¹ Para o alívio da dor, a pesquisa aponta que os itens mais comuns são: cera de ouvido, óleo de freio, acetona, cachaça e comprimido no próprio dente.

e que “o mais grave é que a escola não assume o seu papel na educação sobre a saúde bucal.”

Se passada a primeira década do século XXI, pais, escola ou profissionais da saúde falharam em sua “missão educadora” de higienizar todo um povo, haverá, seguramente, que se debruçar em uma discussão pormenorizada sobre os acessos à informação e à educação (não exclusivamente sanitária) em nosso país. Certamente, esse é um tema de suma importância para que, algum dia, haja de fato, a socialização de conhecimentos e oportunidades igualitárias para a garantia da vida e da felicidade dos cidadãos.

A “missão educadora” não é tarefa recente. Desde o XIX -- em especial a partir da segunda metade do século --, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro apresenta uma série de trabalhos dedicados a tratar da Higiene como “ciência integral, ciência da infância, ciência da escola” (GONDRA, 2004, p. 230).² É natural que, como disse Albérico, relacionemos o ensino das práticas higiênicas aos primeiros anos de vida; no entanto, ainda que à nossa geração possa parecer “tarde demais” ensinar adultos a limpar seus próprios dentes, grande parte das publicações sobre os cuidados com a higiene e a aparência do corpo publicados a partir do final do século XIX para o XX no Brasil -- para o público leigo -- não era de cartilhas escolares.³

Vejamos, por exemplo, como a edição de 1903 do *Novo Método de Curar, Guia dos Doentes e das Pessoas que gozam de Saúde* -- orienta o leitor adulto quanto aos cuidados dentais (p. 791):

² Em *Artes de Civilizar - medicina, higiene e educação escolar na corte imperial*, José Gondra nos propõe a questão dos tratados médicos não apenas como ‘atos solidários a fim de eliminar fatores adversos e produzir um futuro novo, regenerado e sem vícios’, mas também como uma estratégia dos médicos para obter legitimidade política e social num período em que a medicina se regulamentava no Brasil. A higiene, portanto, era um tema fundamentalmente importante a ser apropriado pelo universo médico, de forma que os cuidados corporais são, a partir da codificação médica, orientados pelo modelo binário o patológico X ‘normal’.

"Tratamento dos Dentes - Para tratar dos dentes de modo racional, observem-se os seguintes preceitos:

De manhã, ao sair da cama, bocheche-se a boca com água de 20° a 22°C e escove-se os dentes com escova nem muito dura nem muito mole, fazendo-se esta operação no sentido vertical, e não no horizontal, como de ordinário se costuma fazer. Trata-se a face anterior, a parte superior e a face interna ou posterior dos dentes, e bem assim os interstícios.

Bocheche-se a boca com água tépida durante o dia, depois de cada refeição e de noite ao deitar-se. Os restos de comida que por ventura fiquem nos interstícios, palitem-se com palito de madeira, nunca porém com objetos de metal, tais como alfinetes, agulhas etc. A limpeza é de rigor depois do uso de comidas doces.

Não se limpando bem os dentes, forma-se neles, principalmente na face interna dos da carreira inferior, um depósito chamado pedra e formado de fosfato e carbonato de cálcio. Outras vezes, não chegam as pedras a constituir-se, mas forma-se um depósito pastoso, de restos de comida, mucos, células velhas, e de cheiro fétido; massa essa que entra em fermentação e, penetrando nas frestas do esmalte, afeta o marfim do dente. Além disso, ataca também a gengiva.

Evitem-se também as diferenças de temperatura muito grandes no uso de comidas e bebidas. O esmalte dos dentes é uma massa semelhante a vidro e porcelana e fende-se facilmente com os alimentos demasiado quentes ou frios. Também não se quebrem com os dentes nozes ou caroços de frutas, com o que podem estalar e saltar pedaços do esmalte. As partes assim descobertas são facilmente atacadas pelos ácidos. Para combater esse mal, esfreguem-se os dentes com bicarbonato de sódio ou gesso.

As pessoas com predisposição para azia, eructações e gosto ácido na boca, devem tratar escrupulosamente dos dentes, para que os ácidos da boca

não produzam o mencionado estrago. Pela mesma razão, não se limpem os dentes com águas, pós e pastas que contenham ácidos. Muitas vezes obtém-se, é verdade, dentes alvíssimos com certos preparados, mas é uma ilusão que pouco dura. Estraga-se o esmalte e não tarda a aparecer a cárie.

A melhor cousa para limpar os dentes é usar, de vez em quando, o gesso e, todos os dias, o pão de trigo.

Na mastigação, sirvamos-nos de todos os dentes, de ambos os lados. A mastigação de per si é um processo mecânico para limpar; do contrário, forma-se na parte que não entra em uso, um depósito de mucos, células velhas e restos de comida. Esse depósito fermenta e determina o apodrecimento. Uma ou duas vezes por ano deve-se ir ao dentista para fazer uma limpeza geral e chumbar os dentes cariados.”

A composição química do tártaro, chamado ainda de “pedra” no texto, nos possibilita entender que, de fato, as orientações acima são destinadas a um público seletivo em dado período histórico, cuja educação escolar já se havia concluída.

Instruções detalhadas sobre o proceder, o regular, o limitar, o limpar, o cuidar, o transparecer e o “ocultar” do corpo são publicadas e consumidas avidamente por uma sociedade em franco movimento de urbanização e modernização enredados pela promessa republicana. Nas livrarias, os mais variados e títulos (alguns exemplos):

- O Matrimônio: considerado nos seus deveres, relações e efeitos conjugais sob o ponto de vista higiênico, psicológico e moral (GARNIER, 1889).
- Como se pode prolongar a vida ou Guia prático para toda a humanidade se precaver da morte prematura (KAUCHFFMAN, 1890).
- Novo manual do bom tom (VERARDI, 1895).

- Lar ideal (autores desconhecidos, s/d).
- A arte de viver em sociedade (VAZ DE CARVALHO, 1909).
- Como devemos viver: guia para se gozar saúde baseado na ciência moderna (FISHER & EMERSON, 1915).

O Movimento republicano exortava a pátria a caminhar rumo ao progresso, na medida em que, suprimindo o elemento retrógrado da monarquia, a sociedade poderia organizar-se de forma a garantir medidas racionalizadoras nas decisões que conduziram o país, fundamentando-se no “estado positivo”. O Brasil, equiparando-se politicamente às demais nações modernas, supostamente desfrutaria também de saber científico para a plena industrialização da nação, somando esforços em benefício da prosperidade, não só econômica, mas moral do país -- uma vez que os condutores do progresso seriam os mais capacitados intelectualmente, amparados pelo conhecimento lógico e racional de caráter científico e, portanto, inquestionável. Os grupos sociais que se enquadram nos padrões racionais e científicos da modernidade são as oligarquias e as elites urbanas -- num primeiro momento; e em seguida, as camadas médias em busca de ascensão e reconhecimento social -- detentoras do poder econômico e político durante a primeiros tempos republicanos.

O afinamento da república recém formada com as sociedades avançadas promoveria um cenário liberto do misticismo e da ignorância, congregando as forças sociais de forma conjunta e convenientemente lideradas sob o manto da ordem e dos valores morais. A História provava, através das teorias científicas do século XIX, que estávamos no caminho certo: buscávamos “o modelo mais evoluído” -- o que significava, de acordo com essas concepções, o “melhor”.

*“El progreso se convierte así en marcha cualitativa, en la que cada etapa es superior a la anterior, sin perjuicio de admitir retrocesos ocasionales, y sin preguntarse nada acerca del último pasado ni del último futuro.”*⁴

Nesse processo, em que se admite um desenvolvimento linear da história humana, afirma-se, portanto, de uma maneira empírica, que o progresso se compõe de etapas sucessivamente superiores e se conclui que o índice de superioridade é correspondente ao índice de domínio da natureza de forma racional. Voltaire, por exemplo, sustenta que a medida que dominamos a natureza, a conhecemos melhor; e assim se vão caindo, sucessivamente, todas as superstições.⁵ Esse ideal é o que deveríamos perseguir -- espelhando-nos nas sociedades europeias, estaríamos aptos a expor nossa própria sociedade ao processo de adaptação às medidas civilizatórias⁶, submetendo-nos à “ordem pública, ao bem estar da comunhão política, ao desenvolvimento geral da sociedade” (ROMERO, Sílvio. 2001. p. 14).

⁴ ROMERO, José Luís. *Estudio de la mentalidad burguesa*. 2005, p. 51.

⁵ Inclusive as superstições de ordem clerical. Sílvio Romero, por exemplo, identifica os inimigos do progresso como sendo a monarquia, o catolicismo e o romantismo.

⁶ Ana Barahona, em *La idea de Progreso en Biología*, explica que, no conceito darwinista, as adaptações são produto da seleção natural na medida em que somos conduzidos a formas mais aperfeiçoadas: *la selección natural es responsable de las continuas mejoras y aumento gradual de la organización* [no entanto] *la acción de la selección natural no implicaba necesariamente el desarrollo progresivo*. Cabe destacar, no que tange ao incerto desenvolvimento progressivo, que os teóricos republicanos pareciam ser mais otimistas que Darwin. Apesar de acreditarem que as sociedades se desenvolvem do mesmo modo que os seres biológicos, não há prejuízos quando um povo civilizado entra em contato com um “povo inferior”, pois a história também é dotada de de “evolução progressiva”, como crê Spencer. “A história não se repete”, afirma Sílvio Romero em *Ensaio de Filosofía do Direito*. Ademais, há os que discordam de Darwin. Spencer, por exemplo, conclui que a sobrevivência do mais apto desencadearia uma gradual “perfectibilidade para os seres humanos e outros organismos”-- o que se repetiria em relação às sociedades humanas.

Quantas senhoras, quantas moças, que seriam bellissimas, vêem a sua belleza offuscada por incommodos pellos que apparecem despoticamente, em forma de bigode, ora sobre o labio superior e ás vezes mesmo sob o inferior, ora nas sobrancelhas, sombreando os olhos e dando-lhes uma expressão dura, muitas vezes má, ora ao longo das faces em forma de suissas, alterando assim o gracioso oval do rosto! Mas se é necessario á belleza o depilar-se, não é menos verdade que é difficillimo achar um **DEPILATORIO HIGIENICO** não contendo substancias toxicas, que actue promptamente e sem perigo. O unico depilatorio que á sua maravilhosa efficacia une propriedades hygienicas para a pelle, vem-nos do estrangeiro, onde é usado muito com o nome de **DEPILATORIO RUSSO** do M.^e Benoit o que faz cair o pello *superfluo* sem torturar, causar empolas, descorar a cutis ou deixar mancha alguma, sinais ou qualquer outro má effeito á tez. É um remedio effcaz, instantaneo e inoffensivo.

Preço 15\$000; pelo correio mais 1\$000.

Os pedidos devem ser dirigidos a

Figner Irmãos
Rua São Bento, 26

*"Quantas senhoras, quantas moças, que seriam belíssimas veem a sua beleza ofuscada por incômodos pelos que aparecem despoticamente, em forma de bigode, ora sobre o lábio superior ou às vezes, mesmo sob o lábio inferior, ora nas sobrancelhas, sombreando os olhos ou dando-lhes uma expressão mais dura, muitas vezes má, ora ao longo das faces em forma de suíças, alterando assim o gracioso oval do rosto! Mas se é necessário à beleza depilar-se, não é menos verdade que é difícil achar um Depilatório Higiênico não contendo substâncias tóxicas, que atue prontamente ou sem perigo. O único depilatório que à sua maravilhosa eficácia une propriedades higiênicas para a pele vem-nos do estrangeiro, onde é muito usado com o nome de DEPILATÓRIO RUSSO do M. Benoit, que faz cair o pelo supérfluo sem torturar, cansar, empolar, descorar a cutis ou deixar mancha alguma, sinais ou qualquer outro mal efeito à tez. É um remédio eficaz, instantâneo e inofensivo."*⁷

Anúncio da "Revista Mensal *O Echo*, janeiro de 1905.

Acima, o anúncio do depilatório destaca as qualidades de um produto higiênico, cujas propriedades científicas são capazes de atuar na pele sem maltratá-la, de forma a garantir o domínio humano (estar sem pelos) sobre a natureza, que "castiga" algumas mulheres com pelos que, supostamente, não deveriam habitar-lhes a cara. A gravura que acompanha o texto mostra o quão "imperfeito" pode ficar o rosto de quem não toma providências em relação aos males que o "remédio" científico pode combater. É, finalmente, possível livrar-se dos problemas do passado de maneira moderna e racional, contando com os avanços higiênicos ora disponíveis no Brasil, que recentemente "vem-nos do estrangeiro". Podemos, portanto, nos equiparar às nações mais desenvolvidas: "temos acesso aos produtos que nos chegam do exterior", produtos modernos capazes de transformar tudo o que deve ser corrigido, tudo o que é imperfeito, feio e atrasado.

⁷ Os "remédios" oferecidos para combater os males eram vendidos sem que se soubesse sua formulação. Tratavam-se de "remédios ocultos"; denominação discutida por Vera R. B. Marques, em *Natureza em Boiões: medicinas e boticários no Brasil setecentista*.

Devemos mencionar que uma série de outras correntes filosóficas constituíram o que Sérgio Porto chamou de “maxixe do republicano doido” (CARVALHO, 2006). A esperança de construção de uma sociedade melhor resultou numa espécie de efervescência no campo das ideias e das mentalidades durante a Primeira República. Segundo José Murilo de Carvalho (2006, p. 26), nesse período “misturavam-se, sem muita preocupação lógica ou substantiva, várias vertentes do pensamento europeu. Algumas delas já tinham sido incorporadas pelo Império, como o liberalismo e o positivismo: outras ainda, foram impulsionadas, como o socialismo; outras ainda foram somente então importadas, como o anarquismo”. Dado esse quadro, é evidente a identificação das elites brasileiras não só ao positivismo -- no seu aspecto direcionador do processo evolutivo e, principalmente, na legitimação dos mais capacitados para a liderança da nação -- mas, especialmente ao liberalismo. Nas palavras da edição de 11 de novembro de 1904, o periódico *O Paiz* assegura: “República é riqueza!”⁸; de forma que podemos afirmar que essa “nova era” representou uma “vitória do espírito do capitalismo” e de seus agentes. A sensação geral de libertação possibilitou às elites o que Carvalho denomina “capitalismo predatório”, cuja ânsia aquisitiva busca o lucro desenfreado, rápido e a qualquer custo, conferindo ainda mais status à camada que se impunha pelo prestígio financeiro -- as próprias elites, garantindo para si, poder pessoal e público. “Os heróis do dia eram os grandes especuladores da bolsa” (CARVALHO, 2006, p. 27) e seus sucessos os legitimava, os separava ainda mais do restante da sociedade, conferindo-lhes uma distância cada vez maior e mais segura para exercerem domínio político, pessoal e econômico sobre os quais caberiam sustentar as bases de suas atividades exploratórias: fazendo com que a República fosse, num primeiro momento, uma decepção para muitos.

⁸ in: CARVALHO, 2006, p. 27.

A história desses primeiros tempos republicanos acabou por confirmar a perda da esperança de exercício de cidadania para quase todos.⁹

Vejamos o que diz o Manual “O Lar Doméstico”, de 1913, no capítulo *A Arte de Educar a Criada*:

“Do extremo norte ao extremo sul deste imenso país, ouço a respeito de empregados, somente uma opinião, uma queixa: ‘Não achamos criadas e as raras que encontramos servem mal’. Infelizmente, é verdade isto; o crescente mal da vaidade e da presunção é a razão da preguiça, da distração, da infidelidade das criadas. Com a crescente tendência para o socialismo, por conseguinte para a oposição aos amos, tem uma senhora prática e de certa idade sérias dificuldades a vencer na lide com sua criada, quanto mais uma jovem dona de casa sem experiência. (...)

Em segundo lugar, deve haver muita prudência na escolha das criadas. Eis um ponto difícilíssimo em que a nossa perspicácia nos abandona às vezes, completamente! (...) Muitas donas de casa recebem do exterior da criada e do modo de se apresentar, a mais desagradável impressão; no entanto, satisfeitas por terem achado uma empregada depois de longos e vãos esforços, entregam a esta desconhecida o preparo do alimento, a limpeza da cozinha e dos quartos com uma boa fé verdadeiramente incompreensível! (...)

Procurai cortar toda a possibilidade de infidelidade, dando sempre à hora certa, o necessário para as refeições e conservando debaixo de chave as coisas sedutoras, como açúcar, ovos, manteiga, leite, queijo etc.(...)

⁹ Politicamente, a Constituição de 1891 só viria a comprovar a exclusão que os hábitos e os espaços sociais já denunciavam. Entre o homem republicano e o analfabeto que não podia votar, um abismo espacial, moral, intelectual e econômico. A modernidade e o progresso atingia às ruas e as praças (pelas reformas urbanas características da *Belle Époque* da qual o Brasil tentava se apropriar, como no caso da *haussmannização tropical* do Rio de Janeiro entre os anos de 1903-1906). Mas não residia na vida de todas as pessoas.

Desde o primeiro dia, exigi que ela levante cedo e se vista com asseio (...)
Todas as vezes que a mandais à rua, exigi que lave o rosto, as mãos e os
braços [as partes visíveis do corpo]; ponha um avental limpo e leve uma cesta
asseada, que forre de papel para ir ao talho. (...)

Estando à noite terminado o serviço da criada, animai-a a consertar sua
roupa, a escovar seus vestidos e sapatos (...) exigi que aos sábados proceda
ao minucioso asseio do corpo, que mude a roupa duas vezes por semana e os
aventais todas as vezes que for necessário (...).

Em Natal, dai-lhe um presente correspondente a um mês e meio de
ordenado: um vestido de lã com todos os aviamentos e mais um objeto de real
utilidade: um chapéu de sol grande e sólido ou uma dúzia de lenços, de meias
etc. Nunca lhe deis vestidos velhos de certo preço, mas já rasgados e
desbotados. Isto é extremamente pernicioso, porque esses objetos excitam nas
criadas o gosto pelo luxo o que, não raras vezes, as conduz ao abismo moral.

Os trechos acima são bastante proveitosos para demonstrar que o público consumidor de tais manuais era, de fato, pertencente às camadas abastadas da sociedade. Indivíduos preocupados em manter a higiene e a ordem do lar, de suas famílias, de si mesmos e também daqueles que “representavam” suas residências. Ao sair de casa, a empregada não poderia parecer suja ou desmazelada, para não causar vergonha à casa de onde provinha. As partes visíveis do corpo e da vestimenta deveriam parecer limpas e bem cuidadas. À empregada também se deveria impor a devida “distância” da classe superior de sua patroa, especialmente numa sociedade em que a abolição da escravidão não havia completado nem mesmo duas décadas. Para o corpo servil, apenas o asseio indispensável, o asseio visível e o asseio semanal. Quaisquer outros elementos que pudessem-na aproximar do corpo senhorial seriam considerados ameaçadores, uma espécie de invasão a um território que não lhe pertence, uma afronta à manutenção da ordem e um perigo à higiene moral da sociedade. Por isso, as coisas sedutoras e os vestidos mais caros, ainda que rotos, não lhe deviam povoar o imaginário. O livro é para as patroas. Os vestidos também. E os cuidados com o corpo, igualmente distintivos, como veremos adiante.

Em 11 de dezembro de 1920, o Jornal do Comércio de Franca trazia as seguintes palavras ¹⁰:

“Hoje tudo mudou. Se a natureza não dá saltos, o homem, quando bem orientado, os dá na concepção e execução de suas obras.

Da ruinação dos pardieiros arrasados pela picareta do progresso, brotam, como tocados pela varinha mágica de uma fada protetora, belos palacetes que atestam o gosto escultural dos francanos.

A cidade se transformou e se transforma dia a dia, vestindo-se de uma roupagem cada vez mais bela. É que nas mãos sábias e vigorosas guiam seus destinos, colocando acima de tudo o embelezamento local, animando a iniciativa popular, chamando sobre nós a atenção dos poderes do Estado, zelando pela higiene e saúde pública, e tornando reais as obras públicas...”

O encantamento pelo moderno, expresso nas palavras veiculadas pelo periódico paulista nos dá a clara certeza da adesão do Estado brasileiro à ideologia do progresso. O novo ordenamento do espaço urbano como política pública presta-se, nesse contexto, não só à representação da nação através da estética da cidade, mas à valorização das pessoas que deveriam habitar o seu espaço, os cidadãos da “Belle Époque Tropical”¹¹.

Nesse contexto, não só a capital do país, mas uma série de outras cidades brasileiras, como podemos perceber por meio do periódico da cidade do interior paulista, redobram seus esforços no sentido de se apropriarem da “atividade civilizatória”, pois

¹⁰ FOLLIS, 2004. p. 7.

¹¹ Na definição de Follis, pode-se caracterizar a Belle Époque pela “expressão do grande entusiasmo advindo do triunfo da sociedade capitalista nas últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX, momento em que se notabilizaram as conquistas materiais e tecnológicas, ampliaram-se as redes de comercialização e foram incorporadas à dinâmica da economia internacional vastas áreas do globo. Época marcada pela crença de que o progresso material possibilitaria equacionar tecnicamente os problemas da humanidade.”(2004, p. 15)

constituíam o espaço privilegiado para que as camadas urbanas impusessem reconhecimento sócio-econômico e participassem do conforto material pelas inovações que a modernidade lhes pudesse propiciar.¹²

À medida que os fazendeiros mudaram-se para os grandes centros, cresceu a tendência em se promover melhoramentos urbanos. Aumentou o interesse pelas diversões públicas, a construção de hotéis, jardins e passeios públicos, teatros e cafés. Melhorou o sistema de calçamento, iluminação e abastecimento de água. Aperfeiçoaram-se os transportes urbanos. O comércio urbano ganhou novas dimensões, bem como o artesanato e a manufatura."

Acima, Emília Viotti da Costa (1999, p. 215) comenta o desenvolvimento urbanístico, os novos espaços de contato e oportunidades de socialização que ocorrem na urbe quando da concentração das elites rurais nas cidades, transferindo suas residências para os centros facilitadores de seus intercâmbios sociais e econômicos -- imprimindo novos valores urbanos, científicos, estéticos; e, por conseguinte, as novas práticas sociais que exigiam refinamento dos hábitos e da aparência: os novos cenários, cada vez mais sofisticados, exigiriam dos personagens postura e apresentação

¹² O panorama anterior ao resplandecer da "Belle Époque Tropical" exigia, de fato, urgentes reformas modernizadoras na cidade e, por conseguinte -- e especialmente -- e nos cidadãos. Poucos anos antes do período que abordamos, José Gondra (2004) nos conta que uma professora alemã [1822] deixa o Rio por conta da falta de infra-estrutura da cidade e dos maus hábitos dos brasileiros. Segundo ela, apesar das belezas naturais, a cidade estava repleta de "moscas, mosquitos, formigas, lagartixas e baratas que invadiam o seu quarto e devoravam suas roupas"; além do excessivo cortejo dos homens pelas ruas, enquanto passavam as mulheres, revelando posturas absolutamente inadequadas com a moral esperada pela europeia. Outros viajantes revelam um quadro semelhante de infra-estrutura e de hábitos "incivilizados" por parte da massa negra e pobre, e também da elite branca e rica. Causava repulsa aos nobres que aqui chegavam encontrar outros nobres, os brasileiros -- que compravam títulos nobiliárquicos --, sentados no chão, comendo com as mãos, apoiando o prato sobre as coxas. Gondra nos revela que, além dos aspectos dos hábitos de higiene e cuidados com o corpo, as vestimentas e a habitação concorriam para "agravar os riscos de adoecimento dos indivíduos". As questões de ordem privada, de dentro das casas e do entorno, do espaço público, contribuíam, segundo o autor, para produzir um ambiente propício para a "degeneração social; e uma cidade degenerada de homens e mulheres, crianças, escravos e libertos. Produzia-se, enfim, uma Corte degenerada". Daí a necessidade imprescindível, "por motivos políticos, econômicos, científicos e culturais" de um projeto "regenerador" do espaço e dos homens.

condizentes (de preferência, com os padrões europeus) -- “elegância perfeita e linha impecável” também para os corpos que os frequentavam.

“(...) A Casa Mappin, com o tato finíssimo de seus diretores, teve a ideia excelente de proporcionar aos seus clientes, no vasto edifício em que está instalada, um delicioso chá das cinco, que em um pouco se tornou o ponto predileto de nossa ‘haute gomme’ e que realiza todas as condições para que se lhe possa aplicar a definição acima.

A sala de chá da Casa Mappin é uma teteia de elegância discreta e simples, a elegância perfeita, a linha impecável que é peculiar ao inglês e que ninguém pôde até hoje usurpar. É toda branca, escorreita e inundada de luz e na sua brancura, que a luz doura, desabrocham num destaque vivo, as flores ornamentais que, com arte, quebram cá e lá a unidade do conjunto (...)

Eis a razão pela qual a Mappin’s Tea tornou-se o ponto obrigatório de encontro das nossas elegantes que passam por ali meia hora encantadora entre amigas e gente de igual sangue. Aos sábados, principalmente, que é o dia de ‘gala’, quem quiser ver o que S. Paulo tem de mais fino e sedutor em beleza feminina e de mais distinto em elegância masculina, não tem mais que ir tomar uma chávena de excelente chá no salão anexo ao importante estabelecimento, que marca hoje, no quadrante da elegância paulista, um dos minutos mais vivos...”

Trecho retirado da ed. de setembro de 1915 da Revista Feminina, p. 13.

A efervescência da vida social requer, de seus protagonistas, um refinamento cada vez maior de modos e da apresentação da própria imagem; de maneira que todo um código não linguístico de informações -- a aparência, as cores, as texturas e os odores corpóreos -- pudessem ser decodificados e interpretados como sinais de pertinência pelos demais “atores” do mesmo cenário: gente a identificar “gente de igual sangue”.

Daí temos que, não somente o Estado, por meio dos investimentos públicos em radicais transformações urbanísticas¹³; nem somente os médicos (cujas autoridades sanitária, ora legitimada pela ciência, conferia-lhes poder de intervir nos espaços¹⁴), mas também os “atores sociais” desses espaços clamam pela modernização das próprias

¹³ Nas palavras de Pechman & Fritsh, em *A Reforma urbana e seu avesso*, “A descoberta de que a insalubridade estava por detrás da crise que se desenhava nas cidades em franco processo de crescimento iria levar à fundação urbanística moderna. A higienização das cidades demandava a adoção de medidas tão amplas em seu tecido urbanístico que, no fim e no cabo, saneá-las acabava por significar reformá-las em toda a sua amplitude. Livrar as cidades do fantasma das doenças era a empresa que transcendia a competência do médico sanitário. Tratava-se, em verdade, de replanejar as cidades, de escorá-las em novos fundamentos, de submetê-las a novas formas de organização.”

¹⁴ Espaços públicos e também privados; o que seria um dos motivadores para a Revolta da Vacina em 1904.

vidas, consoantes à modernização racional e científica do ambiente em que vivem e de si mesmos. Se não “clamam”, são empurrados pela esteira de um novo tempo em que a convivência na urbe não oferece alternativa, senão a “imersão” em novos valores.

Cartão Postal da Belle Époque

Imagem retirada do Artigo “Nos Tempos de Madame Pommery...”, de Paula Ester Janovitch, publicado na Revista Cidade em janeiro de 1998 (S. Paulo).

A elite ocupava e concentrava-se no centro da cidade, de onde, pouco a pouco, foram sendo empurrados os antigos tropeiros, comerciantes, “caipiras”, que anos antes, ali desembarcavam rudes, com suas malas. Desaparecem os indivíduos, vítimas do choque cultural e das autoridades que inauguravam novas ruas, normas e regras. “Pelo centro, uma concentração de atividades comerciais e de moradias elegantes dos cafeicultores -- passarela de ricos senhores e senhoras perfumadas.” (HASKEL & GAMA, 1998, p. 46). Em São Paulo, os estudantes da Faculdade de Direito agora circulavam por entre as senhoras e distintos capitalistas; entre jornalistas e os burocratas do Estado -- elites e camadas médias que são as maiores sujeitas à transformação estética de seus próprios corpos por meio dos cuidados de si.

Pelas ruas, multiplicavam-se cartazes, anúncios e lojas que ofereciam distinção e requinte através de modernos produtos: roupas, cosméticos, perfumes e chapéus. Confeitarias e cafés eram paradas obrigatórias com suas cadeiras aí dispostas para se discutir as notícias, as ideias, para encontrar os amigos, para elaborar novos negócios. Os restaurantes se multiplicavam, assim como as casas de espetáculos e o cinema, que nos anos 20 passa a ser diversão popular, desbancando o circo, os teatros e os serões.

Também se consumirá a noite, que pouco a pouco foi adquirindo vida no espaço da cidade. Os divertimentos noturnos dos *palais* onde se encontravam as *mondaines* e seus interessados ganhavam, progressivamente, brilho e público. Nesses locais, uma profusão de espetáculos, desde cantorias, danças, apresentações e a garantia de satisfação sexual pelas “cocotes que vinham fazer a América”. Janovich (1998, p. 98) destaca que até mesmo as prostitutas europeias -- também um novo hábito de consumo da sociedade urbana -- que aqui desembarcavam exerciam uma importante função civilizatória para os homens da cidade:

“O Bar do Vicente, no [Teatro] Municipal tornara-se ‘feira de amores caros’, onde o ‘mulherio’ transformava-o em vitrina (...) Novos hábitos, novos desejos e preços mais altos para consumir tudo isso. O champanhe Pommery se derramava sobre os corpos como marca registrada do reinado da grande preceptora dos ‘botocudos’, substituindo o antigo hábito da cerveja Antarctica. O Coronel carrancudo dos primeiros tempos já não era o mesmo: começava a rir, os bigodes estavam penteados e ele tomava seu primeiro banho na banheira batismal do Paradis Retrouvé. Madame Pommery colocou aqueles rudes homens em fila, alinhou suas barrigas e explicou tudo sobre higiene. O coronel se apaixonou por todo aquele ritual. O primeiro banho não foi tranquilo, nem poderia, algo iria mudar naquele velho homem cansado, rude, que tinha medo daquela banheira repleta de vapores cheirosos”.*

* Madame Pommery é a protagonista do romance homônimo de José Maria de Toledo Malta, sob o pseudônimo Heráclito Tácito, publicado pela primeira vez em 1920. Trata-se das desventuras de uma prostituta de origem judaica e espanhola que se instala no Brasil no início do século e que produz uma renovação dos costumes e da vida boêmia na cidade de São Paulo.

“A sociedade está, aos poucos, começando a suprimir o componente de prazer positivo de certas funções mediante o engendramento da ansiedade ou, mais exatamente, está tornando esse prazer ‘privado’ ou ‘secreto’ (isto é, reprimindo-o no indivíduo), enquanto fomenta emoções negativamente carregadas -- desagrado, repugnância, nojo -- como únicos sentimentos aceitáveis em sociedade. Mas exatamente por causa desse aumento da proibição social e na consciência do indivíduo, necessariamente aumenta a distância entre a estrutura da personalidade e o comportamento entre adultos e crianças.”¹⁵

A supressão das funções corporais mencionada acima por Norbert Elias sempre foi uma das preocupações mais eminentes dos manuais de civilidade estudados e compilados pelo autor. Tais manuais consistem em ferramentas indispensáveis para uma pesquisa sobre a história das práticas corporais, dos cuidados de si, tomando o próprio corpo como agente e receptor das inúmeras transformações no decorrer do tempo.

Em *O Processo Civilizador*, Elias resgata os manuais de etiqueta e de boas maneiras do século XIII em diante a fim de registrar a evolução dos hábitos e das funções corporais dos indivíduos em sociedade através do tempo. Num primeiro momento, os manuais de civilidade traziam à luz a descrição de uma série de comportamentos que seriam ou não aceitos em um determinado espaço social, tendo a cortesia como parâmetro para agir e apresentar-se. Sendo a delicadeza a premissa, tais escritos vão delineando contornos cada vez mais “aprimorados” com o passar dos séculos, a fim de nos afastar, o máximo possível, de nossa natureza animal. Nesse ritmo, chegamos ao século XX mantendo, aperfeiçoando e criando um sem número de regras de contenção das atitudes no convívio entre os indivíduos.

¹⁵ ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador. Uma História dos Costumes*. vol. I - p. 147.

Como vimos, a partir do final do século XIX, as motivações ideológicas (de modernização e progresso), bem como as de ordem tecnológica permitem uma considerável produção de manuais domésticos de etiqueta e de higiene, que influenciam significativamente a maneira como os indivíduos lidam com o seu corpo, introjetando ou rechaçando práticas que transformariam, de maneira definitiva a relação dos sujeitos com seus próximos e, especialmente, consigo mesmo. Instauram-se novos conceitos, hábitos e sensações.

Além das publicações escritas por brasileiros -- ainda que claramente inspiradas pelos ditames europeus --, circularam, no seio das elites e das camadas médias urbanas em busca de pertença social ou preocupadas com a própria “degenerescência”, manuais portugueses, franceses, ingleses; e até mesmo os norte-americanos e suas respectivas traduções. De cunho científico e, ao mesmo tempo, dotados de aspectos essencialmente morais, tais textos imprimem a força de sua presença em uma nação em que é preciso extirpar o que há de decadente para se desenvolver:

“O Brasil é um país de doentes no sentido literal da expressão. A nossa miséria financeira e econômica é o reflexo da desnutrição orgânica que converte a maioria dos nossos concidadãos em inúteis unidades sociais, incapazes de concorrer com a quota do seu esforço para a riqueza comum. A nossa incapacidade militar é o resultado sintético da fraqueza física de uma enorme população rural estiolada pelos germes da moléstia. A nossa falta de energia moral é o precipitado ético da deterioração cerebral e nervosa e um povo inválido.” (PENNA, 1912 apud THIELEN & SANTOS, 2002).

Germes, deterioração. Os avanços tecnológicos não se resumiam às facilidades da imprensa, que permitem a grande circulação de manuais domésticos e revistas que anunciam produtos para o corpo. Agora a tecnologia é científica: conhecimento irrefutável por conta dos métodos comprobatórios que o advento da microbiologia possibilita. Dessa maneira, ao discurso ético e moral que já figurava em manuais anteriores, agrega-se as “verdades científicas” ora descobertas, reveladas. Se tomarmos, como exemplo, o livro *O Lar e a Saúde da Família*, veremos em sua primeira página, em destaque:

“organizado por uma comissão de construtores e médicos”.

Sabemos, no entanto, se tratar essa obra de uma publicação de origem religiosa, onde os aspectos morais são notadamente marcantes. Quando os protestantes se instalaram no Brasil, na virada do século XX, os *Adventistas do Sétimo Dia* inauguram, em São Paulo, a Casa Publicadora Brasileira, responsável pela tradução e distribuição de escritos da religiosa Ellen G. White¹⁶, que muito além das questões espirituais, se preocupou também com o modo de vida terreno das pessoas.¹⁷

Igualmente, outros trabalhos que se apresentam como “leitura científica”, trazem nesse momento, além de recomendações de cuidado com o corpo (baseadas em procedimentos químicos por exemplo) uma carga significativa de valores morais, demonstrando que não se podiam dissociar da matéria, os princípios éticos e de costumes das questões científicas.

¹⁶ Embora ela não tivesse, pessoalmente, “assinado” todas as obras que ali eram impressas, por tratarem-se de compilados de textos e discursos da autora durante sua vida.

¹⁷ A preocupação com os aspectos espirituais e mundanos dos indivíduos ainda é motivo de grande atenção por parte dos que seguem a religião adventista. Além de manter a fé e o estudo cristão, os fiéis são orientados a seguir uma dieta vegetariana e o mais livre de conservantes possível, a fim de manter as funções corporais equilibradas, de maneira sadia. Também são aconselhados a evitar excessos na aparência -- revelando que o fator moral continua, nesse caso, altamente ligado aos aspectos estéticos do corpo: nas instituições adventistas é pedido que seus membros se vistam com discrição. As mulheres, por exemplo, não devem se ornamentar com brincos (ou outros tipos de jóias chamativas) e nem maquiar-se, para que sejam evitados os apelos à sedução, que as desvirtuaria.

Em 1915, o manual português vendido no Brasil, cuja imagem da capa está acima, recomenda interessantes cuidados corporais para mães e filhos. O seio materno que estiver gretado pela amamentação deve ser lavado com ácido bórico, água com sal ou água oxigenada, para que se cure rapidamente. Logo após o parto, o cuidado higiênico com o corpo do nascituro com água morna pura ou misturada com um cálice de álcool ou vinho branco, vestindo-o e agasalhando-o em seguida. No entanto, no mesmo volume, sobre a fecundação, podemos ler:

“O uso moderado dos prazeres carnaís para satisfazer as necessidades da natureza é favorável à fecundação (...) Há diferença entre macho e fêmea, esposo e esposa. Os primeiros só atendem ao gozo animal; nos segundos, entra o amor e o prazer moral. Acima destes, há ainda o pai e a mãe. O pai é superior ao esposo; o esposo é superior ao macho homem. A mãe é superior à esposa, esta é superior à fêmea. Tudo isto sob o ponto de vista da moral e da reprodução. Os que servem dos prazeres do amor como esposos são mais favorecidos sob o ponto de vista da fecundação do que os que não são casados. Nestes últimos, a mulher raras vezes chega ao espasmo genésico, e é neste espasmo que, muitas vezes, se realiza a concepção.”

Vemos, portanto, que atributos científicos e morais não se dissociam nos textos e tampouco no imaginário do que significaria ser “racional” nesse momento histórico: afinal o uso benéfico ou o mau uso das práticas podiam desgastar as forças, debilitando e degenerando o próprio corpo.*

*Daí se fundamentariam, dentro da higiene, as teses da eugenia - mencionadas também em muitos manuais e outros textos relativos às práticas corporais.¹⁷

Sendo assim, era possível encontrar um manual que tratasse de descrever “as moléstias do tecido celular”, tema supostamente médico, escrito por clérigo; como era o caso do livro *A Minha Cura D'Água*, do religioso Monsenhor Kneipp que, em 1896 era editado pela quarta vez no Brasil e pela 50ª vez no original alemão.

Nota-se que muitos desses manuais de autoria “leiga” mesclavam, ainda, além dos conceitos apropriados pela moderna ciência e pela microbiologia somados aos atributos morais já mencionados, as antigas teoria dos humores -- o que dava origem às mais diversas orientações e recomendações relativas à higiene e aos cuidados com o corpo:

"Suor fétido nos pés: 'Sim, este suor que com tanta tenacidade se me tem fixado nas plantas dos pés é uma cruz que me acompanha a toda a parte' -- é o que se ouve a um grande número de pessoas. 'Muitas vezes alguém tem os pés gelados, bem depressa sente-se um grande ardor e picadas e, por último, este suor pestilencial'.

*Tudo isso é verdade; porém ainda muito piores são as consequências que produz quase sempre a supressão violenta do suor dos pés. Conheço um cavaleiro que, para se livrar do suor dos pés, lavava-os todos os dias com água fria; o suor desapareceu completamente, os efeitos porém, foram muito piores que a causa, pois desenvolveu-se uma enfermidade perigosa. E como podia ser diversamente? O bom senso nos diz que para fazer sair a raposa para fora da toca, não se deve tapar a entrada desta; quem assim fizesse, expor-se-ia às risadas de todos. O suor dos pés é outra coisa senão humores pútridos que empestam e envenenam os vasos que os contém, donde provém o fedor pestilencial que torna insuportável a presença dos que tem esse mal, fugindo de perto deles os homens e até os animais."*¹⁸

É evidente que, na medida em que se arregimentavam as bases do conhecimento científico, tais teorias iam sendo suprimidas e abandonadas. Pode-se suspeitar, no entanto, que as diversas práticas corporais aprendidas a partir dos ensinamentos feitos anteriormente coexistissem com as novas práticas que vão sendo introduzidas e incorporadas por outros autores, dado o espaço temporal entre a produção e divulgação de determinado conhecimento a sua alteração ou negação ser curto. Assim, ao mesmo tempo em que um autor recomenda algo, outro pode aconselhar procedimento diverso. E, com o passar do tempo, na medida em que as aclarações comprobatórias da ciência tornam-se irrefutáveis, os profissionais ligados diretamente à higiene e à saúde tem seu

¹⁸ KNEIPP, 1896, p. 229-230.

papel muito mais valorizado no espaço social comum, de maneira que a maioria dos trabalhos sobre higiene dos períodos vindouros são de autoria médica. Em um momento em que os intendentos, funcionários especializados e até mesmo delegacias passam a ser responsáveis pela fiscalização do cumprimento das determinações de higienização urbana¹⁹ -- aprimorando-se o corpo de profissionais especializados para lidar com o tema --, o médico torna-se a principal figura de autoridade sanitária, detentor máximo e inquestionável da ciência, que se arroga o direito de “controlar, administrar a população para a vida ou para morte, em sua razão de ser, em nome da razão de estado”.²⁰

¹⁹ Desde 1890, a Municipalidade do Rio de Janeiro, nesse contexto, já havia instaurado *Código de Posturas*, que regulava, de forma pormenorizada, diversas atividades urbanas (especialmente as de hospedagem e da criação de animais). As leis tentavam evitar que pessoas suspeitas, degeneradas, vagabundos, ébrios, desocupados e desordeiros em geral fossem hospedados na cidade, além de, por exemplo, afastar do centro as oficinas de curtume ou proibir a criação de porcos no quintal das residências, e determinar que as casas tivessem suas paredes revestidas de cal, suas cozinhas e banheiros azulejados e ventilados, assim como as demais dependências das estalagens. Daí a necessidade desses profissionais, detentores do conhecimento técnico-científico, para fiscalizar o cumprimento das determinações sanitárias na urbe.

²⁰ OLIVEIRA, Letícia Fagundes. *A Cruzada Eugênica no Brasil: Eugenia e Sexualidade nas décadas de 20 e 30* - p. 02.

A problemática envolvendo os discursos de autoridade médica “contra” as práticas leigas sem fundamentação científica, durante tanto tempo, resultou na difusão de uma popular obra norte-americana, traduzida em diversos idiomas, publicada em 1941, chamada *Se os médicos não acreditam, por que crê você?*

O prefaciante da edição brasileira, Dr. Alencar Barros, demonstra enfaticamente o incômodo causado pelas publicações leigas à comunidade médica, empenhada na propagação de um discurso científico incontestável, do qual provava ser detentora absoluta:

“Digo, com sinceridade, foi com pessimismo que iniciei a leitura do livro do Dr. Thomen, pois pensava tratar-se de algum trabalho mais ou menos charlatanesco, como acontece com a maior parte dos livros de medicina popular. Confesso, porém, que estava enganado.*

O livro do Dr. Thomen é realmente um trabalho honesto e interessante, cheio de magníficos ensinamentos muito úteis à evolução do nosso povo no ponto de vista da saúde (...), apontando, o autor, fatos e não doutrinas, como infelizmente se verifica na maior parte dos trabalhos de cunho popular(...).

Quanto ao tratamento empírico, feito com remédios apontados pela propaganda comercial, absolutamente charlatanesca -- verá o leitor que constitui uma das grandes causas da diminuição da vida humana, por transformar moléstias facilmente curáveis em processos crônicos de difícil ou impossível solução. É esse curandeirismo vergonhoso (...) uma das grandes causas do aumento do câncer, (...) de grandes inflamações (...) etc. que poderiam ser evitados se fossem tratados nos seus primórdios com o verdadeiro rigor científico, combatendo suas causas, acima de tudo.

O Dr. Thomen trata de todos esses pontos com absoluta honestidade, combate conceitos fósseis, absurdas superstições do passado, esclarece, guia e orienta o leitor em inúmeros problemas de interesse prático no [sic] ponto de vista da saúde.

Por isso tudo, achamos utilíssimo o seu trabalho, já aceito com entusiasmo nos Estados Unidos e na Inglaterra. No Brasil, estamos certos, não terá menor repercussão e contribuirá poderosamente para a melhoria do nosso povo.”

* autor da obra citada.

De qualquer maneira, o desejo por publicações dessa natureza fazia com que o espaço editorial permanecesse aberto para médicos e leigos, seja em manuais, seja em revistas. Na medida em que os médicos se apropriam do discurso científico como lhes sendo legítimo, os leigos, ainda que também escrevessem os manuais, figuram com mais assiduidade nas revistas, onde podem dedicar-se também aos aspectos que dizem respeito ao embelezamento do corpo (que também era considerado higiênico; e não somente à higiene voltada para a preservação da saúde); terreno fértil para suas

orientações, considerações e para que o historiador possa compreender como as práticas corporais e os cuidados de si refletem os valores da sociedade.

As revistas, publicações de mais fácil aquisição e leitura -- por serem mais baratas, já que tinham suas tiragens mensais, quinzenais ou semanais -- ainda que pudessem atingir, supostamente, a um maior número de pessoas, refletiam, assim como os manuais pregavam os moldes das camadas mais elitizadas; valores convenientes na busca de reconhecimento e de pertença social por parte de seus consumidores.

Vejamos o que diz Marinette, da seção de moda da Revista Feminina de outubro de 1922:

A primavera, neste ano da graça do Centenário [da Independência] teve uma entrada bela e distinta. Toaletes as mais variadas, de preços, fabulosas, lindas, ricamente guarnecidas de originais aplicações: chapéus à Maria Antonieta, tagal, bicornos, ornados alguns de plumas, porém, a maioria de flores (...)

Nas festas populares, geralmente a classe alta, política, finanças e sangue [sic] não costuma aparecer, porém, nas festas do Centenário, essa classe, tão ciosa de suas prerrogativas, correu em massa nos parques, jardins e avenidas. Ela constituía a nota característica, não só pela riqueza das toaletes e da beleza dos seus automóveis e luxo, como também pelo entusiasmo patriótico de que se achava possuída. Aplaudia, aplaudia com delírio o exército que passava, com devoção ao hino pátrio e num fanatismo comovedor à bandeira, orgulhosa e triunfante, levada pelos soldados e escoteiros. Como era belo e tocante aquele grandioso espetáculo!"

Tivemos importantes revistas que marcaram época, ditaram moda e ofereceram todo o seu didatismo em matéria de cuidados com o corpo para adultos: *O Malho* (1902 - 1930), *a Revista Feminina* (1914 - 1936), *A Cigarra*, *Revista Mensal O Echo* (antes chamada *O Echo Phonographico*; circulando entre 1904 a 1918) etc. Diversas matérias e, especialmente as propagandas professavam as mudanças desejadas e ocorridas no cenário social, contribuindo para a formação de novas estéticas.

"A divinal Atriz Abigail Maia e o Orvalho da Beleza:

Ao distinto (...) Umbelino Lopes ofereço esse retrato como prova de amizade e gratidão por ter encontrado a 8ª maravilha do mundo, que é o Orvalho de Beleza cujo uso correto operou-se de tal forma em mim que consegui uma cútis macia e puramente aveludada, com o uso apenas de 2 frascos. Além disso, faço uso constante desse preparado sublime, abandonando por completo outros preparados similares, que ficam a perder de vista diante do maravilhoso Orvalho de Beleza. S. Paulo, 23/11/1914".

Correio da Semana, 1914.

"Devem sempre preferir as especialidades puras e garantidas do Laboratório Químico Industrial G. Vianna (...)
'Wolly, fórmula inglesa' dá cabelos, extingue a caspa, ondeia os cabelos, evita a queda. O que mais realça na beleza das mulheres é uma bela cabeleira e para consegui-la é bastante usar esse magnífico preparado. O creme 'Carícia de Flor' dá a cútis a alvura do lírio e a maciez do veludo. Tira manchas, panos, sardas, espinhas e todas as moléstias da pele, embelezando-a e amaciando-a.
Para o banho, use sempre 'Água de Colônia e Sabonete Nina."

Revista Mensal O Echo, 1916.

Na esteira do progresso, o cidadão da Belle Époque, assim como a própria cidade, faz transparecer prosperidade não só pela conduta, mas pela imagem de si, que contempla, principalmente, a "hygiene", que até a década de 40, além de asseio, confunde-se com cosmética, com ortopedia e, inclusive, com eugenia -- já que a escolha de valores morais e de indivíduos mais capacitados são elementos imperativos para a condução do progresso no país, evitando a degenerescência em todos os níveis.

Num cenário em que a publicidade, pouco a pouco, torna-se a fonte de sustento das publicações (na medida em que os meios de comunicação de massa são peculiares, visto que, ao mesmo tempo em que são públicas no seu aspecto informativo, são instituições privadas; empresas que visam lucro para seus proprietários), os profissionais do mundo das letras veem-se redirecionados em suas tarefas, atuando também nas funções requeridas pela presença dos reclames nas páginas editadas. As atividades publicitárias estavam ligadas às próprias revistas (e aos jornais, igualmente). Tanto os anúncios quanto o texto dessas publicações trazem técnicas corporais que merecem nossa atenção por trazerem conselhos médicos ou simplesmente embelezadores, que nos dão um panorama de como se foi configurando o corpo do indivíduo moderno.

O fato de aceder ou não a tais escritos pode haver determinado o fazer ou o deixar de fazer nas camadas sociais mais diversas em nosso país; de forma que determinadas práticas podem ter sido incorporadas ou nunca conhecidas em determinadas regiões do país ou grupo social. Podemos imaginar que os pernambucanos pesquisados pela Faculdade de Odontologia foram mais expostos aos anúncios de escovas e pasta dental, publicados pela mídia, do que a outros materiais de publicação mais elitizada, onde o saber formal sufoca os costumes populares que tanto causaram estranhamento aos futuros odontólogos recifenses em pleno século XXI.

CORPO CIVILIZADO, higienizado e embelezado.

“Nem pedra nem calhau, mas ossos do meu país.”

Michelet ²¹

Dentre as dimensões do saber e do fazer histórico, o século XX nos traz novas possibilidades de atuação: a história do corpo é uma delas.

A partir do ano de 1929, com o movimento conhecido como *Annales*, a história ilumina-se, ao mesmo tempo em que lança luz a outros aspectos da história que, até então, se debruçava sobre os grandes nomes e seus feitos. Marc Bloch²² destaca a necessidade de um fazer histórico diferenciado, integrando novos objetos de estudo a fim de fazer uma “história dos homens, uma história total, uma história global”²³. O corpo, portanto, surge da escuridão para nos ensinar, finalmente, que possui história -- e que, da mesma maneira, a história possui corpos que a constroem, atores no espaço e no tempo: a história “incorpora-se”. A ampliação dessa nova possibilidade de compreender histórico se deve ao fato de que, com os *Annales*, a história pode ser entendida em sua longa duração, onde a sensibilidade acerca da vida material e espiritual nos remete à ordem de novos saberes e novas dimensões da História. A história foi, por muito tempo, “despojada de seu corpo, de sua carne, de suas vísceras, de suas alegrias e desgraças.”²⁴ Portanto, a história do corpo se revela a partir do próprio fato de “conceber”, entender e

²¹ in: LE GOFF & TRUONG, *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro, 2006.

²² BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*, Rio de Janeiro, 2002.

²³ LE GOFF & TRUONG, 2006, p. 16.

²⁴ *ibidem*, p. 10.

contextualizar o corpo, o seu lugar e seu significado na sociedade, o que ele representa nesse imaginário social e como se dá a sua vida cotidiana. Todas as suas transformações nos dizem muito sobre o tempo histórico a que nos dedicamos conhecer e registrar pelo “fazer histórico: “o corpo é o ator de um drama”²⁵. Sendo assim, a maneira de se “vestir, de morrer, de se alimentar, de trabalhar, de morar, de habitar sua carne, de desejar, de sonhar, de rir ou de chorar”²⁶ são considerados objetos legítimos da história. Ou seja, o corpo pertence não somente aos domínios da natureza, mas também à cultura de uma sociedade em determinado espaço de tempo.

Segundo Mauss, o “corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem”²⁷ e suas técnicas -- as “técnicas do corpo”²⁸, ora investigadas pela história a partir de seu contato com as ciências sociais, que anteriormente já abarcavam os estudos do corpo -- nos dizem muito sobre como os indivíduos se servem de seus corpos, de maneira distinta ou semelhante, em cada sociedade, variando conforme as “educações, as conveniências e modas, os prestígios”²⁹.

Por “técnicas do corpo”, Mauss entende o vasto conjunto de práticas corporais, hábitos e maneiras que parecem naturais para os indivíduos da mesma sociedade e de um mesmo tempo, mas que na verdade, são historicamente construídas. O conjunto dessas técnicas, práticas, atitudes, comportamentos individuais são aprendidos em sociedade, mimeticamente -- ainda que pareçam “naturais” (o que comprova que são característicos de toda uma cultura, da sociedade inteira). Para Mauss, o estudo de tais técnicas corporais exige um distanciamento do pesquisador para compreender “seu caráter relativo”; difícil tarefa, pois observa que determinados comportamentos individuais

²⁵ *ibidem*, p. 15.

²⁶ *ibidem*, p. 15-16.

²⁷ MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, 2003, p. 407.

²⁸ *ibidem*. p. 412.

²⁹ *ibidem*. p. 404.

pouco evoluem ao longo do tempo, de maneira que, muitas vezes, nos parecem imperceptíveis, sugerindo uma história de longa duração. Por isso, reforça a necessidade de que estejamos atentos à forma pela qual conduzimos o objeto-corpo no “nascimento, obstetrícia, reprodução, nutrição, esfregação, lavagem e ensaboadura”³⁰, como já faziam os antropólogos, muito antes do ingresso dos historiadores nessa seara.

David Le Breton também se refere às técnicas do corpo ao mencionar a “produção das aparências”³¹. Igualmente, compreende a corporeidade humana como um fenômeno social e cultural, como um “motivo simbólico”, já que o corpo é objeto de representações e imaginário ao mesmo tempo em que é instrumento do “real” na medida em que todas as ações da vida humana envolvem a mediação da corporeidade: “antes de tudo, a existência é corporal”³². Para ele, o corpo, com seu arcabouço simbólico, torna-se instrumento de comunicação dentro de um grupo em que o indivíduo (o “ator”) está inserido, definindo as relações de pertença social: “o corpo existe na totalidade dos elementos que o compõe graças ao efeito conjugado da educação recebida e das identidades que levaram o ator a assimilar o comportamento social”³³. Enfatiza que essa aprendizagem não se dá apenas na infância, mas durante toda a vida, “conforme as modificações sociais e culturais que impõe ao estilo de vida, aos diferentes papéis que convém assumir no curso da existência”³⁴.

Com o início da antropologia histórica, o historiador congrega-se a Mauss ao notar que a sociedade impõe, de uma maneira bastante coercitiva, o modo pelo qual cada indivíduo fará uso de seu corpo, determinando suas técnicas. Daí “a necessidade urgente

³⁰ LE GOFF & TRUONG, 2006, p. 19.

³¹ LE BRETON, Davi. *A sociologia do corpo*. Petrópolis, 2007. p. 77.

³² *ibidem*, p. 07.

³³ *ibidem*, p. 09.

³⁴ *ibidem*.

[do] inventário e a descrição de todos os usos que os homens, ao longo da história e ao redor do mundo, fizeram e continuam a fazer de seus corpos.”³⁵

Os trabalhos de Norbert Elias são precursores na busca e registro temporal do corpo da Idade Média. *A Civilização dos Costumes*, uma sociologia histórica do processo civilizador nos mostra que os manuais de civilidade são fontes que registram a atuação dos indivíduos em sua sociedade, descrevendo atitudes corporais, gestos vestimentas, expressões modais; enfim, o comportamento que nos permite vislumbrar o “homem em seu conjunto”. Por meio de suas análises, o autor reforça que as funções corporais que temos como sendo naturais são, na verdade, construções culturais “históricas e sociais”.³⁶

Ao comentar as regras de civilidade descritas por Elias, Le Breton aponta o aspecto “comunicador” de tais funções ou práticas corporais: a mensagem que o corpo emite ao seguir os ditames normativos dos manuais. As regras de civilidade apresentadas impõe-se com força na busca por aceitação no grupo social: “como se comportar para não ser, não parecer um bruto.”³⁷

O comportamento e as práticas (corporais ou não) de uma sociedade são codificados por normas que se estabelecem dentro dos códigos sociais. Para Foucault, os agentes sociais que criam os padrões normativos encontram-se na própria mecânica interna de poder dos Estados Modernos.

Os mecanismos de controle social, nesses Estados, pouco a pouco deixam de fundamentar-se na obviedade dos dispositivos legais para arregimentar-se à margem deles, num sistema de normas -- que podem ou não estarem de acordo com as leis -- que se operacionalizam de maneira mais “sutil”, e ao mesmo tempo mais eficaz: a sujeição

³⁵ LE GOFF & TRUONG, 2006. p. 20.

³⁶ pois, como confirmam Le Goff & Truong, “a história de uma sociedade se reflete na história de cada indivíduo.” *Op. cit.* p. 21-22.

³⁷ LE BRETON, *Op. cit.*, 2006.

própria -- ou o desejo do próprio indivíduo a seguir as normas, de adequar-se a elas -- justamente no sentido de promover a própria pertença social.³⁸

Foucault nos ensina que as normas se sedimentam por meio de práticas discursivas -- ou não discursivas -- compostas de elementos teóricos e técnicas de submissão que residem no nível do conhecimento racional, que pode ser provado de forma inconteste. Portanto, no contexto que estudamos, os saberes que criam esses dispositivos provém, especialmente, dos enunciados de ordem científica.³⁹

Em *Ordem Médica e Norma Familiar*, Jurandir Freire Costa discute a instauração das normas, segundo Foucault, para fundamentar seu trabalho: “as práticas não discursivas são formadas pelo conjunto de instrumentos que materializam o indivíduo: técnicas físicas de controle corporal, regulamentos administrativos de controle do tempo dos indivíduos ou instituições, técnicas de organização arquitetônica dos espaços, técnicas de criação de necessidades físicas e emocionais.”⁴⁰

Tais “técnicas físicas de controle corporal”, bem como a “criação de necessidades” que motivam os indivíduos a relacionar-se com seu corpo de maneira distinta em cada espaço físico ou temporal, certamente é algo sobre o qual a História do Corpo deve debruçar-se.

³⁸ Não fosse esse fenômeno, não poderíamos explicar o porquê dos manuais de etiqueta e “bom-tom” terem tido o sucesso editorial que apresentaram, no próprio século XX (graças, também, aos processos gráficos se baratearam). Muitos indivíduos sempre estiveram em busca de conhecer as normas de conduta de seu tempo para agirem de acordo com o que se esperava em seu grupo social, ainda que tais normas significassem a contenção incômoda dos gestos, a permanência dolorida dos órgãos dentro de uma vestimenta da moda, ou ainda, permanecer com a pele gretada por cosméticos que a ressecavam em nome de apresentarem-se “de acordo” em público.

³⁹ A justificativa para esses dispositivos normativos é científica, porém, servem aos interesses sociais, políticos, econômicos. Jurandir Freire Costa afirma que “segundo Foucault, o século XIX assistiu à invasão progressiva do espaço pela *lei da tecnologia da norma*. O Estado moderno procurou implantar seus interesses, servindo-se, predominantemente, dos equipamentos de normatização que são inventados para solucionar urgências políticas.” (2004, p. 50-51).

⁴⁰ COSTA, 2004. p. 50.

A partir do início da República -- especialmente --, incrementa-se todo um aparato ideológico voltado para o controle das famílias e dos indivíduos (com vistas aos aspectos demográfico, social, político e ideológico) submetendo-os à disciplina da moral e da higiene.⁴¹

Na ideologia de progresso abarcada pelo Estado nacional, o controle normativo residia no fato de disciplinar a prática anárquica da concepção e nos cuidados dos filhos; na defesa da saúde física e moral dos indivíduos e de suas famílias: “executando-se a política do Estado em nome dos direitos do homem.”⁴² O autor ainda esclarece que, no mecanismo de ação geral sobre os indivíduos, seria a Higiene responsável pela moralização⁴³ das famílias menos abastadas e pela medicalização das famílias de elite.⁴⁴

Com a república, as elites brasileiras consolidam sua hegemonia como representantes da identidade nacional brasileira, aprimorando a imagem de seus corpos como indivíduos a fim de apagar o passado colonial. A civilização de seus corpos e de suas aparências seriam espelhos do progresso da nação. Por meio da modernização do corpo, os “atores” encontrariam a gratificação e o prazer de controlarem suas posturas,

⁴¹ Ainda que saibamos que essa sujeição é também voluntária, conforme verificado anteriormente, de acordo com Foucault; já que tais mecanismos de controle produzem e legitimam, por fim, sujeitos que se reconhecem e que ocupam dadas posições dentro da estrutura social ao deterem os saberes, as próprias formas de controle.

⁴² *ibidem*.

⁴³ Vale lembrar que a Higiene, nesse momento, contém, além de fatores que determinavam as práticas corporais em prol da saúde, um alto teor de valores morais, não se podendo distinguir um elemento do outro.

⁴⁴ A moralização dos costumes, do lugar e da apresentação dos corpos populares e a medicalização dos corpos de elite determinam, portanto, as práticas corporais das camadas sociais que se desenham no panorama republicano, no qual as elites se afirmam no poder. Muitos autores mostram que as normas relativas ao controle do corpo foram especialmente estabelecidas com a chegada da Família Real ao Brasil (1808). Costa destaca que o episódio marca o início da “reeuropeização” da sociedade brasileira com vistas ao desenvolvimento urbano, comercial e com a criação de um “Estado nacional” especialmente conduzido pela aristocracia portuguesa que aqui desembarcava -- juntamente da burguesia inglesa, desejosa de urbanização e do desenvolvimento dos hábitos citadinos entre as pessoas -- combatendo, pouco a pouco, toda a barbárie que se revelava no convívio social, que aumentara. Jantares, encontros de negócios e comemorações colocavam os corpos brasileiros em contato com os corpos estrangeiros. Havia que imitá-los. Havia que adequar nossos corpos e nossa estética aos padrões sociais pertinentes ao capitalismo europeu. Sendo assim, os indivíduos se deixaram modelar pela cidade, urbanizando e racionalizando seus costumes e os cuidados de si mesmos, “num gradual reconhecimento do papel do Estado na preservação da saúde, do bem estar e progresso da população.” (2004, p. 56).

sua limpeza e aparência, de modo que seus corpos se afinizassem aos demais corpos do mesmo grupo social, distinguindo-se, portanto, dos corpos pertencentes a grupos sociais alijados do poder político, econômico e cultural.

Já que o corpo higienizado é o ideal para a nação que se forma, há que se vigiar, há que se culpar quando as “verdades científicas” e seus ditames são ignorados. O indivíduo está civilizado quando passa pelos seguintes estágios da prática moralizadora: a criação de hábitos, seguido do sentimento de culpa e o julgamento dos outros:

“O indivíduo moralmente apto a conviver nesse sistema é aquele que se regule, em primeiro lugar, pelo hábito criado pela mecânica da culpa, pelos sentimentos de desvio moral com a relação social e, em terceiro lugar, pelo julgamento de seus pares iguais.”⁴⁵

Elegância, sofisticação e distinção, significantes já conhecidos de poder econômico e social, são reforçados como prazeres gratificantes para as camadas sociais mais abastadas; enxergando-se como diferenciada, intangível, legitimada porque seus corpos são vestidos e tratados como os dos avançados europeus. Conhecedores das práticas higiênicas, desenvolvem cuidados e técnicas irrefutáveis pelas leis da ciência; cuidados que lhes resguardam a saúde e a postura, que tornam seus corpos mais agradáveis e são, dia a dia.⁴⁶

O corpo higiênico é o corpo controlado, corpo moralizado -- subjetivamente, é na mesma medida, o corpo que deseja esse controle --, não dominado pelos excessos e

⁴⁵ COSTA, 2004. p. 200.

⁴⁶ Costa escreve que a medicina introduz a higiene como promessa de recompensa às famílias que seguissem as determinações da ciência, instaurando as práticas recomendadas: “idealmente, as famílias projetadas pelos higienistas dever-se-iam manipular acreditando serem respeitadas, abandonariam seus antigos privilégios [os de controle de seus próprios núcleos] em troca de novos benefícios, tornando cada um de seus membros, um agente da saúde individual.” (2004, p. 63)

pelas paixões. Trata-se de um corpo racionalizado, assim como a própria ciência. O equilíbrio das suas forças depende, portanto, de afastar tudo o que é animal, tornando esse corpo mais sofisticado, depurado, refinando as aparências e os modos. Tal equilíbrio tornaria o corpo mais vigoroso e, ao mesmo tempo, “ameno”: de força e vigor para o trabalho, mas “dócil” e sociável na convivência.

Era desejado o afastamento dos costumes das camadas mais pobres, negras, das pessoas tidas como gente degenerada e ignóbil.

“Dezenas de cornetadas estridulam no ar. É um cordão. Examinemos as pessoas que o compõe: são cozinheiras, vagabundos, raparigas pretas, desclassificados de todo naipe. Toda essa gente habita os porões infectos, são fungos da humanidade. O pão de amanhã não é um problema para essa ralé sofredora. Entretanto, são os que, pela aparência, os que mais se divertem. Ao som de uma orquestra bizarra de gaitas, lá vão eles dançando e cantando. A multidão os apupa, atira-lhes punhados de serpentinas amarfanhadas, chucha-os com a ponta da bengala; mas eles não tem tempo de vingar a afronta, porque só pensam em si, no esforço de criar uma alegria tão distante de sentir.”

Excerto retirado da *Revista Feminina*, 1915 in: MASCARO, 1982.

As mães, responsáveis por educar a raça brasileira, de futuro promissor, modernamente civilizado, são aconselhadas a deixar de servir aos seus filhos “o leite corrupto da ama negra”, para não contaminar o futuro cidadão.⁴⁷ Aos adultos também era recomendada uma dieta que equilibrasse os ânimos, para que o corpo estivesse saudável e os humores temperados.

Além da alimentação, a educação física também passou a ser um dos investimentos do cidadão na busca do aperfeiçoamento de seu corpo e de seu “vigor”. Natação, esgrima, equitação, canto, dança, piano trariam benefícios ao desenvolvimento

⁴⁷ Sobre as mães e o cuidado com as crianças e a puericultura falaremos no capítulo “Futuro da Nação”, mais adiante.

físico, ao mesmo tempo em que faria com que o corpo se “naturalizasse” aos movimentos próprios dessas atividades, signos da elite.

O corpo higiênico contava com um arsenal de técnicas, de cuidados de si. Os seus “atores” tomavam consciência de seus predicados. Nesse importante momento de definição e consolidação dos papéis político-sociais, aflora-se a consciência nacionalista, de raça e, conseqüentemente, de racismo (como mostrado anteriormente). O corpo forte, vigoroso, moral e higienicamente adequado é o corpo branco:

“... e ainda assim porque entendemos que destarte alcançaremos transplantar para o nosso país esses modelos de grandeza e robustez que nos cita a história entre os celtas, germanos, gauleses etc.; mas por pensarmos que habituando os meninos a essas práticas [as técnicas corporais higiênicas] podemos formar homens que não se curvarão às contrariedades que nos assaltam a cada instante.”⁴⁸

Pelo mecanismo da culpa (também mencionado anteriormente), os indivíduos são motivados a regular seus corpos conforme as verdades inquestionáveis da higiene, modulando-os de acordo com as técnicas médicas amplamente discutidas e disponibilizadas. Ao dedicar-se às novas práticas civilizatórias e racionalizadas da ciência, não somente a nação se beneficiaria, com o progresso de seus representantes, mas também o próprio indivíduo desfrutaria da recompensa, em sua própria carne:

“Os preceitos higiênicos têm uma influência direta e positiva no desenvolvimento (...) da saúde e vigor, eles alongam os limites de sua existência, tornam mais ampla a sua reprodução, dão mais atividade e retidão à

⁴⁸ Joaquim Pedro de Melo in COSTA, 2004. p. 209.

*sua moral, donde provém aumento da longevidade (...), melhoria dos costumes privados e da moral pública.”*⁴⁹

Se nos dias atuais o conceito de higiene nos remete, imediatamente, a ideia de asseio, a partir do século XIX e durante as primeiras décadas do século XX, a palavra “higiene” tem um significado mais amplo. Tratava-se de um ramo da medicina. Em Vigarello, vemos que a higiene é uma palavra que, nesse momento, ocupa um lugar inédito na história (2006. p. 186):

“Já não é o adjetivo que qualifica a saúde (hygeinos - o que é ‘são’), mas o conjunto de dispositivos e saberes que favorecem sua manutenção. É uma disciplina específica dentro da medicina. É um corpo de conhecimentos e não mais um qualitativo físico -- vínculos com a fisiologia, a química e a história natural. Impossível evocar uma tal disciplina sem lembrar uma certa exigência de rigor. Impossível pensá-la sem fazer dela um ‘ramo’ específico do conhecimento médico.”

Os manuais de conservação da saúde e até mesmo de etiqueta, com os quais trabalharemos nessa pesquisa, tornam-se, portanto, manuais de higiene.

Em nossa análise, veremos como os corpos do indivíduo da urbe, de elite e também das camadas médias, se transformam, como são entendidos, e como suas aparências são construídas. O corpo, socialmente constituído, é a própria representação da pessoa, da elite, dos seus valores. O corpo higiênico, medicalizado, funciona no cenário social da modernidade, de acordo com a elaboração cultural que lhe convém. Ao

⁴⁹ Relatório da Comissão de Salubridade Geral da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro sobre as causas da infecção da atmosfera da Corte, aprovado em sete de dezembro de 1831 in COSTA, 2004. p.11.

mesmo tempo, as práticas corporais também dão conta da questão estética dos indivíduos. Nas palavras de Denise Bernuzzi de Sant'Anna, “compreender essas mudanças implica perceber as coerências das representações que, ao longo do tempo, acentuam a repulsa pelas aparências consideradas feias.” (SANT'ANNA, 1995. p. 121).

As práticas higiênicas regravam os cuidados com o corpo, e delas se desdobravam outras práticas corporais que denotavam cuidados com o físico, a representação social de si. Esses cuidados com o corpo, muitas vezes portanto, transcendem os limites da higiene, especialmente se considerarmos o sentido moderno da higiene, que está intimamente relacionada ao asseio e à limpeza (VIGARELLO, 2006. p. 167):

“É na individualização, e também no artifício, às vezes sistemático, que se aprofundou a beleza (...) a ideia sempre mais aguçada de que a beleza se constrói pela técnica e os materiais. Daí a conversão definitiva dos instrumentos cotidianos. A maquiagem, por exemplo, torna-se objeto fundamental, verdade última, realidade encarnada e não mais simples correção dos traços.”

Se a prática higiênica acaba por tornar-se realidade, um elemento capaz de trazer distinções sociais aos indivíduos que dela dispõe, os cuidados com o corpo que dela emanam e as ações que se desdobram no sentido de demonstrar saúde física e vigor, também são redefinidas e incrementadas, nesse momento histórico. Analisaremos, nesse trabalho, as transformações, as permanências, as modulações do corpo civilizado, higienizado e embelezado desde o final do século XIX até anos 1930 -- momento em que estão no poder político, econômico e financeiro a elite agrária, que deixa o interior e passa a habitar as cidades, sendo influenciadas pela dinâmica da urbe moderna, onde atuam (e igualmente se modificam, se refinam) os demais “atores sociais” -- profissionais liberais, intelectuais, prósperos comerciantes, funcionários públicos, militares de alta

patente -- que, na convivência propiciada pela socialização nas cidades, também tentam colocar-se e valorizar suas presenças por meio de seus corpos higienizados.

A FINA FLOR DA PELE: banhos, perfumes, odores e texturas.

"O doente torna-se o escravo dos sãos e a impossibilidade de reagir faz dele um vencido na vida!" ⁵⁰

As palavras acima, presentes no anúncio expressam de maneira muito interessante, o significado da importância de se cultivar a saúde, da superioridade do são

⁵⁰ Anúncio (conforme ilustração) retirado da revista *A Cigarra*, maio de 1937.

sobre o degenerado; que, atrasado, acaba submetendo-se por faltar-lhe a força e o vigor que somente a saúde seria capaz de proporcionar.

Para se ter saúde, a ciência moderna explicava que seguir os preceitos de higiene era imperativo. Vejamos o que diz o Dr. Afrânio Peixoto sobre o conceito e a importância da Higiene:

“A HIGIENE, estudo da saúde e dos meios de lhe obter a conservação, constitui, de há muito, e cada vez mais, uma preocupação de todos os governos, das corporações docentes, dos pedagogos. Todos estão convencidos de que, em tempo, se obtém facilmente da educação popular o que, a más horas, não se consegue mesmo da Medicina, ainda tão deficiente e, por vezes, incapaz. Já passou em provérbio que é melhor prevenir que curar (...) É por isso que em todos os cursos primários, secundários e normais da Europa e da América do Norte, noções de higiene são dadas aos alunos, como sequência lógica do estudo das ciências físicas e naturais (...) Num país novo em que tudo está quase por fazer, para a proteção dos que o habitam, para a confiança dos imigrantes e capitais que o procuram, pareceu esforço patriótico esse de dotar as nossas escolas de um livro que propaga ideias e conhecimentos úteis, em bem de saúde.”

Os manuais de saúde e higiene confirmavam a necessidade de se empreender esforços na evolução da pátria, do povo brasileiro, doente, por meio do que a ciência trazia como solução: a higiene, o asseio, os cuidados corporais. Nessas publicações, os manuais de saúde e de etiqueta, “a sujeira era considerada a irmã de todos os vícios e

crimes”⁵¹ -- as práticas corporais estavam, como já discutimos anteriormente, estritamente ligadas aos valores morais do indivíduo, além do que tange à aparência do corpo asseado. “Uma casa deveria ter uma banheira, um equipamento para ‘banho de chuva’, como eram chamados os chuveiros de então, ou ao menos uma larga bacia de ágata”.⁵²

Ainda que o abastecimento de água, no início do século, estivesse longe de chegar à maioria⁵³, os manuais e revistas, por meio, principalmente de suas propagandas, chamavam atenção para a necessidade imperativa do banho diário⁵⁴. Podemos imaginar que a prática de se banhar todos os dias não era usual para muitos dos indivíduos. Ao mesmo tempo em que circulavam tais escritos, circulavam também manuais (produzidos no final do século XIX) que diferenciavam o ato de lavar do ato de banhar -- bem como a assiduidade de cada um -- o que fazia com que muitas pessoas cressem que um banho semanal fosse suficiente:

⁵¹ ASHCAR, R. e FARIA, R. *Banho. Histórias e rituais*. p. 56. No manual *Como se pode prolongar a vida* (p. 96), lemos que “a falta de limpeza degrada o homem no físico e no moral.”

⁵² *ibidem*.

⁵³ Na metade do século XX, apenas 21% das casas eram abastecidas com água encanada. Somente na década de 70, época do “milagre econômico”, o serviço começou a se ampliar mais rapidamente. Em 2008, pouco mais de 80% dos lares urbanos são providos com água encanada. *Fonte*: Jornal O Estado, 18 de setembro de 2009.

⁵⁴ Em *Como se pode prolongar a vida* (KAUCHFFMAN, p. 94), lemos: “A limpeza e os cuidados dados à pele são meios poderosos para prolongar a vida (...) A limpeza da pele desembaraça-nos de tudo o que o organismo lançou para fora, como sendo para ele inútil ou nocivo, e de todas as impurezas que vieram ao exterior, depor-se sobre nós. A toalete da pele é uma das partes essenciais da limpeza, e consiste em dar a pele, a partir da infância, tais cuidados que se conserve ativa, viva e permeável. Não devemos, com efeito, considerar o nosso invólucro cutâneo como um simples manto destinado a nos proteger do sol ou da chuva, mas devemos ver nele um dos órgãos mais importantes do nosso corpo, cuja incessante atividade e permeabilidade são indispensáveis à nossa existência, e que, quando se não toma cuidado, se torna a causa de numerosas doenças mais ou menos fatais à vida.”

“Abluções⁵⁵ - todos os dias se deve lavar o corpo inteiro com água fresca e ao mesmo tempo, friccionar vivamente a pele, que lhe dará muita vitalidade e permeabilidade.”⁵⁶

E então:

“Banhos - é necessário banhar-se em média uma vez por semana na água morna, à qual se pode juntar uma dissolução de água e sabão.”

Vera Lúcia Cleser, em 1913, se questiona; e em seguida, responde, categoricamente:

“Estão longe os tempos que em que somente por ordem do médico se tomava banhos? Hesito em dizer que sim (...) Os homens pouco asseados aviltam-se, porque a sujidade é indecente e tem afinidade com todos os vícios e crimes. Os ingleses afirmam que se pode medir o grau de civilização de uma família pela quantidade de sabão que ela gasta.”⁵⁷

Em meio às preocupações sanitárias (combater epidemias, como a cólera e a febre amarela, por exemplo), novidades tecnológicas da indústria da higiene e da beleza se multiplicam no mercado brasileiro, fazendo com que as sensações físicas individuais

⁵⁵ Segundo o Dicionário Aurélio (versão eletrônica completa para iPhone, 2011), “ablução” é um tipo de lavagem *“de todo o corpo, ou de parte dele, com esponja embebida em água ou com toalha molhada”*. Segundo os padrões de higiene que estabelecemos nos dias atuais, essa lavagem já não corresponde ao conceito de “banho” que ora utilizamos.

⁵⁶ *Como se pode prolongar a vida* (KAUCHFFMAN, p. 98).
Note-se que, na citação acima, não se faz nenhuma referência ao uso de sabão, sabonete ou qualquer outra substância que não fosse a própria água. Somente na citação seguinte, aparece a possibilidade de usar o sabão.

⁵⁷ CLESER, p. 68. Temos aqui uma variação do conhecido dito que afirmava que “se reconhece o grau de civilização de um **país** pela quantidade de sabão que consome”.

fossem mais e mais aprimoradas; sofisticadas. Não basta ser ou estar limpo e saudável. É preciso também -- e em primeiro lugar -- parecer limpo e saudável: é preciso “apropriar-se” do perfil do sujeito vencedor por dispor de saúde, robustez ou beleza ⁵⁸: superior aos degenerados, a quem lhes resta ser “escravizados” pelos mais fortes e capazes. Assim sendo, é necessário banhar-se!

O *Compêndio de Higiene*, de Fontenelle (1925), descreve, detalhadamente, as características dos banhos, de forma bem elementar (bastante óbvia para o leitor atual), de modo a categorizá-lo e apresentá-lo didaticamente; como se esse processo precisasse, efetivamente, ser explicado para que o leitor melhor empreendesse a sua prática:

“Pode a água ser empregada no asseio total do corpo ⁵⁹, no asseio de uma parte, como o rosto, por exemplo, ou na limpeza de uma das grandes cavidades abertas para o exterior. São essas diferentes operações higiênicas denominadas: banhos, no primeiro caso; abluções, no segundo; e finalmente, lavagens, no último.

Os banhos são ordinariamente distinguidos, em relação à temperatura d’água em muito frios, quando a temperatura é inferior a 15°; frios, de 16° a 20°; frescos, de 21° a 25°; tépidos, de 26° a 30°; mornos, de 31° a 35°; quentes, de 36° a 40°; e, finalmente, muito quentes, acima de 40°. Quanto à sua eficácia na dissolução e arrastamento das substâncias acumuladas nas afractuosidades da pele, tanto mais alta for a temperatura, melhor; mas como atua diversamente a água sobre os organismos, consoante essa mesma temperatura, convém analisar a ação

⁵⁸ Em nosso capítulo sobre os cuidados com o rosto, a seguir, mostraremos como o conceito de beleza está relacionado à obtenção e conservação da saúde.

⁵⁹ Em algumas publicações, esses banhos são chamados *banhos gerais* ou *banhos totais*.

dos diferentes banhos. Atuam os banhos muito frios roubando considerável quantidade de calor ao organismo, pelo que contribuem para resfriar o corpo, tanto mais quanto for o renovo da água e maior a imobilidade do indivíduo, razão porque não se resfriam muito as pessoas que sempre estão em movimento no banho, como aqueles que nadam, por exemplo...”

Em seguida, Fontenelle indica cada tipo de banho, com suas várias temperaturas, para diferentes estados de saúde do indivíduo, explicando que, conforme aumentam-se os graus, mais dilatam-se os capilares e se produzem processos mais ou menos desejados em cada caso. Herança da hidroterapia, então muito conhecida e aplicada pelos leitores dos manuais médicos (especialmente do século XIX) ⁶⁰, a importância das sensações térmicas que a água provoca no corpo, bem como a divisão categórica dos nomes e respectivas temperaturas, bem ao gosto “classificatório” dos higienistas, aparecem como tema recorrente neste momento.

Além da temperatura, a “maneira como é aplicada a água para limpeza do corpo” também parecia importar. Os banhos de banheira são chamados de “imersão”; já os de chuveiro, recebiam por nome “aspersão”. Este último era mais aconselhável, segundo Fontenelle, por, além de gastar menos água, exercer “maior excitação” devido “ao choque da água sobre a pele.” ⁶¹ Havia também as “duchas”, que tinham um poder mais terapêutico que higiênico, dada a possibilidade de aumentar ou diminuir a pressão d’água por meio de jatos e também os “banhos de vapor”, também chamados “banhos turcos”, que, supostamente, eram mais “deprimentes” (segundo a hidroterapia, roubavam o vigor

⁶⁰ Apesar de se tratar de um manual médico, Fontenelle destaca que a hidroterapia constitui “arte especial até hoje [sendo] notável e importante conquista moderna terapêutica.” - p. 219.

⁶¹ FONTENELLE, p. 219.

do corpo, deixando o indivíduo num estado mais ou menos letárgico. Também eram propícios para combater as dores locais).

A seção *Cultura Física* da edição de outubro (1916) da *Revista Mensal O Echo*, reforça as propriedades termoterapêuticas do banho frio após os exercícios ginásticos:

“Passou-se meia hora [do término dos exercícios]. Um banho frio de chuveiro. Os resultados são imediatos. Sente-se outro, mais forte, mais vigoroso. E, passados alguns meses, nota-se o desenvolvimento de músculos, o melhoramento do apetite, e, enfim, as vantagens da cultura física.”

Não só a temperatura podia constituir parte do tratamento corporal nos banhos, mas também a fricção, que ajudaria na “circulação ativa” do corpo, promovendo vigor e saúde. Recomendam-se o uso de esponjas ou tecidos felpudos para a esfregação, que além de promover um tratamento eficaz, auxiliaria na remoção da sujeira.⁶²

Não é nossa intenção nos aprofundar nas utilidades terapêuticas do banho, mas é importante notar que, enquanto se discutiam essas propriedades relativas à água, e à pressão desta ou de demais objetos coadjuvantes no banho, os manuais ocupavam-se de mostrar, categorizar, especificar e instruir acerca dos diversas possibilidades de banhos, de maneira extremamente didática, sob os moldes científicos.

⁶² A remoção das sujidades nem sempre é algo mencionado nos manuais, fazendo parecer que a questão da circulação do sangue fosse ainda mais importante que a própria limpeza no começo do século XX. A esse respeito, nos diz o manual *Como se pode prolongar a vida* (p. 95) que “a pele é o órgão por excelência da depuração do nosso corpo. Incessantemente, a todos os instantes, evapora, auxiliada por milhões de pequenos vasos, uma massa enorme de produtos consumidos e tornados inúteis. Essa depuração está inteiramente ligada à circulação do sangue; graças a ela, uma grande parte dos elementos alterados do nosso organismo são expulsos para fora.” Daí podemos concluir a grande importância atribuída à circulação do sangue, especialmente por meio de fricções, no início do século, quando a ciência busca explicar a função de cada órgão; como, neste caso, a pele.

No manual *O Lar e a Saúde da Família* mostram-se várias formas possíveis de banhos, descrevendo-as e orientando o leitor sobre a forma correta de procedê-los (p.p. 409-19).

Alguns desses banhos são, segundo o conceito de Fontenelle, apenas abluções, aqui chamadas, simplesmente, banhos: “pedilúvios” (banho dos pés), “pernilúvios” (banho das pernas) etc.

Até mesmo o “banho de sol” tem seu lugar na tipologia dos banhos do manual.

Além de discorrer minuciosamente sobre a água e suas propriedades térmicas, um tema importantíssimo, é claro, era a substância que, com a água, promoveria a limpeza do corpo. O sabão (ou sabonete⁶³), como nos dias atuais, era o produto mais indicado para o banho. No entanto, havia até mesmo quem se banhasse com sal. No manual *O Lar e a Saúde da Família* (p. 419), escrito entre o final do séc. XIX e início do séc. XX, temos:

*“As fricções com sal beneficiam tanto aos doentes como aos sãos. Consistem elas em friccionar vigorosamente com sal não muito fino toda a superfície do corpo. É um tratamento vigorizador, que estimula a atividade da pele. O sal usado para esse fim deve ser previamente umedecido (...) Depois de friccionado todo o corpo, removem-se as partículas de sal que ficam aderidas por meio de esguichos ou de uma ducha ordinária.”*⁶⁴

No banho, a ação mecânica de friccionar o corpo, como notamos, era considerada fundamental. Fontenelle aconselha que, além do sabão, por seus efeitos químicos, se use também, escova. Essa combinação proporcionaria a “melhor limpeza e os melhores efeitos circulatórios”.

“A ação mecânica de englobamento das partículas sólidas é, todavia, muito ativo meio de asseio e de desinfecção, se for combinada ao efeito de arrastamento determinado por fricções com a mão, ou melhor, com escova. Água, sabão e escova constituem um processo

⁶³ Nos primeiros anos do século XX, as palavras sabão, sabonete ou sabão de toalete eram usadas indistintamente, não necessariamente significando que um tipo de produto era específico para as limpezas gerais e outro para ser usado no corpo durante o asseio. Assim, temos fontes que designam o significante “sabão”, simplesmente, com o mesmo significado de “sabonete” (também chamado “sabão de toalete”), como o concebemos atualmente.

⁶⁴ Interessante notar que, como foi mencionado anteriormente, o texto completo de onde o excerto foi retirado não faz referência, em momento nenhum, à limpeza da pele, muito embora isso ocorra naturalmente, por conta das “vigorosas fricções”; mas sim reforça a ideia de que um banho com sal é muito proveitoso “para os doentes, até mesmo os de cama”, por dar-lhes “vigor”.

mecânico de desinfecção da superfície cutânea que é muito mais útil, na prática, que a maior parte dos processos químicos.” ⁶⁵

Além da escova, o cidadão moderno, preocupado com sua perfeita higienização e saúde, poderia fazer uso, também das esponjas. As buchas naturais eram abundantemente disponíveis na própria natureza. No entanto, no começo do século, momento em que a indústria da borracha se destaca, surgem, no mercado uma “opção mais higiênica”: as esponjas de borracha.

ASSEIO E HIGIENE
Esponja de borracha "KLEANWELL"

É o último produto da progressista e cada vez mais desenvolvida indústria da borracha. Não obstante ter sido a olhada esta nova aplicação com alguma descrença no seu resultado, conseguiu ella vencer todos os obstáculos e é hoje um objecto de extraordinária extração. Estas es onjas são fabricadas numa forma muito commodas: oval, de diversos tamanhos e de aspecto agradável á vista. Não só resumem em si todas as vantagens das esponjas naturais, como ainda tem muitas outras, sem apresentar um só dos inconvenientes destas. As esponjas de borracha, macias como o velludo, muito porosa, embebendo e expellindo a agua como as outras, são facilmente conservadas limpas nunca chegam a ter aspecto repugnante. Muita attenção entre também a sua duração que comparada com a da esponja comum, é de vez maior, visto como os microbios que determinam as esponjas naturais, não podem nestas proliferar por falta de substancias que lhes dêem vida.

É essa razão por que as esponjas de borracha são adoptadas especialmente em casos de doença. A sua maciez augmenta-lhes ainda o valor e, por isso, avaliadas sob o ponto de vista econômico, são e serão sempre preferidas para os banhos e para toailettes.

PREÇOS LIVRE DE PORTE

N. 1.	3\$000	N. 2.	4\$000
N. 3.	5\$000		

*“ASSEIO E HIGIENE - Esponja de borracha ‘KleanWell’
É o último produto da progressista e cada vez mais desenvolvida indústria da borracha. Não obstante ter sido acolhida esta nova aplicação com alguma descrença no seu resultado, conseguiu ela vencer todos os obstáculos e é hoje um objeto de extraordinária extração. Estas esponjas são fabricadas numa forma cômoda; oval, de diversos tamanhos e de aspecto agradável à vista. Não só resumem em si todas as vantagens das esponjas naturais, como ainda tem muitas outras, sem apresentar um dos inconvenientes destas. As esponjas de borracha, macias como*

veludo, muito porosa, embebendo e expellindo a água como as outras, são facilmente conservadas limpas, nunca chegam a ter aspecto repugnante. Muita atenção entre também a sua duração que comparada com a esponja comum, é de vez maior, visto como os micróbios que determinaram as esponjas naturais, não podem nestas proliferar por falta de substâncias que lhes dêem vida. É essa razão porque as esponjas de borracha são adotadas especialmente em casos de doença. A sua maciez aumenta-lhes ainda o valor e, por isso, [ilegível] sob o ponto de vista econômico. São e serão sempre as preferidas para os banhos e toailettes.”

Anúncio retirado da revista *O Echo*, edição de janeiro de 1906.

⁶⁵ p. 220.

“Luva de Borracha Americana. Melhor para o banho. A fricção obtida pelo uso desta luva estimula a epiderme, produzindo um efeito salutar, pois remove as impurezas ao mesmo tempo que [sic] acelera a circulação do sangue.”

Anúncio publicado na revista *O Echo*, edição de maio de 1908.

Para os banhos de imersão, além do sabão, também podia ser utilizada a amônia, ou bicarbonato de sódio, produtos que, diluídos na água do banho, auxiliariam na limpeza do corpo. Se comprasse *Amônia Scrubbs*⁶⁶, com apenas algumas gotinhas no banho, a pessoa iria “se fortalecer”, “e não enfraquecer.”⁶⁷ Durante os primeiros anos do século XX, a amônia era vendida, para além dos fins de fabrico de produtos de limpeza geral.

A Amônia Yvany, mostra suas aplicações multi-funcionais (como era característico de muitos produtos nas primeiras décadas do século XX):

“Amonea Ivany. Aplicações:

Para o banho, para tirar a caspa, para brotoejas, para mordidelas de mosquitos, para limpar jóias, para limpar escovas e pentes. Indispensável em todas as casas.”

Anúncio retirado da revista *A Cigarra*, edição de novembro de 1929.

⁶⁶ Anúncio de julho de 1916, retirado da *Revista Mensal O Echo*.

⁶⁷ A propaganda tentava-se dirimir a ideia de que o banho de imersão, quente, podia enfraquecer o indivíduo, retirando-lhe o vigor e diminuindo-lhe as forças.

Na busca de fazer com que o hábito do banho se tornasse um cuidado diário, que propiciasse sensações prazerosas e que fosse reconhecido como um tratamento que promovesse saúde e beleza à pele, circulavam, especialmente para as mulheres, algumas “receitas” de banhos que prometiam eficazes resultados; num tempo em que tomar banho ainda não significava, necessariamente, a presença constante do sabão!

“A higiene e a saúde serão sempre as principais bases da verdadeira formosura (...) Para conservar e aumentar a beleza, não há nada mais eficaz do que os banhos diários (...) Receitas de alguns banhos:

Banho aromático

Espécies aromáticas (1000 g.), bicarbonato de sódio (250 g.) e água fervida. Por de infusão as espécies em água fervida durante meia hora e depois filtrá-las. Dissolver neste líquido o bicarbonato de sódio e deitar esta mistura no banho que se deseja tomar.

Banho de Beleza

Cevada molhada (1000 g.), arroz (500 g.), Hervilhaca em pó (1500 g.), farelos ou sementes (4 Kg.), flor de borragem e goivos (10 punhados). Ferve-se tudo em água suficiente e deita-se no banho ainda quente. Não há nenhuma fórmula que limpe e suavize a pele como esta.

Banho de Leite ⁶⁸

Estes banhos, usados poucas vezes, em razão do seu elevado preço, suavizam a pele, tornando-a flexível e sedosa; mas não limpa. Pode ser substituído misturando num banho comum um cozimento de 4 Kg. de folhas de malvas, 2 Kg. de raiz de malvarisco, 250 g. de hyssopo. Este

⁶⁸ O banho de leite era recomendável para tirar as manchas da pele, segundo outra matéria da seção feminina da revista *O Echo*, editada em março de 1908.

*banho adquire propriedades suavizantes e cosméticas mais pronunciadas se lhe juntar ao cozimento mais 50 g. de gelidina.”*⁶⁹

Ainda assim, os modernos manuais tentavam, convencer que a limpeza, apenas com água, eram ineficientes, pedindo que se usasse, além da água, o sabão para diluir as impurezas⁷⁰. Fontenelle, em seu manual, apresenta um capítulo somente sobre a utilização e composição do produto (p. 219):

“Empregando somente água não é possível obter-se o asseio perfeito do corpo, sendo mister usar sabão, cujas propriedades devem ser estudadas. O sabão é uma mistura de sais alcalinos de ácidos gordos: oleato, estearato, palmitato, margarato etc. de potássio e de sódio.”

Talvez poucos lessem atentamente a composição química do sabão ou sabonete⁷¹. A importância era sua ação, já que se recomendavam banhos mais frequentes: a limpeza e, especialmente, a perfumação. A princípio, os sabões eram fabricados

⁶⁹ Retirado da seção “Páginas Femininas”, da matéria “A Arte de ser formosa”, apresentada na *Revista Mensal O Echo*, edição de agosto de 1916.

⁷⁰ No final dos anos da década de 20, ainda podíamos ter receitas de banhos “embelezadores”, mas agora, já com o uso o uso do sabão em sua feitura. Curioso notar uma rara receita, encontrada em nossas pesquisas (na edição de outubro da revista *A Cigarra*, 1929), que parece não caído nas graças das pessoas. Tratava-se de um banho com Maizena, ensinado em um propaganda em que se tentava multiplicar o valor do produto culinário, convertendo-o (também) em produto de beleza: sugere-se que se misture um pouco de *Maizena* com a água do banho, juntamente do “sabonete predileto”. Depois de seca, a pele supostamente estaria coberta por uma “sutil camada, ótima proteção contra o roçar da roupa e a umidade do ar.”

⁷¹ Importante reforçar que, neste momento, não se faz uma distinção vocabular entre sabão, sabonete ou sabão de toalete (o que hoje chamamos “sabonete”). Em muitos casos, nem mesmo a distinção no uso do próprio produto existia. Em 1917, na revista *O Echo*, era anunciado o Sabão *Bon-Ami*, que era “excelente para limpar ou polir metais, pedras, ladrilhos, porcelanas, trens de cozinha, mármore, pinturas, espelhos, chapéus, espartilhos, luvas, tapetes, objetos de borracha, capacetes, objetos de prata” e **também “como sabão para toalete”!**

domesticamente, a partir do sebo dos animais. No entanto, as pessoas elegantes mandavam importar seus sabões de toalete da Europa, com perfumes distintos e agradáveis.

Até mesmo os efeitos cosméticos do sabão podiam ser propagados, na tentativa de ampliar o número de consumidores, especialmente os do sexo feminino:

O Sabonete de Reuter purifica e torna clara a cutis e após o seu uso deixa as mais deleitosas e aprazíveis sensações. Dura mais do que todos os sabonetes ordinários do toucador, e, como cutis a sensação de macieza e doçura tão desejada pelo belo sexo. Para tirar o queimado do sol e sardas não tem igual.

Anúncio veiculado na revista *O Echo* em janeiro de 1904.

“SABONETE DE REUTER é sem dúvida o mais eficaz aformoseador da cutis que existe. Usando-o sem o auxílio de cosméticos, pós de arroz ou outras preparações para o rosto, a cutis dulcifica-se, exempta-se toda impureza, e torna-se pura e mais formosa. Pode-se oferecer-se mais eloquente prova de seu valor, do que o seu uso diário por milhares de pessoas, as mais exigentes naquele particular, em todas as partes do mundo? Como sois formosa, a vossa tez é de máxima importância. O uso regular de Sabonete Reuter vos assegura uma tez de suprema beleza.”⁷²

Anúncio veiculado na Revista *O Echo*, edição de fevereiro de 1905.

Com o passar do tempo, os saponáceos destinados ao uso na toalete foram passando a se chamar simplesmente sabonetes, como conhecemos hoje. Para melhor atender os desejos dos seus consumidores, em 1919, os Sabonetes Lambert ofereciam distintas opções de apresentação: em barras, blocos, bolas; comuns (para os bolsos menos abastados) e finos, para os que podiam investir mais em seu “fino trato”.

⁷² No texto publicitário acima, notamos a recomendação de cuidar da pele sem fazer uso dos cosméticos, referindo-se, especialmente, aos procedimentos de beleza empregados no rosto. Era comum, no início do século, haver uma espécie de “competição”; disputa entre os produtos que embelezavam a pele, seja maquiando-a, seja tratando-a. Iremos observar essa disputa, de maneira mais detida, no capítulo que trata do “rosto”.

Os sabonetes, além de perfumados, podiam também ser refrescantes⁷³. Temos, portanto, a ideia de que um bom banho pode refrescar a pele que vai se sentir renovada, perfumada, limpa -- e bonita, já que a higiene está relacionada à beleza ⁷⁴. Os delicados sabonetes tornam o conceito de banho, um prazer.

Sabonetes eram produtos tão delicados e finos, que muitas vezes podiam até ser presenteados, como ocorre, atualmente, com os perfumes. Um bom sabonete era considerado um mimo para as pessoas distintas e elegantes, que compravam seus produtos em “casas de primeira ordem”. Na década de 1920, já tendo o setor de fabricação de sabões no Brasil se expandido, alguns diferenciais deviam ser notados pelas pessoas que realmente se preocupavam com o cuidado de sua pele: o *Sabonete Santelmo*, agora, apresentava-se em massa translúcida, o que dava excelente impressão aos consumidores de ser “quimicamente puro”. Também orgulhava-se desta propriedade o *Olivan*, “o super sabonete”, pois sendo cientificamente fabricado, era “isento de impurezas nocivas à pele”. Além disso, inovava em seus perfumes, agora com três fragrâncias florais: “azaleia, ipomeia e clicínia.” Além de perfumar, dava à tez “aquele tom característico de um rosado que só possuía a mocidade louçã”. ⁷⁵ Já em 1928, podia-se comprar o sabonete *Gessy*⁷⁶, “puro e [também] cheiroso”, mas talvez se não pudesse manter seu perfume até o fim, pois essa era uma exclusividade do *Sabonete 33* (que além de ter perfumação contínua, talvez agregasse alguma propriedade emoliente, já que afirmava ser o único que não ressecava a pele)! Às vésperas dos anos 30, já não era

⁷³ Em 1921, se vende o *Sabonete Santelmo*, “o rei dos sabonetes (...) higiênico e refrescante”. Anúncio veiculado pela revista *A Cigarra* em junho deste ano.

⁷⁴ Discutiremos, de maneira mais apropriada, a relação que se estabelece, nesse momento, entre as práticas de higiene e a “aquisição e manutenção” da beleza no capítulo que analisa os cuidados com o rosto.

⁷⁵ Anúncio veiculado pela revista *A Cigarra* em março de 1927 e março de 1925, respectivamente.

⁷⁶ O sabonete *Gessy*, cor de rosa e perfumado, começou a ser vendido em 1913; sendo o pioneiro entre os sabonetes feitos no Brasil.

necessário ter que se deslocar até Araxá, em Minas Gerais, para se obter os benefícios da famosa estância hidromineral: vendia-se o sabonete feito a partir da lama de Araxá, com as mesmas propriedades embelezadoras⁷⁷. Usados pela aristocracia inglesa, os sabonetes Pers eram absolutamente confiáveis. Mas se a mulher quisesse manter o amor de seu homem, deveria seguir usando o já mencionado Sabonete Reuter, que provocava “irresistível atração” entre os casais.

“Em primeiro lugar, o fato de ambos o usarem demonstra que têm gostos apurados, o que já é um ponto de simpatia. Se se tomar em conta o modo porque esse Sabonete melhora a aparência, compreende-se perfeitamente a misteriosa e irresistível atração que cria, entre dois seres de sexo diferente e que já simpatizam”.

O anúncio veiculado na edição de dezembro de 1929, pela revista *A Cigarra*, já nos mostra que o bom gosto de usar o sabonete nos cuidados pessoais já não é

uma exclusividade do sexo feminino; apesar de a propaganda ser dirigida, especialmente, para as mulheres, cujo ideal era o sucesso afetivo, que o sabonete poderia ajudar a conquistar.

Sem dúvida, limpar-se e perfumar-se convertia-se num ato de beleza e refinamento: sucesso para quem investia em cuidar-se, assim como supostamente se fazia nas nações mais desenvolvidas.

⁷⁷ As estâncias mineiras, com suas águas ou lamas de propriedades curativas e embelezadoras eram bastante reconhecidas nos importantes centros urbanos. Em 1934, a revista *a Cigarra* apresenta uma extensa matéria sobre as “Thermas Antônio Carlos”, em Poços de Caldas (MG), ricamente equipadas com “modernas instalações” para banhos de pressão, imersão, pulverização de água sulfurosa, banhos gasosos etc.

Imagem retirada de anúncio da Revista *A Cigarra*, edição de dezembro de 1929.

*“ -- Advinha, querida! Melhor presente não podia trazer-te...
-- Já sei. Só pode ser um perfumado e delicioso sabonete.”*

Propaganda do sabonete Sanitol, vendido “nas casas de primeira ordem”, mostrando que um sabonete fino podia ser um interessante regalo.

Anúncio veiculado em *A Cigarra*, agosto de 1922.

Mas a beleza e o bom estado da saúde não advinham, somente, da perfumação ou da pureza dos sabonetes mais finos. Muitas vezes, os problemas que “degeneravam” a pele deviam ser combatidos por sabões medicinais. Ainda que alguns dos sabonetes perfumados afirmassem que combatiam as enfermidades dérmicas, a maioria dos produtos que se diziam medicinais, a princípio, não continha perfume, justamente por indicar que se tratava de produto puro, que remediaría a incômoda condição de se ter uma pele danificada.

Um dos sabões medicinais mais vendidos no Brasil, durante a primeiras décadas do século, foi o *Sabão Aristolino*. Medicinal, vendido em forma líquida, além de ser promover a limpeza da pele, funcionava também como uma espécie de “produto farmacêutico” -- além de embelezador, como tantos outros produtos multifuncionais da época -- , pois se propunha a agir como remédio às moléstias epiteliais (e até capilares) num tempo em que a “bexiga” e outras doenças que assustavam a população.

“O Aristolino, sabão em forma líquida. Anti-séptico, cicatrizante, anti-parasitário. Nos banhos gerais ou parciais fortifica os tecidos, preservando a pele das excrescências, rugas, manchas, vermelhidões, irritações e mau cheiro de certos suores locais, tão incômodos como desagradáveis; combate a caspa, manchas do rosto, espinhas, cravos, panos, irritações, comichões, golpes, feridas, queimaduras, mau cheiro dos sovacos e dos pés e qualquer moléstia da pele, diatéctica ou não. Poderoso anti-séptico cicatrizante para a cutis. Anti-eczematoso, anti-parasitário - para o banho. Sendo de forma líquida e de uso cômodo.

Retirado da revista *A Cigarra*, março de 1918.

As propagandas nos podem fazer ter uma ideia do quão frequentes eram os problemas que ocasionavam feridas na pele, já que havia muitos produtos (especialmente sabões) cujos textos publicitários que as mencionavam. Ungentos, pomadas e preparados reforçavam a ideia da cura de manchas e feridas. Abaixo, o anúncio do Feridan, produto que, como o próprio nome diz, prometia extirpar as ulcerações em qualquer parte do corpo. Para o leitor atual, o anúncio chama muita atenção pelas suas gravuras que retratam uma pele absolutamente tomada pelas chagas.

Anúncio veiculado pela revista *O Echo* em junho de 1917.

Diante de tais ameaças à pele, era, portanto, necessário tomar banho -- e com produtos que garantissem a saúde e a boa apresentação do indivíduo moderno! Com o passar do tempo, muitos dos sabonetes medicinais, para enfrentar a concorrência com os delicados e requintados sabonetes perfumados, melhoraram sua fórmula, adicionando-lhe “suave perfume”, porque o consumidor não buscava apenas estar limpo, mas também parecer limpo ao exalar odores que lhe causava prazer. Eram as sensações corpóreas aprimorando-se e refinando-se, fazendo com que as melhores escolhas fossem feitas para os cuidados de si.

Por meio dos banhos, os sabões prometiam extirpar os odores naturais do corpo, cada vez menos tolerados. Provavelmente, por não dar conta de tais odores por um longo período de tempo -- que fosse até o próximo banho --, existiam outras opções para tentar suprimir os já desagradáveis odores. Os indivíduos refinados lançavam mão de talcos, pós ou outros preparados que pudessem auxiliar na tarefa que o desodorante, ainda inexistente, hoje desempenha de maneira absolutamente eficaz. Esses produtos, em sua absoluta maioria, não eram designados especificamente para a eliminação dos odores indesejáveis, mas também para vários outros fins; figurando-se também na linha de produtos multifuncionais característicos da indústria da higiene das primeiras décadas do século XX:

“TUTOCITO - Talco boricado para assaduras de crianças, suores fétidos, frieiras etc., uma especialidade para amaciar a pele e uso depois do banho ou barbear-se.”⁷⁸

Anúncio veiculado na revista *O Echo Phonographico*, fevereiro de 1905.

“PARA A HIGIENE DA TOALETE - O Preparado ‘Emma’ - cura o mau cheiro do suor dos pés e das axilas, frieiras e assaduras.”

Anúncio retirado da revista *O Echo*, edição de agosto de 1917.

⁷⁸ A maioria dos talcos e pós vendidos também serviam para combater feridas, tão comuns na pele dos indivíduos nesse momento.

Um produto que, a princípio, parecia destinar-se ao cuidado do rosto, também propagandeava suas qualidades desodorantes:

“Maravilha da química moderna, DERMOLINA: novo preparado finamente perfumado para as afecções da pele, espinhas, cravos, sardas, manchas, panos, rugas, comichões, dartros, eczemas, pele grossa etc. É de um poderoso efeito nos suores desagradáveis.”

Anúncio veiculado na revista *A Cigarra*, fevereiro de 1917.

Até mesmo anúncios de produtos voltados para o combate à flacidez também se destinavam à contenção do suor:

“Os inimitáveis produtos de beleza ALACK, criados para eternizar na mulher a atração irresistível de fascinante beleza, marcam época transcendental na avalanche do progresso, levantando a palma da vitória!!!

Líquido Tonificante Alack, o qual ajuda a contrair rapidamente os tecidos adiposos (flacidez), fortificando os músculos, produzindo uma agradável sensação de frescura, evitando a transpiração e tonificando a pele.”

Anúncio veiculado pela revista *A Cigarra*, edição de outubro de 1929.

Aqui, um produto -- também multifuncional -- que inova ao anunciar a extirpação dos odores venéreos, antes mesmo da multiplicação de preparados industrializados específicos para a higiene íntima (mais comuns nos anos de 1930).⁷⁹

IODEAL - Feridas, dartros, eczemas, aftas, impigens, talhos, ferimentos, contusões, queimaduras do sol ou do fogo, espinhas, cravos, rugas, panos, manchas de gravidez, sarnas, brotoejas, erupções, comichões, assaduras do calor, queda dos cabelos, caspa, suores fétidos (...) venéreos etc. - **DESAPARECEM EM POUCOS DIAS USANDO O IODEAL**, Remédio Infalível. O maior defensor da pele. Não é CREME nem POMADA, é um líquido perfumado, anti-séptico e cicatrizante..."

Anúncio veiculado em agosto de 1922, pela revista *A Cigarra*.

Vemos, portanto, que eliminar os odores naturais do corpo, tidos como desagradáveis, era um aspecto muito importante no que se referia aos cuidados de si já nos primeiros anos do século XX. Ainda em meados da década de 40, a imprensa insistia na necessidade de se evitar o “Cheiro de Corpo”, o que demonstra que nem todos ainda tinham o “requisito” de não exalar seus “maus odores” entre as outras pessoas:

Anúncio retirado da revista *O Cruzeiro*, edição de junho de 1929.

⁷⁹ Pouco antes da década de 1930, as senhoras preocupadas com sua saúde genital podiam comprar o “novo Gynaseptol”, pessários (anéis) solúveis “absolutamente inofensivos, cômodos e eficazes”, para curar e higienizar suas partes íntimas. Podia-se ver o anúncio deste produto na revista *A Cigarra*, no mês de dezembro de 1928. No mesmo ano -- e na mesma edição --, um produto chamado Lybiol estava disponível no mercado, para a “higiene e toalete íntima das senhoras.”

É claro que o banho, se fosse tomado diariamente, como recomendavam os higienistas, auxiliaria no combate destas exalações. Por isso, além de usar sabonetes, também podia-se agregar ao banho as famosas “águas de colônia” ou “águas de toalete”. Nos primeiros anos do século, era comum a divulgação de receitas dessas perfumadas substâncias, que, com o tempo, foram amplamente produzidas e comercializadas pela indústria brasileira.

Receita publicada na revista *O Echo*, de janeiro de 1906:

“Água de colônia alemã

De álcool de 85°, 7 libras; de essência de bergamota, duas onças; dita de alecrim e dita de hortelã, de cada uma, uma oitava e meia; de essência de limão, duas oitavas; de neroli, uma oitava; de almíscar em pó bem fino, um grão e meio; e de água de melissa composta, cinco onças.

Mistura-se tudo bem e deixa-se digerir por um mês e depois guarda-se. A água de colônia que se obtém por esta fórmula é a melhor para usar-se também como medicamento.”

Acima, uma receita de água de colônia dos tempos em que as medidas ainda não se davam nem em gramas e nem em litros. Interessante notar que, até mesmo para as receitas caseiras, encontramos a propriedade multifuncional do produto, que além de perfumar o indivíduo e seu banho, serve também como medicamento.

A *Água de Kolognia Imperial Bizet* era uma das muitas alternativas que a indústria da higiene disponibilizou para facilitar e amplificar o uso deste tipo de preparados.

Anúncio veiculado em 1917, pela revista *O Echo*, edição de dezembro.

Além de adicioná-las à água do banho, as águas de colônia podiam ser usadas como perfume, aplicadas diretamente sobre o corpo, ou até mesmo no lenço -- indispensável acessório da indumentária de uma mulher ou um homem refinado -- para que se exalasse o perfume agradável e delicado de rosas ou outras flores aromáticas.

No entanto, o produto mais especial dos produtos destinados a substituir os odores corporais por “exalações superiores” era o perfume.⁸⁰

Os perfumes, produtos finíssimos, geralmente importados nos primeiros anos do século XX, eram artigos caros. Nem todos podiam adquiri-los, daí a preferência de muitos pelas águas de colônia e águas de toalete. Muitas vezes, pessoas que podiam comprá-los e que, no entanto, eram tão abastadas, os economizavam para usá-los em momentos especiais: festas, idas a teatros, ao jôquei ou a eventos de maior importância.

Sendo artigos de tão fino trato, apresentavam-se em embalagens extremamente sofisticadas, que chegavam a lembrar peças de jóias ricamente lapidadas. Seus vidros, assim como um colar ou um anel, muitas vezes também eram acondicionados em caixas com forração de cetim, de forma a fazer o gosto da elite; tanto pela aparência do produto quanto pela propriedade de “resistência” do odor.

⁸⁰ *Saberes e Odores* (1987), de Alain Corbin disserta sobre o aprimoramento e o uso dos perfumes para encobrir os odores, nem sempre agradáveis, do corpo dos franceses desde há muito, especialmente quando o ato de banhar-se, neste país, era bem mais raro, chegando a ocorrer pouquíssimas vezes durante a vida de uma pessoa.

Os perfumes ingleses Erasmic, com seus vidros finamente lapidados e suas caixas sofisticadas eram aqui vendidos pelas casas de "primeira ordem".

Anúncio veiculado pela revista *O Echo* em outubro de 1916.

"Perfumes da Aristocracia. Casa Fretin"

Anúncio veiculado na revista *A Cigarra*, setembro de 1925 .

Especialidade em artigos para presentes como:

Estojos para unhas e para costura, Cestas para costura, Jogos de frascos para toilette, Guarnições de escovas, Espelhos e pulverisadores, Necessarios de viagem, Estojos originaes de Coty Houbigant, Caron, d'Orsay, Lubin, etc.

Perfumes da Aristocracia Casa Fretin

Ainda que, com o decorrer do tempo as nossas indústrias já comesçassem a fabricar os perfumes em solo brasileiro, ainda se mantinham caros para muitos bolsos; já que as essências com que eram produzidos eram importadas. Podemos confirmar que,

nas primeiras décadas do século o perfume era um “mimo” de luxo pelo anúncio do *Perfume Colgate*, que oferecia uma alternativa aos perfumes sofisticados, sendo um produto mais barato.

Anúncio veiculado pela revista *A Cigarra* em outubro de 1929.

Além desta alternativa mais acessível, em 1929, justamente num momento de crise mundial -- e que, evidentemente, afeta muitas famílias importantes do Brasil cafeeiro --, uma interessante e inovadora opção para aquelas que não queriam renunciar ao uso do

perfume: fabricá-los em casa! O anúncio, repetidas vezes veiculado pela revista *A Cigarra* neste ano, nos mostra essa possibilidade.

Senhoras! Senhoritas!
Leiam que lhes interessa

Façam os seus perfumes em casa. Perfumes finos quasi de graça

ECONOMIA — PRATICIDADE

Com as nossas essências especiais, até uma criança pode fazer rapidamente e sem competência técnica qualquer loção, extratos e Águas de Colônia de qualidades finíssimas que rivalizam com as de procedência estrangeira.

Essências para fazer em casa licores finissimos e refrescos deliciosos. Fabricação facilissima.

Basta dissolver as nossas essências na dose de alcool e agua indicada.

Vidro de 30 grammas de essencia para 1 litro de Agua de Colônia — Rs. 45000.

Vidro de 90 grammas de essencia para 1 litro de loção desde 85000 até 105000.

Vidro de essencia para 1/2 litro de extracto — desde 85000 até 105000.

Perfumes de todas as qualidades.

Para informações, telephone para 2-3244
Praça da Sé n. 43, 3.º andar, sala 309
Caixa Postal 2262 — São Paulo

“Senhoras! Senhoritas! Leiam que lhes interessa. Façam os seus perfumes em casa. Perfumes quase de graça. ECONOMIA - PRATICIDADE. Com as nossas essências especiais, até uma criança pode fazer rapidamente e sem técnica qualquer loção, extratos e Águas de Colônia de qualidades finíssimas que rivalizam com as de procedência estrangeira (...) Basta dissolver nossas essências na dose de álcool e água indicada (...) Perfumes de todas as qualidades.”

Anúncio retirado da revista *A Cigarra*, edição de dezembro de 1929.

Sendo os perfumes, como dissemos, produtos tão especiais e raros, para muitos, se fazia quase que imperativo que os demais artigos de cuidados pessoais -- especialmente femininos, já que a mulher é a grande consumidora dos produtos de higiene ligada ao embelezamento -- pudessem também conter odores que favorecessem uma agradável perfumação: os sabonetes, os pós de arroz, os talcos, cremes e loções. Ter um corpo que exala essências delicadas, além de estar se tornando um prazer, cumpre a função de fazer com que o indivíduo se pareça limpo, dando a certeza, aos demais, de tratar-se de pessoa distinta, moderna, elegante, preocupada com o asseio e higienização de seu corpo seguro e atraente.

Não somente os odores garantiam a aparência de um ser limpo e elegante. A pele do indivíduo civilizado, pertencente a um Brasil de progresso, além de afastar-se completamente do humano-animal no que diz respeito aos seus cheiros, também deveria ter uma textura suave e desprovida de pelos -- revestimento animalesco -- que não nascessem nos lugares visivelmente toleráveis: o cabelo e, no caso masculino, a barba, sempre aparada!

Com a gradual transformação das modas e dos costumes, a exposição do corpo feminino se dá de maneira mais frequente. Nos anos 20, o encurtamento dos vestidos, das mangas ou a própria liberação, não só de tecidos, mas do corpo que agora, tomava banhos de mar (sem funções exclusivamente terapêuticas), faz-se necessária a extirpação dos pelos femininos, cujos corpos, agora mais expostos, deveriam conservar o aspecto infantil, sem pelos aparentes que pudessem ameaçar a delicadeza de suas “formosuras”.

Rosto, pernas, axilas, braços, colo... nenhuma dessas partes do corpo estavam isentas da ação dos cremes e loções depilatórias que, apesar do odor desagradável ou, até mesmo da possibilidade de queimar a pele! Às vésperas dos anos 30, até mesmo um inusitado depilador elétrico estava disponível para as mulheres que pudessem frequentar os elegantes (e igualmente caros) institutos de beleza.

A propaganda ao lado, de trajes de banho, anuncia que uma maior exposição corporal se faz, especialmente com a recente “descoberta” da praia e do mar. As formas femininas, portanto, também são descobertas: e devem ser lisas e macias; depiladas!

“Braços, pernas e axilas permanentemente livres de pelo. Sem odor, sem ardor, elimina o pelo mais forte em 5 minutos. A pele deixa-se ficar suave, branca, sem vestígios.”

Os dois anúncios acima foram retirados da revista *A Cigarra*, dezembro de 1929.

Os depilatórios já eram vendidos desde o começo do século, mas apenas enfatizavam o seu uso para o rosto e para o colo, as partes, até então, expostas do corpo feminino.

“Depilatório Vênus (...) ação que é instantânea. Recomendável (...) e senhoras que veem sua beleza ofuscada [por] incômodos pelos [no rosto]. Não deixa vestígios de [ilegível]. Fabricado em pó [ilegível].

Anúncio veiculado pela revista *O Echo*, ed. de maio de 1908.

Perfumado, limpo, lindo. O corpo do brasileiro nunca fora tão bem cuidado. O progresso de si e o progresso da pátria refletiam-se nos cuidados “capitais” da aparência; e na aparência tão cuidada das capitais. Vencer significava ter saúde, vigor e força refletidos em cada parte do corpo, da cabeça -- ou melhor, dos cabelos! -- aos pés.

“Espelho, espelho meu”: visualizando o rosto.

“A compleição exterior pode ser muito melhorada com a adoção de um estilo de vida racional, tendente a desenvolver a saúde geral do corpo. Tanto a saúde como a doença se inscrevem em caracteres indeléveis nas linhas do rosto. Nelas, a saúde se ostenta e sorri, como também a fraqueza e a doença, por elas assinalam os seus progressos.”

81

O Manual para “o Lar e a Saúde da Família”, publicado pela editora adventista no Brasil entre o fim do século XIX e começo do século XX traz, em seu capítulo *Toilette*, conselhos para cada parte do corpo. O rosto, primeiro assunto a ser tratado em todos os manuais de higiene que subdividem seus textos em “membros corporais” -- onde cada setor apresenta suas respectivas recomendações -- é, seguramente, a parte mais visualizada do ser humano, a mais privilegiada: não apenas por habitar a “parte alta” do indivíduo ⁸², mas justamente por ser seu principal instrumento de “individuação”: é o rosto

⁸¹ *O Lar e a Saúde da Família* (s/d), p. 316.

⁸² Veremos, nos capítulos a seguir, que pode-se classificar a importância de determinados órgãos do corpo de acordo com sua importância: as “partes altas”, por serem mais expostas, são as que mais dispõem de cuidados nesse período histórico. As partes baixas, quase que invariavelmente ocultas atrás de roupas e sapatos, não dispõem de tantas “técnicas corporais”, já que sua pouca (ou nenhuma) visualização na sociedade fazem com que sejam “esquecidas”, a ponto de não dispormos de um volume considerável de registros acerca delas nesse estudo.

que identifica o homem, pelo rosto se lhe reconhece, pelo rosto emana-se o estado de espírito, denunciavam-se os anos; se atrai ou se repele o próximo.

Tal como afirma o excerto do manual adventista, o discurso dos dias atuais endossa que as condições de jovialidade ou não do rosto resultam do histórico que cada indivíduo imprimiu em sua própria existência: se pôde dispor de uma vida tranquila, de alimentos adequados, de cuidados médicos que favorecessem sua saúde, certamente terá os traços faciais conservados. Do contrário, terá que lamentar o desgaste da própria figura. Assim afirmam os jornais, as revistas, as propagandas de cosméticos, os metafísicos, os ortomoleculares, os iogues, e até a própria comunidade médica.

O discurso que associa as boas condições de saúde (e do que chamamos hoje “qualidade de vida”) se sedimentou, fortemente, no momento em que o higienismo revelava a importância da conservação da saúde, relacionando-a ao estado físico do ser humano. Sendo assim, para conservar boa imagem, é necessário aprender a cuidar adequadamente da própria saúde, não incorrendo em erros condenáveis pela ciência médica.

Um dos cuidados mais mencionados pelos autores sobre o rosto, é o de lavá-lo. Vejamos como seguem as palavras do manual *O Lar e a Saúde da Família*:

“Muitas peles, aliás bonitas, perdem a sua natural frescura com o simples uso de água sabonada; ora isto pode ser facilmente evitado juntando-se à água de lavar um pouco de bórax diluído. Enche-se um frasco de água quente, e deita-se nele aos poucos tanto bórax como a água é suscetível de dissolver. Arrolha-se e põe-se no lavatório para ser usada na água de lavar.

O sabonete de toalete deve ser de boa qualidade, muito pouco alcalinado, incolor e sem perfume. Tal sabonete não causará dano nem mesmo à mais delicada pele. O sabão ordinário não se coaduna com uma

pele fina, visto o alcali que contém absorver as substâncias oleaginosas naturais. Em tal caso, convém usar, em vez de sabão, um pouco de farinha de amêndoa.

O óleo de amêndoa puro não prejudica a pele, por mais delicada que seja.

Uma loção láctea, muito deliciosa para a pele, prepara-se misturando três gramas de tintura de benjoim com cem gramas de água de rosas, às gotas, a fim de evitar a coagulação que, a despeito desta precaução, pode não obstante dar-se à tintura de benjoim exceder à proporção indicada.”⁸³

Ainda que se recomendasse a lavagem do rosto com o sabão, para bem limpá-lo, não se poderia deixar de mencionar seu perigo. No início do século não encontramos um saponáceo especificamente destinado à limpeza do rosto. Sendo assim, os produtos que ainda se confundiam entre “sabão” e “sabonete”, recebendo nomes distintos sem especificar-se nenhuma diferença substancial entre eles, podiam ser usados para a limpeza da cutis.

O sabão, no entanto, poderia ser responsável por indesejável ressecamento do rosto. De fórmula alcalina e, por isso, de certa maneira, “corrosiva”, o sabão ou sabonete podia irritar as peles mais sensíveis; e essa sensação notada desde o início do século até o surgimento dos “sabonetes hidratantes”, no final do século XX (como o *Sabonete Dove* etc.), fazia com que, não raras vezes, o rosto fosse lavado sem o uso deste produto. Daí vemos o manual *O Lar e a Saúde da Família* oferecer uma alternativa à base de farinha de amêndoas.

⁸³ *ibidem* p. 320.

“... resta o cuidado do rosto, que se lavará à parte em água quente e com um bom sabão. É incontestável que o sabão pode provocar sobre certas peles delicadas uma ressecção desagradável que se manifesta em pequenas manchas farinhasas sobre o rosto e as orelhas. Obviar-se-á a este inconveniente lavando o rosto em água a qual se adiciona um pouco de glicerina pura ou empregando todas as noites a preparação seguinte. Não é preciso conservá-la sobre o rosto e pescoço por toda noite; pode-se, depois de passá-la sobre estas partes do corpo, banhá-las em água morna ou fria, mas sem sabão.

Eis a receita:

*Glicerina neutra 225 gramas.
Polvilho coado em uma escócia 12 gramas.*

Aqueçam em uma tigela de porcelana e a fogo lento, mexendo sempre com uma espátula até a preparação tomar a consistência de uma geleia; perfumem com algumas gotas da essência predileta e guardem em um pequeno pote de porcelana.”

...

“PARA O ROSTO: Farinha Pollah!

O uso do sabonete é bastante prejudicial. O que sucede aos tecidos de lã, que ao contato com a água com sabão, enrugam e arrepiam, sucede à cútis, que perde a maciez, com o uso constante do sabonete. O sabonete, antigamente, era pouco usado e ainda hoje as orientais possuem as cútis mais bela do mundo, porque não as estragam com alcalis e gorduras, matérias primas de qualquer sabão. A Farinha Pollah é inigualável. Limpa perfeitamente a cútis e evita os estragos produzidos pelos sabonetes. O uso que na Inglaterra, França e Estados Unidos se faz da Farinha de Amêndoas Pollah prova a excelência da mesma.”

Os excertos acima, o primeiro retirado do manual *O Lar Doméstico* (1913, p.p. 69 e 70), e o segundo, de quase uma década depois (retirado da revista *A Cigarra* de junho de 1921), nos mostram que, de fato, o sabão de toalete (também chamado “sabonete”) podia ser prejudicial à textura da pele do rosto. Sendo assim, além de outras alternativas de lavagem, frequentemente devia-se “combater” os efeitos do sabão com os recursos hidratantes de preparados à base de glicerina ou de óleos, fazendo com que o rosto pudesse, novamente, tornar-se menos ressecado. São inúmeras as receitas de cremes apresentadas pelos manuais ou, até mesmo, pelas revistas -- onde os produtos industrializados apresentavam-se muito mais frequentemente.

Havia, também, as pessoas que lavavam seus rostos utilizando-se da esponja -- o que não era, absolutamente, recomendável, pelo estado de sujidade que, provavelmente, se tornavam as esponjas depois de seguido uso. Segundo o Manual de Higiene de Fontenelle (p. 221), no asseio do rosto, parte especial do corpo, devia-se “evitar o uso de esponjas, onde se conservam e fermentam impurezas.”

As preocupações com a textura do rosto estão, evidentemente, mais presentes no imaginário feminino. Das mulheres, exigia-se a beleza -- mormente habitada na face. Vejamos o que diz Liana, a suposta autora da matéria “A Arte de ser Formosa”, veiculada pela *Revista Mensal O Echo* em sua edição de janeiro de 1917:

“COMO AGRADAR - Não há mulheres feias; há apenas, mulheres descuidadas, indolentes, que se esquecem a miúdo que devem cuidar sempre de agradar.

Ser formosa uma mulher implica tanta obrigação quanto ser boa [sic]. E formosura nasce da vontade.

Muitas mulheres lograram tornar-se belas, como a célebre artista Mlle. Rachel que, unicamente por um esforço próprio, adquiriu a beleza que adquirimos, chegando a se transformar profundamente.

Em toda mulher mora o brilho dos encantos; é necessário, porém, descobri-lo e manifestá-lo.

Há moças que se queixam da imperfeição do nariz. Desnecessária é essa queixa. Vejamos. Tome mlle. um pente e touque o cabelo para dar mais simpatia ao rosto; levante um cacho que lhe cai na testa e dê mais graça a esse punhado que, negligentemente, envolve seu pescoço. O nariz sem graça de que se lastima mlle. alcança algo de sugestivo, de revolucionário... Mas atenta um pouco, mlle., e seus olhos, de nada valem? Uma pincelada, discreta e imperceptível, corrija-los-á, tornando-os encantadores.

Dê donaire e chique ao seu sorriso, em vez de contraí-lo em esgares ridículos... E aí está como mlle. que se supunha feia, transformou-se numa moça cheia de encantos.

Questão, apenas, de vontade.

E mesmo quando vier a intensa velhice, mil recursos estarão às ordens da mulher combatê-la.

Não conseguem os jardineiros, graças a uma perene atividade, prolongar a vida das flores? Por que não conservará a mulher, do mesmo modo, as lindas flores do seu corpo?”

Vemos, portanto, a importância que se dá à beleza feminina, atribuindo à mulher um peso bastante considerável no que tange aos cuidados, especialmente, de seu rosto; como se a mulher fosse obrigada a ser bonita para agradar à visão dos demais que com ela viesse a conviver. Essa responsabilidade faz com que o sexo feminino se veja obrigado a redobrar seus cuidados físicos, de forma que não lhe fosse perdoável qualquer tipo de relaxamento. Os cuidados exigiam esforços constantes e primorosos. Daí a necessidade de tantos cremes, loções, massagens e um arsenal importante de cosméticos para lutar contra o que era considerado “má aparência”.

“É necessário que a mulher seja bonita em qualquer lugar e a qualquer hora.”

Excerto retirado do anúncio do *Creme Pollah*, publicado na revista *A Cigarra*, março de 1923.

“Pode-se dizer que a essência da natureza impõe à mulher a obrigação de parecer bela, logo, longe de ser criticável, é digna de aplauso a que se preocupa em aperfeiçoar sua cútis. Surge, pois, como consequência imediata a necessidade de que todas as senhoras usem diariamente o Pó de Arroz Mendel, porque com esse insuperável artigo de toucador, poderão aformosear a cútis e mantê-la constantemente fresca, e assim terão obtido o mais importante triunfo da beleza.”

Anúncio veiculado pela revista *A Cigarra* em setembro de 1923.

“Nos tempos atuais, as virtudes das mulheres não são suficientes para agradar os homens. [Há que ser] bonita para despertar no homem aquele antigo desejo de conquista. Ser bela, portanto, tem que ser a legítima aspiração de toda mulher.”

Anúncio dos sabões *Olivan* e *Rosan*, veiculado pela revista *A Cigarra* em novembro de 1928.

Ao rosto masculino, cabia-se apenas o bem barbear-se; o que tornavam suas práticas bem mais facilitadas; embora mais frequentes que antes, já que as navalhas, pouco a pouco, deixavam de ser usadas apenas nos salões de barbeiros para adentrarem as casas, tornando-se um artigo importante para os homens no tocador.

No início do século XX, os homens costumavam aparar suas barbas e bigodes nas barbearias, dependendo do auxílio dos profissionais especializados para esse fim. No entanto, a indústria da higiene pessoal no Brasil dava seus primeiros passos para tornar o “barbear-se” uma atividade doméstica. O problema de se transferir esse cuidado pessoal da barbearia para a intimidade do lar era a falta de perícia dos “leigos” ao lidar com as navalhas. Altamente cortantes, elas podiam ferir a face masculina, cortando-a lastimosamente, fazendo com que o barbear em casa fosse torturante. Sendo assim, em 1905, já se vendiam no Brasil, aparatos de segurança importados, adaptáveis à navalha, para reduzir o risco de machucar-se:

FAZER A BARBA TORNOU-SE UM PRAZER!
Com o novo Resguardo Americano SHAFERY

Este resguardo é inestimável para quem faz a barba a si próprio. Adapta-se a qualquer navalha e pode ajustar-se rapidamente pondo a folha da navalha nos encaixes do resguardo. Fazendo a barba com anteparo na navalha, é impossível cortar a face, dissipando assim este aparelho a inquietação, o receio de golpes, sem embarcar de nenhum modo a operação. Quem uma vez usou o resguardo, não renunciaria a ele por dez vezes o seu custo. É feito de cobre, fortemente nickelado, e dura a vida dum homem, não estando em contacto com objecto que o danifique. A nossa gravura mostra o resguardo na navalha, pronta para o uso...

Preço 2\$500 com instruções illustradas.
Para registro mais 500 rs.
Temos vendido centenas.

“FAZER A BARBA TORNOU-SE UM PRAZER! Com o novo Resguardo Americano Shavery.

Este resguardo é inestimável para quem faz a barba a si próprio. Adapta-se a qualquer navalha e pode ajustar-se rapidamente pondo a folha da navalha nos encaixes do resguardo. Fazendo a barba com anteparo na navalha, é impossível cortar a face, dissipando assim este aparelho a inquietação, o receio de golpes, sem embarçar, de nenhum modo, a operação. Quem uma vez usou o resguardo, não renunciaria a ele por dez vezes seu custo. É feito de cobre fortemente niquelado, e dura a vida dum homem, não estando em contato com objeto que o danifique. A nossa gravura mostra o resguardo na navalha, pronta para o uso...”

Anúncio publicado na edição de fevereiro da revista *O Echo*, 1905.

Além do “resguardo”, eram também vendidos outros adereços para que o ato de barbear se tornasse cada vez mais cômodo e com bons efeitos se executado no recesso do lar. Mais de um tipo de afiador de navalhas eram comercializados nas propagandas das revistas até os anos de 1910. Mais tarde, as navalhas foram, gradativamente, substituídas por aparelhos portáteis de barbear, estilo *Gillette*, mais seguros e menos complicados para manter-se devidamente afiados. As modernidades tecnológicas prometem cessar os sofrimentos ao tornar os cuidados faciais mais práticos e seguros, podendo tornar-se, por conseguinte, um “prazer” mais constante.

NAVALHA DE SEGURANÇA PHOENIX

Verdadeiro conforto para os homens
NOVA REMESSA! PREÇOS REDUZIDOS!

Barbear-se com a navalhas comuns não é coisa fácil. Para isso é preciso que se pratique durante meses ou annos e nesse tempo pouco os não serão, com que se paga a aprendizagem. Além disso, mesmo depois de muitos annos de pratica, muita cautela é necessaria para evitar os cortes.

O luxo de barbear-se todas as manhãs com facilidade, conforto e segurança é permittidosomente às pessoas que usarem as nossas navalhas *Phoenix*.

A barba áspera corta-se sem a mínima difficuldade, e sem que se tenha jamais pegado em uma navalha. As nossas laminas são feitasdo aço inglêz da melhor qualidade e são fabricadas por profissionais os mais competentes. A moldura é compacta e o ajuste da navalha é feito de tal modo a ficar apenas livre um pequenissima parte da lamina. Assim é impossivel que ella corte o rosto ou puxe a barba, arrancando-a. E' por isso que a *Phoenix* é considerada como a melhor navalha do mercado. Podeis barbearvos em menos tempo que com uma navalha commum, evitando a demora tediosa que geralmente se sofre nas casas dos barbeiros. Basta o que se economiza num mez de uso, para ficar paga a navalha *Phoenix*. As laminas usadas podem ser amolladas ou concertadas a qualquer tempo. Todas as laminas são garantidas. Quando tiverdes usado esta navalha uma vez, ficareis arrependido de a não usardes a mais tempo. O preço da navalha *Phoenix*, em estojo de folha é 6\$500, inclusive o porte. Com uma lamina avulsa em estojo de marroquim forrado de seda, custa 1\$8000 inclusive o porte. Pedidos a *Figuer Irmãos* — Rua S. Bento, 26 — S. Paulo.

Assim é impossivel que ella corte o rosto ou puxe a barba, arrancando-a. E' por isso que a *Phoenix* é considerada como a melhor navalha do mercado. Podeis barbearvos em menos tempo que com uma navalha commum, evitando a demora tediosa que geralmente se sofre nas casas dos barbeiros. Basta o que se economiza num mez de uso, para ficar paga a navalha *Phoenix*. As laminas usadas podem ser amolladas ou concertadas a qualquer tempo. Todas as laminas são garantidas. Quando tiverdes usado esta navalha uma vez, ficareis arrependido de a não usardes a mais tempo. O preço da navalha *Phoenix*, em estojo de folha é 6\$500, inclusive o porte. Com uma lamina avulsa em estojo de marroquim forrado de seda, custa 1\$8000 inclusive o porte. Pedidos a *Figuer Irmãos* — Rua S. Bento, 26 — S. Paulo.

“Barbear-se com navalhas comuns não é coisa fácil. Para isso, é preciso que se pratique durante meses ou annos e nesse tempo poucos não serão, com que se paga a aprendizagem. Além disso, mesmo depois de muitos annos de pratica, muita cautela é necessaria para evitar os cortes. O luxo de barbear-se todas as manhãs com facilidade, conforto e segurança é permitido somente às pessoas que usarem as nossas navalhas *Phoenix*.

A barba áspera corta-se sem a mínima

difficuldade, e sem que se tenha jamais pegado em uma navalha. As nossas lâminas são feitas de aço inglêz da melhor qualidade e são fabricadas por profissionais os mais competentes. A moldura é compacta e o ajuste da navalha é feito de tal modo a ficar apenas livre uma pequenissima parte da lâmina. Assim é impossivel que ela corte o rosto ou puxe a barba, arrancando-a. É por isso que a Phoenix é considerada a melhor navalha do mercado. Podeis barbear-vos em menos tempo que com a navalha comum, evitando a demora tediosa que geralmente se sofre nas casas de barbeiros. Basta o que se economiza num mês de uso, para ficar paga a navalha Phoenix. As lâminas usadas podem ser amoladas ou consertadas a qualquer tempo,. Todas as lâminas são garantidas. Quando tiverdes usado esta navalha uma vez, ficareis arrependido de a não usardes a mais tempo.”

Anúncio publicado na revista *O Echo*, em janeiro de 1906.

Junto das navalhas, a indústria da higiene também traz para o ambiente doméstico os insumos para o barbear: apesar de a espuma produzida pelos sabões ou sabonetes comuns ser o veículo quase exclusivo para fazer as lâminas deslizarem sobre a pele, também foram comercializados, mais tarde, por volta da década de 1920, ainda que mais raramente, “espumas” profissionais importadas para barbear, como as usadas pelas barbearias.

Anúncio retirado da revista *A Cigarra*, março de 1918.

Além de aparar suas barbas e bigodes, uma outra preocupação de alguns homens era a de escurecê-los quando os primeiros fios brancos dessem seus sinais. Também havia os mais “moços” que descoloriam seus pelos faciais, para parecerem mais sedutores. Essas práticas, não tão incomuns no início do século XX eram possíveis graças aos mesmos métodos utilizados para tingir os cabelos nesta época.

Cuidar do rosto seria algo muito difícil sem o uso do espelho. O espelho, parceiro nas satisfações ou companheiro impiedoso diante de difíceis verdades, é indispensável no tocador. Por meio dele, revelam-se as imperfeições do rosto a serem “remediadas” e corrigidas. A sua versão de mão dá origem aos espelhos de penteadeira, onde se vê não só o centro do rosto, mas também o entorno: cabelos, pescoço, colo... Há que se examinar, encarar os encantos ou desencantar-se; em seguida, tomar alguma providência dentre todas ora oferecidas por manuais, revistas e propagandas.

Até mesmo ao homem, cujas preocupações faciais são bem menores do que em relação às mulheres, é oferecido um espelho exclusivo, brinde de revista para aqueles que se aventuram nas novas maneiras de se livrar dos pelos do rosto: o auto-barbear em casa.

Em janeiro de 1917, a Revista *O Echo* oferece aos seus assinantes, um “apetrecho de barba”, que consiste num “magnífico espelho” com suporte para o pincel de barba e o sabão.

“Esmeradamente confeccionado em níquel, o prêmio mensal de janeiro há de causar muita satisfação a quem tiver a ventura de ganhá-lo, não só pela sua utilidade prática como também por constituir um lindo enfeite para o tocador. É fácil, facilímo conquistá-lo. Basta que angariem novas assinaturas d’O Echo e enviem para esta redação...”

Nota: para saber mais sobre o tema, consultar *Historia de los Espejos* (PENDERGRAST, 2003).

O espelho de toalete, brinde de 1916 da Revista *O Echo* era um “bibelot para completar o arsenal de beleza”.⁸⁴

O espelho feminino, entretanto, devia ser bem mais “magnífico”: sua função era refletir uma *cútis* bem cuidada, alva, jovial, livre de manchas, cravos, panos, espinhas. Mas nem sempre essa era a imagem vista pelas mulheres que tinham a “obrigação” de agradar com sua beleza. Para resolver tais problemas, que pareciam ser os que mais afligiam às mulheres, uma série de explicações médicas sobre a pele, acompanhadas de receitas que prometiam solucionar os “defeitos”, eram temas constantes dos manuais de higiene e das revistas.

No início do século, podiam-se encontrar receitas para remover manchas da pele e para clareá-la. Ter uma pele alva, branca, é um importante ideal a ser conquistado (ou

⁸⁴ A imagem acima foi retirada da propaganda dos produtos de beleza *Oriental*, anunciados na revista *O Echo* em dezembro de 1916.

mantido) pelas mulheres que buscavam ser consideradas elegantes num país de tantos rostos de tonalidades amorenadas, resultado da mestiçagem. Os anúncios dos produtos para o rosto, do início do século até os anos 1920 nos mostram claramente a importância da pele alva, dotada da “louçania da porcelana”.

Em maio 1908, a revista *O Echo* afirma que o “acetinado e a alvura” da pele dependem dos cuidados da mulher. Recomenda banhos de leite para extirpar as manchas da pele e para fazê-la ainda mais alva. O *Orvalho da Beleza* (1916), afirma embranquecer a pele. No mesmo ano, o *Creme de Beleza Oriental* “embranquece e acetina a pele, dando-lhe a transparência da juventude.” O creme *Carícia de Flor*, em 1917, garante que “dá à cútis a alvura do lírio orvalhado”, bem como o creme *Ludovig* que, no mesmo ano, também promete a brancura da pele. Em 1919, a *Água Branca Neval* ou o *Branco Pérola Ninon* trazem, nos próprios nomes, a alvura que afirmam dar à pele.

”Creme Teinderlys dá uma cor de lys.”

Anúncio veiculado na revista *A Cigarra*, outubro de 1920.

Curioso notar que muitas dessas receitas para branquear a pele tinha como ingrediente principal o pepino; consagrado já desde o início do século, como agente clareador da pele.⁸⁵ Vejamos algumas receitas que recomendavam esse produto em um momento histórico em que muito se valoriza a brancura do rosto, em detrimento da pele escura ou manchada. Aqui, vemos que usar o pepino sobre a pele não era uma exclusividade brasileira, já que temos abaixo o excerto de uma tradução de um manual norte-americano, publicado no Brasil:

“Quando o pescoço e a cara estão muito requeimados em virtude da ação do vento e do sol, cortem-se algumas rodela de pepino e apliquem-se sobre as manchas durante a noite, lavando-as e esfregando-as pela manhã com nata fria.”⁸⁶

ou ainda

“LOÇÃO DE PEPINO - A loção de pepino se recomenda não só pelas suas propriedades alvejantes, como também pelas suas qualidades adstringentes. Extrai-se o suco ao pepino e deita-se um frasco de capacidade de um litro, adicionando-lhes seis gramas de água de colônia e cento e cinquenta gramas de água de rosas; agita-se bem e mistura-se-

⁸⁵ Às vésperas dos anos 1930, segue-se indicando produtos à base de pepino: “Para a clarear a pele, uma receita vantajosa faz-se misturando-se o gliceróleo de amido à pomadas de pepino e adrenalina”, diz a matéria *Higiene do Toucador* da edição de setembro de 1928 da revista *A Cigarra*. Ainda nos dias atuais é possível encontrar uma considerável quantidade de cremes faciais industrializados feitos à base de pepino, especialmente aqueles produtos voltados para o mercado popular. Marcas como a *Avon* ainda dispõe, em seus catálogos, do creme de pepino que promete clarear as manchas. Outros cremes de pepino são vendidos nas lojas e até mesmo em outras “lojas de comércio postal”, como a *Hermes* que, como a *Avon*, vende seus produtos por meio das revistas. Em edições atuais de revistas de beleza e estética feminina, encontramos receitas de cremes caseiros também tendo o pepino como o seu principal ingrediente, apesar de, nos dias atuais, o objetivo não ser mais a “alvura” da pele, já que se valoriza-se, igualmente a pele branca ou bronzeada -- o creme de pepinos supostamente garante, hoje em dia, a remoção de manchas cutâneas.

⁸⁶ *O Lar e a Saúde da Família*, p.p. 316-7.

*lhe depois, ainda, seis gramas de tintura de benjoim, que deve ser deitada no frasco às gotas. Esse preparado é muito delicioso e constitui um excelente tônico.”*⁸⁷

Se os recursos caseiros, ou até mesmo os industrializados não fossem suficientes para garantir a “alvura dos lírios”, o rosto feminino podia embranquecer-se por meio dos artifícios dos cosméticos.

Embora condenados por alguns autores higienistas, os cosméticos sempre foram amplamente utilizados pelas mulheres de fino trato, diariamente aplicados logo pela manhã, fossem ou não sair de casa.

*“É a saúde que origina uma tez perfeita. Geralmente nenhum empenho é feito para melhorar a tez, até que a idade e a doença lhe roubem a frescura; é então que muita gente comete a imprudência, sem dúvida por ignorar os seus perniciosos efeitos, de recorrer aos cosméticos, aos cremes e às loções. Uma grande parte desses preparados que se anunciam e vendem em grande escala, contém venenos fortes. Manufatureiros sem escrúpulos tiram partido da vaidade e do orgulho de milhares de pessoas, que dão mais importância à aparência exterior do que à saúde, desenvolvendo um negócio muitíssimo lucrativo com a venda de tais drogas.”*⁸⁸

⁸⁷ *ibidem*.

⁸⁸ *ibidem*.

O trecho acima condena tanto os cosméticos quanto os produtos industrializados que, muitas vezes, podiam ser venenosos. Apesar da origem norte-americana do documento, podemos observar que, também no Brasil, alguns desses produtos industrializados também eram acusados de conter elementos danosos em suas composições. Em 1916, o *Orvalho de Beleza* preocupa-se em afirmar, em sua propaganda (veiculada na edição de setembro da revista *O Echo*) que seu preparado “não contém drogas cáusticas” em sua formulação, donde podemos concluir que, de fato, outros preparados de origem industrial podiam conter substâncias prejudiciais em sua composição.

Ainda que a preocupação dos indivíduos, num momento em que o higienismo ordena os procedimentos do homem moderno para com seu próprio corpo, seja mormente focada na obtenção da saúde, nem sempre se podia investir somente nos “remédios” que prometiam “curar” (e portanto, embelezar) a *cútis* e, então esperar os resultados -- que de fato, em muitos casos, poderia nem mesmo aparecer. É verdade que como nos dias atuais, muitíssimos produtos “promotores da saúde”, vastamente apresentados pelas publicidades, no momento, eram vendidos. Porém igualmente exitosos eram os artifícios cosméticos, pois, quando não se obtinha o sucesso esperado por meio de cremes e loções “corretivas”, os males podiam ser ocultados por detrás dos cosméticos.

Os pós de arroz eram os cosméticos mais utilizados pelas mulheres no início do século XX. Além de fazer uso dos diversos preparados branqueadores, podia-se intensificar a “louçania” de porcelana das faces e dos colos femininos pelo *poudre riz*, (nome ainda em francês na primeira década do século XX, mostrando a enorme influência europeia nas tendências estéticas brasileiras).

O pó de arroz, diferentemente dos pós compactos usados pelas mulheres nos dias atuais, ainda fazia jus ao nome que carregava. Tratavam-se de pós brancos, na maioria, feitos a partir da fécula do arroz, que podiam ser aplicados diretamente sobre a pele ou ainda, para melhor aderência, colocados por cima de cremes nutritivos ou hidratantes que, além de oferecer saúde à tez, aumentavam o poder de fixação do pó cosmético.

O creme de vaselina branca Mimosa Cútis se dizia eficaz contra as rugas, manchas e qualquer irritação da epiderme; “infalível contra as queimaduras, frieiras e rachaduras das mãos e dos lábios”, sendo ideal para ser aplicado antes do pó de arroz, para facilitar sua aderência.

Anúncio retirado da revista *O Echo*, outubro de 1917.

As propagandas dos cremes e loções advertiam sobre os perigos da maquiagem, a ponto de notarmos um verdadeiro embate entre empresas que fabricavam produtos restauradores da saúde e da juventude contra os cosméticos que “resolviam” os problemas imediatamente, ocultando-os.

Se após os anos 20 a coloração branca da pele não é tão mais frequentemente mencionada pelos textos (especialmente publicitários), o pó de arroz não é menos usado. Já em meados da década anterior, se vendem pós de arroz com outros matizes. Em 1916, o *Poudre Beauté Orientale* antecipa a tendência na coloração, vendido em “branco, creme e rosa”. Às vésperas dos anos 20, mais um pó de arroz é apresentado no mercado, em três tonalidades -- que não o branco simplesmente. Tratava-se do *Pó de Arroz Suzette*, que embelezava a pele ainda na cor branca, claro; mas também em sua versão rósea.

“Mas o elemento de atração irresistível sobre o homem é, sem a menor dúvida, a beleza da cútis. Ele liga a isso uma importância extraordinária. Se examinarmos o fundo do seu pensamento, em tal maneira, acharemos que ele associa uma pele clara, uma carnção suavemente rosea e de frescura infantil às ideias de pureza de espírito e de inocência.”

Excerto retirado de matéria da revista *O Echo*, edição de setembro de 1918.

Mais tarde, o *Pó de Arroz Mendel* confirma a tendência de se ter peles mais “coloridas”, que dariam um aspecto mais natural à tez. Ainda se vende a tonalidade branca, mas agora, as cores “carne” e “creme” estão ficando mais na moda, afirma.⁸⁹

No entanto, devemos registrar que se tratam, ainda, de produtos destinados às mulheres brancas, ou, até mesmo, às raras mulheres ruivas, nada comuns na sociedade brasileira.⁹⁰

Branco ou delicadamente colorido, os pós de arroz, efetivamente, eram indispensáveis para grande parte das mulheres que se queriam mostrar elegantes, visto que além de promover a tonalização desejada da cutis, podiam ocultar os “defeitos” cada vez mais “imperdoáveis”. Dentre os problemas que mais afligiam, as rugas! O envelhecimento, já considerado um peso bastante desagradável no início do século XX, era motivo dos mais variados tipos de tratamento de pele a que as pessoas podiam experimentar; tratamento esses que iam desde os já popularizados cremes faciais até inusitados rolinhos de massagem.

Se a obrigação da mulher era ser bela, a luta contra o tempo implacável (e, mais cedo ou mais tarde, vencedor) lhe demandava esforços e preocupações. Apesar de muitos criticarem os exageros da “coqueteria”, os cosméticos -- especialmente os pós de arroz -- eram a solução mais efetiva com que se podia contar, apesar de sempre condenáveis na opinião dos médicos higienistas:

⁸⁹ Curioso notar que em meados dos anos 1920, havia mais pós de arroz com perfume diferenciado do que com cores distintas! A marca *Lubin* possuía três tonalidades de pós, com cinco opções de fragrâncias distintas em cada um deles! Vemos, portanto, a importância que se dá aos odores, fazendo com que a perfumação seja sinônimo de elegância, delicadeza e distinção.

⁹⁰ Os chamados produtos étnicos, destinado à cerca da metade da população brasileira, composta de afrodescendentes (em 2007, éramos 44% negros ou mestiços) entram no mercado brasileiro apenas no final do século XX. Somente a partir dos anos 90, iniciam-se campanhas publicitárias dos cosméticos voltados para a mulher negra.

“Depois de lavado, precisa ser o rosto bem enxuto, não sendo de nenhuma vantagem para o asseio a aplicação consecutiva de loção, creme ou pó de arroz. Ao contrário, todas essas substâncias, também as pinturas, devem ser desaconselhadas, por conterem, muitas vezes, substâncias tóxicas, irritantes, ou, pelo menos, capazes de obliterar os poros da pele, cuja utilidade já conhecemos: [a respiração do tecido epitelial] as loções contém álcool, que fende e resseca a pele; o pó de arroz, substância orgânica, fermenta e irrita a cutis, quando não é tóxico, por ser falsificado com chumbo ou arsênico; as pinturas obturam os poros e irritam o tegumento cutâneo, pelas drogas que contém, além de contribuírem para pergaminhar a pele antes do tempo.”⁹¹

Mesmo que, contraditoriamente, pudessem “pergaminhar” a pele, as maquiagens eram, cada dia mais, indispensáveis para a mulher elegante. As publicações, especialmente publicitárias, afirmam o quão é importante ser jovem e bela; faz com que o olhar da mulher se torne mais acurado para os próprios “defeitos”, ensinado-a reconhecer e estar atenta aos males cada dia menos aceitos, e que, portanto, deveriam ser combatidos.

*“Exma. Senhora, não vacile!
A segurança da perfeição de sua pele depende do uso diário
do Pó Graseoso Mendel...”*

Anúncio veiculado pela revista *A Cigarra*, dezembro de 1924.

⁹¹ J. P. Fontenelle, *Manual de Higiene Elementar*. p. 221.

“As Rugas

Tímidas e débeis, a princípio as rugas vão aparecendo uma a uma sob os olhos. A primeira não traz consequências; à segunda, apenas prestamos atenção, mas à terceira, a beleza solta um grito de alarme. Este, efetivamente, anuncia o cortejo infinito pelas rugas que virão estampar-se pouco a pouco sobre as faces, em torno dos olhos, da boca e do colo.

Época triste, pressentimento da aproximação de um poder inimigo que fere na sombra, e que continuará, até o fim, o seu trabalho destruidor.

Todas as mulheres maldizem as rugas que, por ferirem sua beleza, lhes ferem ainda o que mais têm de precioso: a juventude.”

Excerto extraído da revista *O Echo Phonographico*, edição de fevereiro de 1905.

“Tímidas a princípio, vão as rugas deslizando, uma a uma, no canto dos olhos. A primeira não traz consequências, à segunda, apenas uma ligeira atenção dispensamos; à terceira, porém, a beleza impreca.

É o cortejo infinito de todas as mais que virão tecer no rosto a máscara triste da feiura, irrompeu veementemente, sem que lhe possa, ao que parecer, sustar a marcha vandálica.

Época bem triste, pressentimento amargo da proximidade de um poder inimigo que trama na sombra e que continuará, até o fim, a sua missão destruidora!... Todas as mulheres maldizem as rugas que lhes roubam o seu mais idolatrado mimo: a juventude.”

Excerto extraído de matéria da revista *O Echo*, edição de fevereiro de 1917.

Podemos notar, acima, que o segundo texto, veiculado doze anos depois do primeiro, na mesma publicação (que havia reduzido seu nome de *O Echo Phonographico* para, simplesmente, *O Echo*), faz com que o problema das rugas seja notado, desde onde nasce, no rosto, até a dor que pode trazer a uma mulher. O segundo, “adaptação” ainda mais dramática do primeiro, confirma o quão temidos são os efeitos devastadores do tempo.

Não somente os pós cosméticos, mas também as loções e cremes (ainda que, como vimos, muitas vezes eram igualmente condenados) também eram considerados importantíssimos recursos disponíveis para manter e propiciar a saúde e beleza da pele feminina, contradizendo, absolutamente, o que alarmavam muitos manuais.

O *Orvalho de Beleza* oferece “13 razões” para ser utilizado, dentre elas:

“O Orvalho de Beleza não contém drogas cáusticas. Com seu uso, a pele torna-se macia e de uma brancura invejável.” Ou ainda: “O Orvalho de Beleza não pinta a cútis. Senhora ou Senhorita que usá-lo, apresentar-se-á linda nas ruas, nos teatros, nos bailes, nos pic nics sem o menor receio desta insolente pergunta: ‘V. Excia [sic] vende tintas?’”; ou: “Uma pele aveludada e esmeradamente tratada é um atributo da beleza de cujo cultivo depende o mais das vezes a felicidade da mulher (...) O Orvalho da Beleza é um talismã de felicidades (...) é a oitava maravilha do mundo [pois] reeduca a pele (...) O Orvalho de Beleza é um protetor de vossos atrativos pessoais. Começai a usá-lo hoje mesmo, amanhã poderá ser tarde.”

Anúncio veiculado na edição de novembro de 1916, pela revista *O Echo*.

Vemos, no anúncio acima que, não só os escritos médicos condenam as maquiagens, mas também os produtos tidos como “reeducadores da pele”, que supostamente promoveriam a saúde da cútis fazendo-a enfrentar, da melhor maneira, os imperativos dos anos. Muitos outros produtos apostavam, em suas publicidades, em atacar os cosméticos maquiadores em detrimento de loções ou cremes que, supostamente, deveriam nutrir a pele, limpá-la e rejuvenescê-la.

Havia ainda, os produtos para o rosto que eram os preferidos da mulher elegante: os cremes ou loções que serviam como “base” para a aplicação do pó de arroz. Promoviam uma melhor aderência do cosmético, ao mesmo tempo em que promovia, sem “conflitos”, a utilização dos dois recursos mais utilizados para o combate às rugas: o suposto “tratamento” para a “correção” da pele com o artifício da maquiagem, que ocultava o que não deveria ser notado. Diante da inexistência das bases líquidas ou em pó, utilizadas hoje em dia para a realização do *make up*, os produtos de tratamento exerciam tal função.

A partir de 1916, o Creme de Beleza Oriental promete manter a pele em “perfeito estado de higiene e beleza pelas qualidades emolientes e refrigerantes: “embranquece e acetina, dando à pele a transparência da juventude (...) Recomendado para massagens e para fazer aderir o pó de arroz, tornando-o invisível.” ⁹²

⁹² Anúncio veiculado na revista *O Echo*, em novembro de 1916.

Alguns desses cremes para a cútis podiam ser gordurosos; o que, com o tempo, de fato obturariam os poros. A partir de meados da década de 1910, muitos desses cremes passam a ter a preocupação de não engordurar a pele; ainda que não se recomendasse, nessa época, o desuso desses produtos para peles oleosas. Na maioria das vezes, pedia-se que a mulher de pele gordurosa lavasse o rosto com água quente e que até mesmo passasse álcool sobre seus rostos, como tônicos; em seguida, no entanto, deveriam ser aplicados os cremes e as loções embelezadoras que todas as outras finas e distintas senhoras utilizavam. Não existiam, ainda, produtos especializados para essas peles oleosas. Tampouco falava-se em peles mistas.⁹³

A partir da década de 1920, os cremes e loções que prometem “nutrir” e “curar” os males da tez, acentuam, em seus textos publicitários, suas “excelentes propriedades”: são puros (ou seja, não contém elementos tóxicos em sua composição), não gordurosos, como vimos acima, e, para atender melhor aos fatores cosméticos da mulher que se maquia, eram dotados de “suave perfume”. Começam a surgir as linhas de tratamento, de um mesmo fabricante -- dando alguma “trégua” no embate entre tratamentos e cosméticos -- já que o procedimento consagrado pelas mulheres parece ter mesmo sido a combinação de cremes com o pó de arroz.

A Parfumerie Ideal, em 1920, vende sua linha de beleza Ninon: creme facial (“indispensável para a aderência do pó de arroz, preservando a cútis do sol e do vento, que tanto prejudicam as cútis delicadas”), o Pó de Arroz Ninon, o Rouge Ninon, o Branco Pérola Ninon (líquido para “alvejar o decote”).

Anúncio da revista *A Cigarra*, edição de outubro.

PARFUMERIE IDEAL
EMILE HAMEL
Praça da Republica, 31 — S. PAULO
Telephone Cidada, 5029

Qual é o maior desejo das Senhoras?
E' de ter uma cutis sempre fresca e macia.
Teréis pleno resultado e o vosso desejo será satisfeito, empregando o

CREME NINON
Tendo a vantagem de não ser gorduroso e tornando-se indispensavel para a adherencia do pó de arroz.
E preservando a cutis do sol e do vento que tanto prejudicam as cutis delicadas.
Empregas de preferencia o pó de arroz Ninon.
Pó de Arroz Ninon perfumado de um perfume "suave, impalpavel, invisivel, sem rival, dando ao rosto a transparencia e o avelludado ideal.
Rouge Ninon em pasta para o rosto. Muito recomendado, invisivel na sua applicação, tornando sob a influencia do ar, o tom rosado natural, dos mais seduzentes.
Branco Pérola Ninon, igualmente indispensavel, para obter um decolte. Basta empregar por meio de um pincel de algodão uma pequena quantidade deste liquido e obterá um bello decolte. Alvo e de uma linheza invejavel.

Produtos igualmente muito recomendados da PARFUMERIE IDEAL
Água de Colonia e loção para os cabelos e productos para as unhas, sendo: Esmalte Ninon, Ongline em pó, Creme Ongline, etc.
NOTA: Os productos da PARFUMERIE IDEAL vendem-se em todas as boas casas.

COUPON BRINDE
Toda moça ou senhora que nos remetter o coupon abaixo com 500 rs. em sellos do correio receberá um potezinho de Creme Ninon.

Nome _____
Rua _____
Localidade _____
Estado _____
Correio _____

⁹³ Começa-se a falar em “peles neutras”, ainda sem o conceito ou percepção das “peles mistas” apenas em meados da década de 1920, pelos Institutos de Beleza que também faziam propagandas de seus serviços nas revistas.

Além de dispor dos *cold cream* e loções, as elegantes mulheres já podiam dispor também de argilas, óleos, “leites”, extratos. À medida em que a preocupação com a idade ou com os demais males da pele se fazia mais premente, maior a quantidade de produtos de que a mulher higiênica elegante deveria adquirir. Em meados da década de 1920, *kits* de cremes e loções para tratamento, cada vez mais específicos, chegam ao país, tornando os cuidados com a *cútis* algo cada vez mais especializado, minucioso; nos dando a impressão de que essa parte do corpo necessita, de fato, de produtos específicos para que a ciência triunfe sobre os perigos da natureza (que poderia ser bastante descontrolada e degradante).

“Manchas que desfeiam, pele áspera, rugas, estas pequenas faltas, podem deitar a perder o mais elaborado embelezamento. Todas estas faltas podem ser remediadas. Não escondidas, note-se, remediadas! Elizabeth Arden prepara os cosméticos mais esquisitamente delicados, cores vivas da mocidade para as faces; completa variedade de sedutoras cores em moreno, azul, preto para os olhos, cores para os lábios tão tentadoras como beijos, todo o sutil embelezamento. Mas Elizabeth Arden não aprova o uso destas preparações como meio para ocultar os defeitos, sardas, rugas etc. Para corrigir todas as faltas da aparência ela tem um tratamento científico. O seu método é fundamental, forma beleza sobre alicerces seguros de contornos firmes e pele macia e clara. Para a palidez aconselha não cores artificiais, mas sim tônicos da pele, estimulantes devidamente aplicados. Para rugas, não bálsamos ocultadores, mas sim alimentos fortificantes para a pele. A mulher elegante que adota o método de Elizabeth Arden nunca se vê obrigada a depender de artifícios para produzir um esforço de beleza.”

Anúncio veiculado pela revista *A Cigarra* em março de 1925.

Produtos de tratamentos importados pela empresa e vendidos no Brasil, para o tratamento diurno e noturno da pele:

- * creme para limpar
- * tônico para limpar a pele (com efeito branqueador. Afirma que, usado junto do creme, é preferível à água e sabão).
- * “alimento laranja” (reconstrutor de tecidos para fazer desaparecer rugas).
- * óleo para músculos (para restaurar os contornos do rosto).
- * creme para poros (para fazer fechá-los, após a aplicação dos produtos acima).

Na esperança de obter efeitos espetaculares, as mulheres, em busca de manter (ou remediar) a mocidade e a beleza de seus rostos, adquiriam produtos de efeitos “maravilhosos”. A *Pomada Onken*, era a “única que tira, com absoluta garantia”, sardas, panos, espinhas, rugas e manchas, oferecendo dez contos de reis a quem não obtivesse resultados em 10 dias!⁹⁴ A *Pomada Reny*, que também indenizava em dez contos de reis os insatisfeitos, certificava que a pessoa que a usasse, aparentaria a metade dos anos que tivesse.⁹⁵ O Creme *Dermophilina* conta histórias fantásticas de sua formulação, que haveria sido descoberta por meio de um antigo papiro egípcio, achado nas escavações arqueológicas e, que por suas propriedades, devia ter promovido as belezas da rainha Cleopatra.⁹⁶

Como afirmava o já então conhecido *Creme Rugol* em 1926 (que, ao contrário das próprias consumidoras e de sua tão desejada mocidade, resistiu ao tempo, sendo vendido até os dias atuais; agora, para mulheres de poder de consumo reduzido), “a higiene [achava-se] de posse (...) de numerosos segredos destinados a corrigir os defeitos da cutis.” Sendo assim, os cremes faciais tinham, como já podemos notar nos exemplos acima, funções múltiplas, muito distintos dos cremes ora comercializados, de efeito “departamentalizado”. Embora já existissem produtos específicos como os lançados por Elizabeth Arden, a maioria dos produtos vendidos eram multifuncionais, designados para tratar tanto as rugas como “manchas, sardas, espinhas e panos”.⁹⁷

Desde antes mesmo do início do século XX, as “rugos, sardas, espinhas e panos” pareciam ser “as piores” faltas que poderiam acometer o rosto das senhoras, devendo

⁹⁴ Propaganda anunciada na revista *A Cigarra*, em março de 1922.

⁹⁵ *ibidem*.

⁹⁶ Revista *A Cigarra*, edição de junho de 1925.

⁹⁷ Panos: manchas na pele (acepção de uso comum lusitano). Fonte: Dicionário Aurélio. Edição completa em versão eletrônica para Iphone.

ser combatidos pelas finas criaturas. Inclusive nos anos 30, até mesmo dos preparados caseiros, devia-se esperar a extirpação de tais males.

Sobre as espinhas e poros ingurgitados (cravos etc.), o manual *O Lar e a Saúde da Família* dizia (p. 319):

“As espinhas e os poros ingurgitados que aparecem aos lados do nariz, convém espremer uma ou duas vezes por semana depois de, à noite, lavar a cara com água quente e sabão. Isto pode ser praticado com as unhas dos dedos ou também com a chave de um relógio, aplicando-se a broca sobre a espinha e premindo-a devagar. Aplica-se, então, sobre as espinhas espremidas espuma de sabão, que se deixa ficar durante a noite. Constitui isto um remédio de grande efeito para reduzir os poros ingurgitados.

Para remover as espinhas e também tornar macia a pele antes de se lhe aplicarem cremes e loções, mergulha-se uma toalha macia de linho em água sofrivelmente quente e torce-se, aplica-se então a toalha sobre o rosto, apertando-a com as mãos contra as cavidades dos olhos, do nariz e da boca. Repete-se a operação até que a pele esteja bem macia e de uma cor rosada. Neste estado, ela será suscetível de absorver maior porção de óleos e loções, aumentando consideravelmente as suas propriedades efetivas.

Poros ingurgitados cedem mais facilmente à aplicação de algum preparado adstringente do que aos cremes frios. A razão disso é que os adstringentes tendem a fechar os poros (...) Um pouco de álcool diluído, aplicado sobre os mesmo, em seguida a um banho do rosto, não tardará em fechar completamente os poros. Um excelente adstringente para os poros muito ingurgitados prepara-se misturando a cem gramas de

hamamelis virginica, três gramas de ácido bórico. Recomenda-se também, para esse fim, o espírito canforado.”

Embora as técnicas vistas acima possam ser bastante inusitadas, para o leitor dos dias atuais (ao recomendar, por exemplo, que um aparato de relógio, seguramente infectado, serviria para extirpar cravos e espinhas), não eram incomuns. Os sabões anti-sépticos também prometiam concorrer para a melhora deste mal.⁹⁸ Havia ainda outros preparados caseiros que, em seu uso evidentemente tópico, também contribuíam na “correção” deste “defeito”: compressas bem quentes de água de camomila ou água boricada acrescidas de um terço de seu peso em éter canforado. Servia também, a água quente, fervida, com um pouco de bórax; além dos já comercializados sabonetes sulfurosos, como os feitos à base de lama do Araxá.⁹⁹ Em meados da década de 1920, surge uma espécie de “creme-cera” purificada, que afirmava limpar a pele, favorecendo, por conseguinte, o combate à acne. Essas “ceras” (entre elas, uma que se vendia pelo nome em inglês: *Pure Mercolized Wax*) contribuíam para acirrar o embate entre os tratamentos dermatológicos propostos pelos cremes e os cosméticos, que garantiam a aparência saudável imediata.¹⁰⁰ Advertiam que, para deixar a pele limpa, livre de

⁹⁸ Em 1921, o *Sabão da Costa*, que “não contém perfume porque é medicinal”, tem a vantagem de eliminar sarnas, frieiras, coceiras, dartros [designação vulgar de herpes], eczemas e espinhas; além de “ser poderoso e infalível na remoção das caspas”, como muitos dos produtos multifuncionais característicos do início do século XX. (Anúncio retirado da revista *A Cigarra*, edição de junho).

⁹⁹ *A Cigarra*, sessão *O Toucador*, maio de 1928.

¹⁰⁰ Embora o embate entre cosméticos “disfarçadores” (porém prejudiciais) e os cremes de tratamento ecoem até mesmo os dias atuais (apesar da existência, hoje em dia, de produtos de maquiagem dotados de componentes promotores da saúde da cutis), já havia, em 1928, pós de arroz com propriedades funcionais, segundo anúncio da *Academia Científica da Beleza*. Segundo a propaganda veiculada na edição de setembro da revista *A Cigarra*, existiam pós específicos para fechar os poros, para as peles sujeitas à verrugas, especiais para peles gordurosas, para pessoas que usassem produtos depilatórios, para evitar a transpiração do rosto e colo (“ideal para ser usado em climas quentes, como no Rio de Janeiro”), contra a vermelhidão, contra o sol, o ar do mar, do campo etc. Esses produtos parecem não ter se popularizado, ou mesmo haverem seguido no mercado, já que foi a única propaganda deste tipo de pós de arroz encontrada até as publicações do ano de 1950.

impurezas, para manter a saúde e a juventude da pele, a mulher devia abster-se de cremes e carmins; e sim fazer uso da cera pura, que nada acrescentaria à pele, “ao contrário: retira[ria] dela toda a cútis superficial velha, descolorida e manchada. Deste modo, vai aparecendo em seu lugar uma nova cútis, delicada, que surge gradualmente das camadas inferiores para revelar-se à superfície.” Esse tipo de proposta que se pode relacionar a uma esfoliação, um *gommage avant la lettre*, era bastante inovador.¹⁰¹

Ainda que inovador, esse não era o tipo de tratamento mais utilizado no período em que estudamos, e nem nas próximas décadas. Os cremes e até mesmo as massagens eram, junto dos cosméticos, os recursos que mais atraíam as mulheres em busca de uma pele aparentemente saudável, livre de manchas, sardas e rugas.

Na tentativa de adiar o envelhecimento, no início do século, as massagens eram um recurso que parecia muito promissor. Até mesmo a força de vontade aparecia como um recurso para remediar a incômodo pesadelo das rugas!

“As rugas se fazem desaparecer com a aplicação de massagem, ou, se foram ocasionadas por acabrunhamentos ou por aplicações muito fortes do espírito, pela simples força de vontade.

*Para conseguir a sua extinção definitiva, os sulcos e rugas da cara devem ser massageados todas as noites. Se são massageados uma noite e se deixam ficar por uma semana ou mais, os sulcos não só tornam aparecer como até se profundam. É preciso muito cuidado e vigilância afim de afastar definitivamente as rugas, a menos que a gente consiga habituar-se logo e logo a conservar em repouso os músculos da cara. A massagem deve ser feita em sentido transversal à linha dos sulcos.”*¹⁰²

¹⁰¹ Anúncio retirado da edição de julho de 1928, da revista *A Cigarra*.

¹⁰² *O Lar e a Saúde da Família*, p. 318.

Nos dez primeiros anos do século XX, vendiam-se pequenos rolinhos para massagear o rosto, já que as massagens e as fricções supostamente poderiam fazer desaparecer as rugas. Em 1908, são oferecidos às consumidoras, ávidas por se “aformosearem”, rolinhos elétricos -- que apesar do nome, não eram conectados à tomadas -- cuja eficácia, supostamente, era maior (podendo também servir a outras partes do corpo, que não somente ao rosto).

“Verdadeiro embelezador do rosto - Rolo elétrico para massagem. Evita e remove as rugas e todo o defeito do rosto. Faz qualquer parte do corpo se desenvolver ou reduzir. É muito simples o modo de usar o rolo. Faz-se passar pela parte do rosto ou corpo, onde se deseja a qualquer hora, à vontade da pessoa que o usar e em qualquer sentido, durante dois a cinco minutos, três ou quatro vezes por dia, mais ou menos. Para fazer desaparecer as rugas ou pés de galinha e outros defeitos da cutis, é bom usá-lo durante três a cinco minutos antes de se deitar, repetindo essa aplicação de manhã, ao levantar-se. É quanto basta, em geral, podendo-se porém, aplicá-lo com vantagem durante o dia, quantas vezes se quiser. É bom empregar um pouco de força, pois, que desse modo se produz a corrente elétrica. É preciso conservar o cilindro limpo, passando nele um pano macio depois de usá-lo. Se, por ventura, o rolo não deslizar bem, põe-se um pouco de azeite no eixo do cilindro (...) Nota importante: O rolo é também aplicado com vantagem contra a obesidade; a eletricidade que ele produz tem o efeito de revigorar os músculos fazendo o sangue circular normalmente e restabelecer a saúde das partes afetadas. Da mesma forma, pois, faz também voltar ao seu estado normal, desenvolvendo-as, todas as partes do corpo, que tenham sofrido qualquer atraso.”

Anúncio retirado da revista *O Echo*, edição de maio de 1908.

Nem mesmo crendo nas benesses da recente e “maravilhosa” eletricidade, que poderia resolver os defeitos e até os atrasos no “progresso corporal” dos indivíduos, não se podia descuidar dos implacáveis sulcos que se desenhariam sobre o rosto. Além do tempo, tanto os sentimentos convulsionados quanto as expressões que os acompanhavam eram perigosos: podiam comprometer a formosura que ainda restava antes que a velhice chegasse e invalidasse a própria natureza de ser mulher (cuja função, como vimos, era a beleza)¹⁰³. Nesse período, os gestos comedidos, além de conotarem boa educação e recato feminino, eram um recurso para evitar “trincar” a cutis.

“Convém evitar as rugas antes que elas cheguem, e combatê-las com auxílio de certos medicamentos hábeis. As rugas que não vem da idade podem ser extintas. Logramos extirpá-las obrigando a pele a mover-se com irritantes fricções e massagens. Evitai também os franzimentos da fronte, ou as gargalhadas forçadas, os sorrisos artificiosos, que imprimem, a ambos os lados do nariz, rugas medonhas.

A massagem da pele é o melhor remédio.

¹⁰³ Na sessão *O Tocado* da revista *A Cigarra* (edição de setembro de 1928), afirma-se que a beleza física na mulher é “tão forte e tão importante quanto outros encantos, como a inteligência e o canto”. E que a missão que a natureza confiou à mulher, que é ser bonita, deve ser aprimorada, já que sua função é sempre agradar e atrair. E que “agradar pelo belo sempre equivale a conquistar um amor profundo”, de forma que, “além da cultura intelectual, é preciso esforçar-se para perpetuar os dotes físicos, melhorando os dons naturais (...) alindar-se é obrigação da mulher, que precisa conhecer ao menos rudimentos de estética (...) Bons livros, noções de suma importância que muito se relacionam com a sua beleza [afinal] é hoje sabido que beleza e higiene se completam, se integram.” Portanto, é conveniente fazer massagens no rosto para dissipar as rugas. Em outra matéria, da mesma sessão (veiculada, porém em dezembro de 1928), vemos que a relação entre a feminilidade e a busca pela beleza estética está, no texto, legitimada pelas práticas de gerações anteriores; e que, portanto, é indiscutível: “para reconquistar sua mocidade, a mulher se sujeita a todos os sacrifícios (...) Renovar, perpetuar seus encantos, sempre foi uma linda preocupação da mulher que sabe muito bem que o homem robustece o seu amor próprio na graça, no encanto que lhe proporciona a beleza (...) Conservar sua beleza, manter-se forte, elegante, viçosa, não é porém, preocupação exclusiva da mulher moderna. A arte da sedução sempre existiu. Realçar seus encantos, alindar-se, conservar sua mocidade será, por acaso, motivo de censura? Simpatia, charme, não se irradiam com muito mais facilidade em rostos lindos e corpos esculturais? (...) No terreno das reivindicações, vence sempre a beleza, proteste quem protestar”. Provavelmente, esse argumento estava sendo direcionado àqueles que criticavam o ‘excesso de coqueteria’ entre moças e senhoras; como o condenava o incipiente feminismo, por exemplo: “ninguém põe em dúvida o altíssimo valor do espírito. Querer, porém, negar ao físico amor para dar sólidas conquistas obtidas pelo feminismo triunfante é querer muito. Ante o argumento expresso por uns lábios femininos lindos, poucos varões ilustres resistem.”

Empregai, moderadamente, um pouco de algodão impregnado em algum creme adstringente. Friccionai ligeiramente as rugas no sentido inverso, durante algum tempo.

Muita gente emprega para estas massagens pequenos pedaços de borracha endurecida, madeira ou marfim. O tratamento mais eficaz é o elétrico, com massagens e pequenas correntes contínuas.

Por toda a forma, impedi que o vosso rosto receba choques de um frio intenso. Assim, ao sair de um lugar demasiado quente, um teatro ou um baile, por exemplo, deve-se cobrir o rosto com um pano ou mantilha.

Pode-se fazer muito pouco contra as rugas da velhice. E para quê? Até tem elas seu encanto. Seria temerário querer amolecer uma pele fatigada. E demais, as velhas não precisam de formosura.”¹⁰⁴

Às vésperas dos anos trinta, ainda se discute a questão das emoções, que expressas, podem influenciar a cutis, ainda que de maneira mais elaborada, tratando não só dos movimentos faciais, mas da condição emocional do indivíduo. Na matéria sessão *Toucador* (edição de junho de 1928 da revista *A Cigarra*), considera-se o reflexo das emoções na pele do rosto. Aponta-se que o equilíbrio moral¹⁰⁵ e físico tornam o rosto mais calmo e sereno, de forma que a pele traduz graça e harmonia. “E graças aos cuidados de uma boa higiene aliados à bem orientada estética”, poder-se-ia conservar a “mocidade do rosto e a beleza da aparência”. Recomendava-se, portanto, cuidados com a saúde, calma interior; que se evitassem sofrimentos, angústias e dores, que “inexoravelmente se espelham na fisionomia”, trazendo rugas e cabelos brancos, pois “a pele reflete as vicissitudes, retrata as lutas íntimas que golpeiam nosso sistema nervoso e

¹⁰⁴ Retirado da revista *O Echo*, edição de fevereiro de 1905.

¹⁰⁵ Lembremos que, como dissemos nos capítulos anteriores, as questões morais não se dissociam dos conceitos de higiene e saúde no período estudado.

a saúde.” Havia que se “modificar o pensamento, adotando outras ideias, encarando de outro modo as eventualidades cotidianas [pois] aborrecer-se, contrariar-se por uma insignificância é antecipar a velhice.” A seguir, a matéria indica os procedimentos estéticos que vão além da “higiene mental”, recomendando que, para manter o rosto e o pescoço “brancos como a neve”, o ideal seria isolar-se em seus aposentos a fim de “resguardar a linda epiderme, abrigando-a de tudo o que fosse nocivo e prejudicial (...), os fatores inimigos da juventude: vento, frio, sol excessivo, calor, emoções bruscas de ordem física e moral, tristezas, contrariedades, *surmenages* [trabalho árduo]”, recomendando-se o repouso -- bastante possível para as mulheres da elite, que dispunham do ócio enquanto as outras mulheres, das camadas menos favorecidas, tinham suas vidas expostas a tudo o que pudesse lhes degenerar a beleza que ainda lhes restassem; muitas vezes, trabalhando em favor da manutenção do ócio das damas mais abastadas.

A outra via dessa ideia de emoções atreladas à aparência também era aceita: se os bons pensamentos produzem a beleza, a beleza também produz os bons pensamentos, a felicidade e a vitória. Importantíssimo, portanto, ser bonita!

*“Uma mulher que se vê ao espelho, coberta de rugas, panos [manchas da cutis], espinhas, certamente não terá pensamentos otimistas, ideias felizes (...) Quem se julga feliz, quem se mira embevecida em um espelho, enriquece o seu cérebro com bons, otimistas pensamentos. Falar, pensar na felicidade todos os dias é o mesmo que chamá-la (...) Um lindo rosto proporciona bons pensamentos, boas ideias. Quem tem boa saúde física consegue sempre e com facilidade, tudo o que intenta.”*¹⁰⁶

¹⁰⁶ *A Cigarra*, edição de junho de 1928.

Além do pó, num primeiro momento branco, e depois tonalizado, as mulheres elegantes não podiam deixar faltar o rouge para corar seus rostos, “buscando sua felicidade pessoal.” Em 1916, a empresa *Perfumaria Lopes*, apesar do nome bem brasileiro, vendia sua linha linha “*Oriental*” e “*Orientale*” de produtos de beleza, já consciente de que as mulheres usavam os cremes de toalete e também os artifícios da maquiagem; igualmente; pois: “*existem belezas naturais, desenhadas pelo Onipotente e também as que são cultivadas pela higiene também as que são conservadas pelos milagres da ciência.*”¹⁰⁷

Creme de Belleza Oriental

Unico sem rival, para manter a epiderme em perfeito estado de hygiene e beleza pelas suas qualidades emollientes e refrigerantes, embranquece e assetina a cutis, dando-lhe a transparencia da juventude. Não é gorduroso, é o melhor para massagens e faz adherir o pó de arroz, tornando-o completamente invisivel.

UM 3\$000 PELO CORREIO, 3\$500

Poudre de Beauté Orientale

(BRANCO, ROSA E CREME)

Fino e impalpavel, de perfume delizioso e penetrante, composto de pura fecula de arroz, adhere á cutis avelludando-a e imprimindo-lhe o seu delicioso perfume.

PREÇO 5\$000 — PELO CORREIO 6\$000

ROUGE ORIENTALE

(DES LEVRES)

Adhere aos labios tornando-os macios e frescos.

Applica-se do mesmo modo que o *Rouge Illusion*.

PREÇO 2\$000 — PELO CORREIO 2\$000

Deposito PERFUMARIA LOPES

Uruguayana, 44 Rio de Janeiro

¹⁰⁷ Matéria veiculada na sessão *O Toucador* da revista *A Cigarra*, edição de de junho de 1928.

Como vimos na imagem da propaganda acima ¹⁰⁸, a maquiagem para colorir os lábios ainda não recebe o nome de batom. Se chama, igualmente “rouge” *des lèvres* [dos lábios]. Provavelmente também se tratava de um pó, não só por ser rouge, mas pelos conselhos que outras edições dão de se hidratar os lábios com glicerina antes de sua aplicação, para não gretá-los. Em 1928, uma propaganda de um “rouge para os lábios em *baton* líquido”: uma novidade que parece resolver o problema da maioria das senhoras, que aplicavam até mesmo o rouge facial para colorir suas bocas: “devemos fazer notar às nossas Exmas. Clientes que quase todas as senhoras tem lábios fendidos dos rouges impróprios.” ¹⁰⁹ Novidade revolucionária, tendo em vista que apesar da posterior invenção do batom em forma de bastão¹¹⁰ (como o próprio nome, advindo do francês sugere), o batom líquido, popularizado atualmente como *gloss*, é amplamente comercializado em nossa sociedade.

Ainda que tais “carmins” fossem, muitas vezes condenados¹¹¹, nunca deixaram de ser extensamente utilizados, pois a necessidade de parecer bonita -- e até mesmo a competição fomentada, pelos próprios anúncios, entre a aparência de uma mulher e as demais --, certamente fazia com que a maioria delas ignorassem esses conselhos; dada a quantidade expressiva de produtos de maquiagem que se multiplicavam pelos anúncios

¹⁰⁸ Anúncio retirado da revista *O Echo*, edição de dezembro de 1916.

¹⁰⁹ Propaganda da *Academia Científica de Beleza*, setembro de 1928. Revista *A Cigarra*.

¹¹⁰ Que passa a ser comercializado no Brasil a partir do início dos anos 1930.

¹¹¹ Como já mencionamos, grande parte dos cremes de tratamento condenavam a aplicação de maquiagens, por supostamente degradar a pele. Em 1927, na revista *A Cigarra* (ed. de setembro), uma matéria patrocinada pela cera *Pure Mercolized Wax* afirmava: “A mulher que deseja parecer jovem deve abster-se do uso de cremes e carmins porque, do contrário, só conseguirá piorar o aspecto do seu rosto e destruir os tecidos de sua cútis.” Em junho de 1928 (revista *A Cigarra*), anunciava-se “o que os homens gostavam (...) nos tempos atuais (...) há que se conhecer os ‘os segredos’ de um encanto sedutor: abandonar os artifícios e usar água e sabão; mas não os sabões ordinários, senão os sabonetes puros *Olivan* e *Rosan*, puros como o orvalho, tão suaves como a queda de um floco de neve, que limpam e proporcionam saúde, a base única da beleza”.

publicados no decorrer de cada ano. A indústria de cosméticos vislumbrava um futuro promissor, pois além do pó de arroz e dos rouges, e do batom que surgia, os próximos anos (especialmente a partir da década de 30) trariam ao Brasil novidades ainda mais interessantes e definitiva: a maquiagem para as pestanas (ainda não chamada de máscara ou rímel) e sobrancelhas, que vinha com escovinhas para melhor funcionalidade.

A beleza dos olhos, antes mesmo do surgimento destes cosméticos específicos, já era mencionada a partir dos anos 1920. Além dos cosméticos destinados à essa parte do corpo (como vimos na propaganda dos produtos Elizabeth Arden, mostrada anteriormente), a higiene, evidentemente, se preocupava com a saúde ocular, tendo em vista que as práticas e a ciência buscava desvendar, explicar os mecanismos não somente oculares, mas palatares, olfativos etc.

Em julho de 1918, por exemplo, problemas como o “terçol”, por exemplo, eram considerados uma questão de higiene:

“PRECEITOS DE HIGIENE

*Terçol: Quando se sente na pálpebra umas picadelas precursoras de um terçol, faz-se uma aplicação de chá preto muito forte ou simplesmente de folhas de chá umedecidas com água; põe-se sobre a pálpebra dentro de um saquinho de nanzouk. Quando o saquinho ficar seco, molha-se de novo. Esse processo faz cessar geralmente a inflamação.”*¹¹²

¹¹² Revista *O Echo*, edição de julho.

Sendo a “saúde ocular” tema presente também nos manuais de higiene,¹¹³ a segunda década do século XX, aos poucos, transforma os primeiros colírios em mais do que remédios para corrigir os problemas dos “olhos doentes”, cansados ou irritados. A ideia era, então, de que os olhos, para serem saudáveis deveriam também ser “lavados”, assim como as demais partes do corpo, que exigiam asseio e cuidados. Nestes primeiros anos (e até a década de 1940), os “colírios” passam também a ser identificados como produtos que proporcionariam a beleza dos olhos, deixando-os mais “claros, vivos e brilhantes”, cumprindo, até mesmo, a função da maquiagem para deixar o olhar “mais bonito e atraente” (como as estrelas do cinema). Induz-se, gradativamente, à necessidade de se usar um produto, ao inverter, por alguns anos, a sua função simplesmente “curativa”.

“LAVOLHO - Para olhos doentes.

Vede os olhos deste célebre ator! Podereis vós também tê-los como estes, vigorosos, brilhantes, expressivos. Basta que compreis hoje mesmo um pacote de LAVOLHO, a nova descoberta, e laveis os vossos olhos esta noite com este fluido maravilhoso. Não digais, por favor: ‘os meus olhos são por demais vermelhos e doentes, as minhas pálpebras tão inchadas e repelentes que nada se poderá curar.’ LAVOLHO, o colírio maravilhoso, vos curará certamente e com rapidez. Usai LAVOLHO diariamente e as vossas amigas não tardarão em ocupar-se da beleza de vossos olhos.”

Anúncio retirado da revista *A Cigarra*, edição de agosto de 1922.

¹¹³ Os manuais que discorrem sobre a “higiene ocular” trazem questões relativas à formação do globo ocular, do nervo óptico e as explicações dos problemas de visão que podem ocorrer dada a alteração do posicionamento dos componentes do olho, tratando, portanto, de miopia, hipermetropia ou demais aspectos de acomodação visual. Não vamos nos estender, aqui, nessas abordagens, por não apresentarem conselhos, práticas ou produtos que pudessem ser utilizados domesticamente pelo indivíduo na intenção de prevenir ou evitar tais moléstias.

“OLHOS DAS ESTRELAS QUE USAM DIARIAMENTE LAVOLHO. O primeiro plano de uma boa saúde: lavar com LAVOLHO diariamente vossos olhos para evitar a inflamação e a purgação. O LAVOLHO é o mágico para olhos cansados.”

Anúncio veiculado pela revista *A Cigarra* na edição de abril de 1929.

Bonitos ou simplesmente bem cuidados, os olhos sempre foram considerados o “espelho d’alma”. E tão importante como esses nobres espelhos, eram os espelhos de vidro, que anunciavam que à flor da pele brilhava o sol da juventude, da louçania cristalina da mocidade e da beleza; antes que a alma se tornasse ela própria de vidro, presa ao outono (ou ao inverno) da vida; desagradando os olhos dos demais, que viriam a nos cobrar o duro preço da passagem do tempo à flor de nossas próprias peles.

CABELOS, “a moldura do rosto”.

O Manual *O Lar e a Saúde da Família*¹¹⁴, em seu capítulo “Toalete”, dedica seis de suas páginas somente ao tema “cabelos”. Nota-se, não somente nesse manual, mas em praticamente todas as fontes consultadas, uma ideia que persiste nos dias atuais: o bom estado, a “beleza” dos cabelos está diretamente relacionada à saúde e vitalidade; não somente do couro cabeludo ou dos fios, como também da saúde geral do corpo¹¹⁵:

*“A boa conservação do cabelo depende não só do cuidado que lhes dispensa, como também da saúde geral do organismo.”*¹¹⁶

No manual adventista, um dos assuntos principais é a lavagem dos cabelos. Ainda nos dias atuais, os dermatologistas divergem sobre a lavagem diária ou não da cabeleira; e essa também era uma questão que permeava os manuais e as revistas levantados nessa pesquisa. Para a suposta autora de *O Lar e a Saúde da Família*, os cabelos deveriam ser lavados quando se fizesse necessário; quando o indivíduo sentisse a necessidade de tê-los limpos, “não se podendo estabelecer uma regra absoluta quanto à frequência com que se deve lavar a cabeça”.

¹¹⁴ Provavelmente, escrito entre o final do século XIX e começo do século XX.

¹¹⁵ “É um fato assaz conhecido de que o estado mórbido dos animais se revela sempre de qualquer modo por seu pelo.” *O Lar e a Saúde da Família*, p. 323.

¹¹⁶ *ibidem*

“Quando alguém tem de estar muito exposto ao pó, ou reside n’algum bairro onde se faz muito consumo de carvão de pedra, essas fricções tem que ser feitas mais amiúde do que n’algum sítio de ambiente puro. Como já dissemos, é difícil estabelecer uma regra a tal respeito. Neste negócio, cada qual deve ser o seu próprio árbitro. Em todo caso, se se há de praticar algum erro, é preferível que ele se verifique a favor da limpeza.”

O Lar e a Saúde da Família, p. 321.

“Precisam os cabelos e o couro cabeludo de minucioso asseio, que deve ser feito por meio de fricções com sabão, seguidas do emprego de loções alcoólicas...”

Hygiene, p. 220.

Aqui podemos identificar que o processo de limpeza do couro cabeludo está, também, ligado ao ato de friccioná-lo.

No manual brasileiro *O Lar Doméstico*, no entanto, a lavagem dos cabelos é recomendada apenas duas vezes ao mês, não levando-se em conta nem o tipo de cabelo, nem o gênero ou o habitat do indivíduo (já que, supostamente, trata-se de um manual para as gentes de elite que vivem no espaço urbano, nos primeiros anos do século XX).¹¹⁷ *O Novo Método de Curar* (1903) também aconselha que a lavagem seja feita “de vez em quando [pois] fazendo isto com demasiada frequência, produz-se secura do couro cabeludo...”

Para se proceder à lavagem, indicava-se o sabão, (ou sabonete. Ainda não se fazia uma distinção muito clara desses dois produtos), a água -- preferencialmente morna -- com bórax, amoníaco ou bicarbonato de sódio e, especialmente, a lavagem com gemas de ovo:

¹¹⁷ Sobre os cuidados pessoais, introduz: “Parecer-me-ia incompleta a palestra sobre o vestuário se deixasse de falar detidamente sobre os cuidados pessoais a que toda pessoa de tratamento tem o dever de submeter-se diariamente. Não é nos colégios, geralmente, que as meninas recebem instruções relativas a estes cuidados delicados. Dedico, pois, os seguintes parágrafos às mocinhas que tiveram que tiveram o infortúnio de perder a mãe que as dirigiria, se fosse viva, nestes deveres pequenos em aparência, mas de importância capital.” - grifos meus. (1913, p. 67)

“A fricção da cabeça com gema de ovo é a que melhor resultado dá do ponto de vista da limpeza e do amaciamento do cabelo. Deita-se a gema de um ovo (ou dois, quando o cabelo for farto e comprido) numa xícara de capacidade de meio litro, enche-se a xícara com água quente e bate-se até que a gema esteja perfeitamente misturada à água. Convém ter à mão uma bacia com água tépida em que se tenha diluído uma colherinha de bórax. Depois de friccionar bem a cabeleira e o couro cabeludo com a água de gema, lava-se a cabeça com a água de bórax, enxaguando em duas águas limpas. Esse processo torna o cabelo macio e sedoso.”

Na quarta edição de *O Lar Doméstico* (1912, p. 75), lê-se que uma fina senhora pode lavar a cabeça com três gemas de ovo bem batidas em um pouco de água morna, apenas. Ou então, lavar os cabelos, duas vezes por mês, em uma decocção de cascas de panamá ¹¹⁸.

Em 1916, uma variação da lavagem com gemas e água fria aparece também na revista *O Echo Phonográfico* (nota-se, portanto, que após a lavagem com gemas, usa-se uma segunda lavagem com algo que reduza a oleosidade das gemas): ⁵⁵

“Batem-se gemas de ovos e esfregam-se os cabelos e a cabeça, impregnando-os bem; lavam-se depois com água fria e fricciona-se com uma mistura de álcool e essência de rosas.”

Além do uso de ovos, dos químicos mencionados acima e, do óbvio sabão, havia uma outra possibilidade de limpeza “intrigante”: uma “lavagem a seco”; o que demonstra que nem sempre a água era um recurso disponível.

“À falta de um desses recursos, podem-se também limpar-se o cabelo e o couro cabeludo com uma fricção a sal seco. Desatam-se os cabelos e esfrega-

¹¹⁸ Espécie de árvore.

se vigorosamente o couro cabeludo com sal seco, escovando-o bem em seguida. Isso não só favorece a limpeza, mas atua ao mesmo tempo como tônico."¹¹⁹

Havia também a possibilidade de lavar os cabelos apenas com água de alecrim morna, para mantê-los macios, conforme as dicas de beleza de *O Echo* de junho de 1917.

Na mesma época, também eram vendidos os, assim chamados, “sabões” para a higiene do corpo -- e também dos cabelos, ao mesmo tempo; sem a distinção, na maioria dos casos, de um produto para a limpeza específico dos fios.

O SABÃO ARISTOLINO
DE OLIVEIRA JUNIOR

E' o melhor sabão para as manchas, sardas, espinhas, rugosidades, erysipelas e inflamações. Nas varias molestias cutaneas, é um eficaz preservativo, destruindo as produções parasitarias. — O seu emprego nas molestias da pelle e do couro cabeludo é racional, pois que, combinando-se facilmente com a materia gordurosa secretada pelas glandulas sebaceas e com o suor, o que a agua pura por si não pôde conseguir, elle mantém a pelle e o Couro Cabeludo sempre em perfeita limpeza, conservando assim a Frescura da Cutis, a Fineza, a Brancura e a Elasticidade, tão necessarias á pelle. Além disso o seu uso constante e regular fortifica os tecidos, preservando a pelle das excrescencias, rugas, manchas, vermelhidões, irritações e de certos suores locais, tão incommodos como desagradaveis.

A' venda em toda a parte

OS DEPOSITARIOS OS
Araujo Freitas & C.
88, RUA DOS OURIVES, 88
RIO DE JANEIRO

O MELHOR PARA O BANHO

Sabão aqui parece significar o mesmo que hoje chamamos “sabonete”, cuja finalidade é o uso para a pele, conforme diz o anúncio:

“É o melhor sabão para as manchas, sardas, rugosidades, erisipelas e inflamações. Nas várias moléstias cutâneas, é um eficaz preservativo, destruindo as produções parasitárias. O seu emprego nas moléstias da pele e do couro cabeludo é racional, pois que combinando-se facilmente com a matéria gordurosa secretada pelas glândulas sebáceas com o suor, o que a água pura por si não pode conseguir, ele mantém a pele e o couro cabeludo em perfeito estado de limpeza, conservando assim a frescura da cutis, a fineza, a brancura e a elasticidade tão necessárias à pele. Além disso, o seu uso constante e regular fortifica os tecidos, preservando a pele das excrescências, rugas, vermelhidões, irritações e de certos suores locais, tão incômodos como desagradáveis.”

Revista *A Cigarra*, ed. março de 1918.

¹¹⁹ *O Lar e a Saúde da Família*, p. 324.

Como vimos acima, a única possibilidade a ser rechaçada, era a de “lavar” os cabelos apenas com água, prática que parecia também existir, conforme a propaganda acima nos demonstra. Para tanto, sabões como o *Aristolino* deveriam ser utilizados para que os “suores” e as “excrescências desagradáveis e incômodas” não fizessem parte da imagem que o indivíduo higiênico deveria apresentar. Para a finalidade de limpeza, também destacava-se o “Sabão Russo”:

Os productos do Laboratorio “Sabão Russo”

SABÃO RUSSO
(solido e liquido) o mais hygienico, saudavel e perfumado, contra assaduras, contusões, queimaduras, dores, espinhas, pannos, caspa, comichões, suores fetidos; amacia e embelleza a cutis.

SABÃO RUSSO
SOLIDO
MEDICINAL

O SEGREDO DA SULTANA
LOÇÃO ANTIPEHELICA

Branquea, refresca, amacia e embelleza a cutis. Corrige os defeitos do rosto, tornando-o como uma imagem graciosa.

à esquerda: *Sabão Russo (sólido e líquido) - o mais higiênico, saudável e perfumado, contra assaduras, contusões, queimaduras, dores, espinhas, panos, caspa, comichões, suores fétidos, amacia e embeleza a cutis.*

Vemos acima, portanto, que esse produto, como o anterior, desempenhava “funções múltiplas”, tanto para a limpeza da pele do corpo (e até “remédio”, como era comum, para as moléstias dermatológicas), quanto para a limpeza dos cabelos e do couro cabeludo, indicado para o “extermínio” da caspa -- problema tão constante, que, seguramente, incomodava a muitos. Além da caspa, notamos ainda, que o corpo elegante e higiênico deve buscar a extirpação dos suores fétidos, como indica o texto acima: problema que tampouco poderá ser tolerado nas cabeças de fina estirpe. Na propaganda de 1922, do mesmo “Sabão Russo” (Revista *A Cigarra*), além do suor, o produto promete retirar qualquer “elemento parasitário” -- o que nos dá uma ideia do estado das cabeças a se higienizar.

Por meio das instruções dos manuais, onde temos a periodicidade sempre incerta da limpeza do couro cabeludo, ensinando “lavagens com sal” (ainda que em casos extremos de falta de recursos -- o que significa que essas “faltas” poderiam ocorrer), com

gemas de ovo, com produtos químicos caseiros, (que muitas vezes, eram os únicos disponíveis), o combate à lavagem apenas com água¹²⁰ e a tentativa introduzir o uso de sabões e sabonetes “higiênicos”, podemos imaginar que o estado de limpeza e saúde do couro cabeludo era um problema que merecia atenção. Em 1922, um anúncio da Revista *A Cigarra* apresenta um “atestado”¹²¹ de uma mãe cujo filho teve feridas na cabeça durante um ano. A senhora (supostamente) atribuiu a cura a um elixir depurativo do sangue. Imagina-se, no entanto, que tal problema seja, evidentemente, atribuído a falta de asseio, e da consequente existência do “elemento parasitário” que o “Sabão Russo” prometia eliminar. E se o anúncio das feridas se veiculava, podemos crer que tais ocorrências deviam ser comuns.

FERIDAS EM TODA A CABEÇA

Durante 12 meses, meu filho, de 10 anos de idade, de nome Oswaldo, sofreu de feridas em toda a cabeça; nesse período de tempo, fiz usar diversos preparados, sem obter resultados; entendi experimentar em último recurso o grande depurativo do sangue “ELIXIR DE NOGUEIRA” do Pharmaco. Químico João da Silva Silveira e, com grande satisfação vi o meu filho curado com apenas seis frascos de tão milagroso preparado.
S. Paulo - Porto Ferreira, 20 de setembro de 1920.

OCTAVIANO REZENDE.
(Firma reconhecida).

Anúncio veiculado em *A Cigarra*, março de 1922.

¹²⁰ No início da década de 40, o manual *Noções de Higiene*, de Afrânio Peixoto, ainda precisa enfatizar que as pessoas que tem cabelos secos não devem prescindir da lavagem dos cabelos com sabão, não devendo fazê-lo apenas com água (1941, p. 425).

¹²¹ Chamavam-se “atestados” as propagandas que traziam como testemunhos de eficácia, textos de (suposta) autoria dos próprios consumidores do produto anunciado.

O couro cabeludo, que fazia brotar os cabelos, tão importantes para a elegância e para a beleza, era um terreno perigoso de proliferação de enfermidades. As feridas (acima mencionadas), a caspa, a tinha, os parasitas ali habitavam ¹²². A calvície e os cabelos brancos eram um temido drama. Além de um cabelo “limpo” (para os padrões da época), esperava-se também, do indivíduo de bom trato, uma cabeleira bonita e saudável -- o que significava apresentar aspectos de textura, volume e cor condizentes com o vigor e com a juventude. Portanto, por mais que os manuais falassem das lavagens ou as revistas apresentassem preparados para esse fim, as publicações aumentavam o rol de produtos que a indústria brasileira fabricava para os cabelos. Loções, óleos e até os tão raros xampus (que ainda nem se denominavam assim, se diziam “sabões líquidos” para a cabeça¹²³), que pouco a pouco se estabeleciam no mercado buscando introduzir novos hábitos:

A limpeza do couro cabeludo

é a primeira exigência para obter-se cabelo sadio e bello. Por causa d'isto cada um que aprecia o seu cabelo deve acostumar-se a uma lavagem da cabeça feita regularmente com *Pixavon*. *Pixavon* é um sabão liquido de alcatrão suave, do qual tirou-se por meio d'um processo patenteado de aperfeiçoamento o mau cheiro do alcatrão. O *Pixavon* não sómente limpa o cabelo e o couro cabeludo, mas também é directamente efficaz como estimulante sobre as raizes do cabelo por causa de seu conteúdo de alcatrão. O tratamento regular do cabelo pelo *Pixavon* é o melhor methodo para fortificar o couro cabeludo e os cabellos, devido ao grande resultado das experiências modernas.

Uma garrafa dá para mezes. A obter nas drogarias e perfumarias. Todas as melhores casas de barbeiros fazem lavagens com o *Pixavon*.

¹²² “Precisam os pentes e escovas ser sempre mantidos em estado de perfeita limpeza, principalmente nos cabeleiros, para evitar a propagação de parasitas animais, como piolhos, ou de cogumelos inferiores, como o micrósporo, o achório e o trichóphyto, causadores de diversas espécies de tintas -- afecções do couro cabeludo e dos cabelos.” - Compêndio de Higiene de J.P. Fontenelle, Rio de Janeiro, s/d.

¹²³ A palavra xampu só aparece, especificadamente, em publicidade, no início da década de 30, conforme veremos mais adiante. Antes do aparecimento desse produto, *shampooing* era o verbo utilizado para designar a lavagem “profissional” dos cabelos que se procedia nos institutos de beleza (nome dado ao que chamamos hoje de “salões de beleza”), que também apareciam mais comumente entre as décadas de 20 e 30 nas grandes capitais brasileiras. No inglês, o vocábulo (de origem indiana) data de 1762, tendo sido derivado do idioma hindi, que originalmente designava o ato de massagear a cabeça com óleo.

“A limpeza do couro cabeludo é a primeira exigência para obter-se cabelo sadio e belo. Por causa disto cada um que aprecia o seu cabelo deve acostumar-se a uma lavagem da cabeça feita regularmente com Pixavon. Pixavon é um sabão líquido de alcatrão suave, do qual tirou-se por meio dum processo patenteado de aperfeiçoamento o mau cheiro do alcatrão. O Pixavon não somente limpa o couro cabeludo, mas também é eficaz sobre as raízes do cabelo por causa de seu conteúdo de alcatrão. O tratamento regular do cabelo pelo Pixavon é o melhor método para fortificar o couro cabeludo e os cabelos, devido ao grande resultado das experiências modernas. Uma garrafa dá para meses. A obter nas drogarias e perfumarias.”

Anúncio extraído da revista *A Cigarra*, ed. de março de 1922.

Como foi dito anteriormente, a caspa era um dos males que mais afligiam os indivíduos que queriam manter a aparência higiênica. Esse tormento estético era explicado pelos manuais diversos e um sem número de produtos prometiam combatê-lo.

Na passagem do século XIX para o XX, o *Lar e a Saúde da Família*, associa a presença das caspas à falta de limpeza dos cabelos.¹²⁴ Em *O Novo Método de Curar*, no entanto (1903), a caspa é produzida pelo excesso de lavagens:

*“É conveniente lavar de vez em quando a cabeça com água morna e sabão. Fazendo isto com demasiada frequência, produz-se a secura do couro cabeludo e a formação de caspa.”*¹²⁵

A *Revista Mensal O Echo*, alguns anos antes de “recheiar” suas páginas publicitárias de propagandas de tônicos e “loções vivificantes”, nos mostra que havia algumas práticas caseiras para se “extirpar” o mal:

¹²⁴ “Tende o cuidado de lavar regularmente a cabeça e conservá-la convenientemente limpa; isso contribuirá para combater as caspas.” p. 326.

¹²⁵ *O Novo Método de Curar*. p. 699.

“Pomada para a caspa (1905):

Mistura-se trincal em pó, tártaro ermético com água de rosas, 2 onças de tutano e 2 onça de banha de galinha ou pato, e meia oitava de óleo de anginhos.”

Em 1906, um dos prêmios aos assinantes da mesma revista era “um pente fino” de alumínio [como os antigos pentes de remover piolhos] para remover a caspa.¹²⁶

“Prêmio n. 11 - Pentes de Alumínio para caspa, de duração eterna. Hoje os mais usados e preferidos. Cada pente mede 4,5 centímetros. Cada assinante que escolhe esse prêmio receberá também um pacote de Sen Sen, perfume do hálito”

Vemos, portanto, uma preocupação estética abrangente por parte da revista: cuidar dos cabelos e também do hálito.

Na tentativa de explicar o problema, crendo na melhor forma de eliminá-lo ou quem sabe, para que os indivíduos se convençam de que determinado produto pode, de fato, dar cabo de algo que aflige sua figura anti-higiênica, os anúncios propagam informações ainda mais díspares sobre a caspa. Em propaganda de 1922, o *Sabão Aristolino*, bem como os outros sabões da época, que também exerciam a função de xampú, apresentado na forma líquida, por ser “anti-parasitário”, era também ideal para combater a caspa. Em

¹²⁶ Além do pente específico para as caspas, eram oferecidos também outros pentes “normais”, para fazer penteados. A Revista afirma serem esses, prêmios muito bons, já que feitos de alumínio, nunca se quebram; tendo “duração eterna”.

1928, *Lavona*¹²⁷, um produto destinado a “lavar” o couro cabeludo (como o próprio nome já evidencia), promete “matar o micróbio da caspa”. O *Óleo Indígena Perfumado*, num anúncio do mesmo ano, também anuncia “matar a caspa”, como se, de fato, ela fosse um organismo vivo, como lêndeas e piolhos (comuns, nesse momento, tanto em adultos como em crianças). ¹²⁸ Vejamos o quão “resistente” podia ser esse “organismo”, a caspa:

“A caspa mais rebelde é curada em 48 horas! Com FAVOGENIO. Medicamento e loção de exquisito perfume, impede a queda do cabelo, conserva-lhe a cor natural e debela as eczemas, tinha, seborreia etc. É útil e agradável: tonifica os cabelos e perfuma-os suavemente. FAVOGENIO é o ideal dos toucadores exigentes.” (grifo meu).

Anúncio publicado em *A Cigarra*, setembro de 1925.

Vemos, pela figura acima, a expressão de desespero que deve assomar-se à pessoa que se vê acometida de caspas: numerosas partículas, bastante aparentes, que

¹²⁷ Vendido desde 1919, sob o nome de *Lavona Composé*, o produto apresentava sua fórmula na própria propaganda: 45 g. de água destilada, 50 g. de álcool e 0,7 g. de mentol cristalizado. Tratava-se, portanto, de mais um produto alcalino vendido para remover as sujidades da cabeça: “se sofreis de queda de cabelo, calvície, caspa, cabelo seco e quebradiço ou sem brilho, a *Lavona Composé* é o tônico necessário para estes casos”, dizia o texto publicitário do produto multi-funcional na edição de setembro.

¹²⁸ Propagandas constantes das edições do ano de 1928 da revista *A Cigarra*.

despencam violentamente da cabeça da jovem senhora de modo a impressionar os leitores do anúncio, dando-nos a entender tratar-se de uma desgraça lamentável, cuja dor e aflição nota-se no olhar da figura retratada; como se o próprio corpo, a própria cabeça se estivesse degenerando a olhos vistos em frente ao espelho que a personagem segura. Um grave mal, portanto, a ser combatido e que, uma vez “curado” (já que o termo usado é “medicamento”), é capaz de transformar completamente sua auto-estima, dar-lhe o olhar confiante com que a vemos logo após, supostamente, usar o produto. Trata-se de uma senhora “exigente” com seu toucador. Os “atores” do “mundo chic” tem suas cabeças livres da caspa:

CABELLOS

Como adquiril-os e ficar livre da caspa?
USANDO o Tônico “JUREMA,, um só vidro é bastante necessario para provar a sua verdadeira efficacia, deslumbrando o mundo chic.

Eis o assombro da epoca.

É ENCONTRADO EM QUALQUER CASA DE PERFUMARIA
PHARMACIA E DROGARIA DO BRASIL.

Vidro 2\$000 — Pelo correio 3\$000

DEPOSITO GERAL PERFUMARIA SILVA
RUA DO THEATRO N.º 9 — RIO DE JANIRO

“Cabelos.

Como adquiri-los e ficar livre da caspa?

Usando o Tônico “JUREMA”, um só vidro é bastante necessário para provar a sua verdadeira eficácia, deslumbrando o mundo chic.

Eis o assombro da época.

É encontrado em qualquer casa de perfumaria, farmácia e drogaria do Brasil.”

Revista A Cigarra, 1924.

Uma infinidade de outros produtos, frutos, especialmente, da indústria paulista, despontavam no mercado, prometendo, além de combater o mal da caspa, “curar” outros problemas relativos aos cabelos (ou, à falta deles!).

KUNDRY, melhor que a loção que julgardes ser a melhor

Perfume agradável, de ação imediata, transformando a vossa cabeleira num manto de veludo. Preserva-vos de caspa e de outras doenças capilares.

Atestado do Sr. Dr. Arnaldo Pedrosa, conhecido clínico e médico da Higiene desta capital. — Filho, Sr. Representante da Indústria Química Americana. — Tendo feito uso da sua loção vivificante para cabelo “Kundry”, é com a maior satisfação que venho dar-lhe o meu testemunho a favor da mesma: considero o seu preparado como um extraordinário anticaspas, e um poderoso tônico para fortalecer as raízes dos cabelos e impedir a sua queda. — São Paulo, 14-8-1916. — Dr. Arnaldo Pedrosa.

KUNDRY acha-se à venda em toda parte. Se não encontrardes na casa onde costumais suprir-vos, enviai-nos \$500 e pela volta do correio remetteremos um vidro livre de porte.

Preço de um vidro, 3\$000

“Kundry, melhor que a loção que julgardes ser a melhor. Perfume agradável, de ação imediata, transformando vossa cabeleira num manto de veludo. Preserva de caspa e outras doenças capilares. Atestado do Sr. Dr. Arnaldo Pedrosa, conhecido clínico e médico da Higiene desta capital [S. Paulo] (...) ‘tendo feito uso da sua loção vivificante para cabelo Kundry, é com a maior satisfação que venho dar meu testemunho a favor da mesma: considero o seu preparado como um extraordinário anticaspas e um poderoso tônico para fortalecer as raízes dos cabelos e impedir sua queda’.”

NÃO TENHA — CASPA! NÃO SEJA — CALVO! NÃO TENHA CABELOS BRANCOS!

USE KUNDRY

Nova descoberta do celebre cientista
Dr. JAMES TAYLOR

Dá vida, saúde e perfume aos cabelos; evita e detém a sua queda, faz nascer novos cabelos sobre os lugares calvos, elimina por completo a caspa e impede o embranquecimento dos cabelos a despeito da idade ou de moléstias. Enviam-se prospectos grátis. À venda em todas as Perfumarias, Drogarias e Pharmácias e no depósito geral.

Indústria Chimica Americana
Caixa Postal, 1346 S. Paulo

“Não tenha caspa! Não seja calvo! Não tenha cabelos brancos!
Use Kundry, nova descoberta do célebre cientista Dr. James Taylor.
Dá vida, saúde e perfume aos cabelos; evita e detém a sua queda, faz nascer novos cabelos sobre os lugares calvos, elimina por completo a caspa e impede o embranquecimento dos cabelos a despeito da idade ou de moléstias. À venda em todas as perfumarias, drogarías e farmácias e no depósito geral:
Indústria Chimica Americana.
S. Paulo”

Acima, dois anúncios da *Loção Kundry*: o primeiro, publicado na *Revista Mensal O Echo* (junho, 1917) parece mais inclinado a conquistar o público feminino, por prometer a beleza de uma cabeleira “manto de veludo”, como a da modelo usada na foto. A segunda, também publicada em *O Echo* (novembro, 1916), mostra aos homens que os males capilares podem ser solucionados. Por ambos os anúncios, vemos como a caspa parecia ser um problema comum, por isso as loções vendiam uma esperança “comprovadamente científica” de eliminá-la.

DEVEM SEMPRE PREFERIR
AS ESPECIALIDADES PU-
RAS E GARANTIDAS DO

Laboratorio Chimico Industrial
G. Vianna

Rua Caio Prado, 63 - SÃO PAULO - Telephone, 1832

Dá cabellos,
extingue a
caspa, ondeia
os cabellos,
evita a queda

O que mais real-
sana belleza das
mulheres é uma
bella cabelleira, e
para conseguil-a
é bastante usar
este magnifico
preparado

“Devem sempre preferir as especialidades puras e garantidas do Laboratório Chimico Industrial G. Vianna [S. Paulo] (...) Wolly ‘fórmula inglesa’ dá cabellos, extingue a caspa, ondeia os cabellos, evita a queda (...)”

Revista Mensal O Echo, agosto de 1916.

De acordo com o texto dos manuais, e como podemos comprovar pelos anúncios acima, um outro tema bastante preocupante em relação aos assuntos capilares era a calvície. Mais do que uma questão estética, a alopecia parecia estar associada à falta de saúde do couro cabeludo, sendo, portando, um problema higiênico, médico.

Para os manuais de higiene e saúde, um dos únicos meios de se evitar a “doença” da calvície era estar atento à circulação da cabeça:

“Não tenteis remediar a queda dos cabelos com remédios empíricos. Evitai o mais que possível usar chapéus duros e impermeáveis. Os chapéus duros têm o inconveniente de embaraçar a circulação, resultando daí os cabelos morrerem e caírem antes do tempo por falta de nutrição. Trazei o cabelo bem aparado, usando chapéu só quando for necessário.”¹²⁹

¹²⁹ *O Lar e a Saúde da Família*, p. 322.

Uma explicação da mesma natureza, é também oferecida pelo manual *O Novo Método de Curar*, a fim de instruir o indivíduo com as verdades “científicas” acerca de sua própria fisiologia, de modo que, ao compreender o próprio funcionamento do corpo, o homem possa controlá-lo “racionalmente”:

“Em certas famílias é comum a calvície precoce, em outras, o cabelo conserva-se até idade avançada. Que o excessivo trabalho do espírito, certas formas de afecções gerais, principalmente doenças constitucionais determinam a queda do cabelo, é fora de dúvida. Em muitos casos, é a calvície devida ao chapéu apertado, impermeável. (...) A cobertura da cabeça constitui um capítulo importante da higiene (...), muito significativa na questão da calvície. Todos sabem que esta ocorre com muito mais frequência no sexo masculino do que no sexo feminino. Verdade é que as perturbações de nutrição, as combinações mórbidas de humores, as enfermidades nervosas, os excessos, o trabalho de espírito muito prolongado etc. não são indiferentes ao aparecimento da calvície; contudo, a causa principal é, sem dúvida, a viciosa cobertura da cabeça. As mulheres são menos sujeitas à calvície porque usam chapéus mais higiênicos, os quais são mais leves, mais ventilados, mais porosos que os chapéus dos homens e além disso, são usados no alto penteado, de modo que entre a pele da cabeça e o chapéu o ar pode circular livremente. Acresce ainda que as mulheres de classe baixa andam, geralmente, de cabeça descoberta e, saindo menos de casa, porque não lhes permitem os afazeres domésticos, a necessidade de cobrir a cabeça entre as mulheres é muito menos frequente do que entre

os homens. Estas causas são, sem dúvida de grande peso, porquanto as enfermidades acima mencionadas (...). De ordinário, porém, deve-se atribuir à fraqueza de constituição e, nesta hipótese, é necessário combatê-la por meio de um tratamento fortificante geral.”¹³⁰

Se o manual indica fortificantes, culpando, em determinados casos, a queda dos cabelos “à falta de alimentação da raiz”, a indústria não se faz de rogada. Praticamente, os mesmos produtos que vendiam a “cura” da caspa eram os “remédios” também para a calvície. Desde 1908, além dos pequenos pentes-finos e das “loções empíricas”, desde 1908 já se podia contar com as benesses do *Pilogenio*:

O “Pilogenio,, serve-lhe em qualquer caso

Se já quasi não tem serve-lhe o PILOGENIO porque lhe faz vir cabelo novo e abundante.
Se começa a ter pouco, serve-lhe o PILOGENIO, porque impede que o cabelo continue a cair.
Se ainda tem muito, serve-lhe o PILOGENIO,, porque lhe garantirá a hygiene do cabelo.

Ainda para a extinção da caspa.
Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette — PILOGENIO.

Sempre o PILOGENIO!
O PILOGENIO sempre!

Drogaria Giffoni
Rua 1.º de Março, 17 - RIO DE JANEIRO

Aprovado pelo D. N. de Saude Publica em 28 de Março de 1908, sob. n. 727

“O ‘Pilogenio’ serve-lhe em qualquer caso.

Se já quase não tem, serve-lhe o PILOGENIO porque lhe faz vir cabelo novo e abundante.

Se começa a ter pouco, serve-lhe o PILOGENIO, porque impede que o cabelo continue a cair.

Se ainda tem muito, serve-lhe o PILOGENIO porque lhe garantirá a higiene do cabelo.

Ainda para a extinção da caspa.

Ainda para o tratamento da barba e loção de toalete - PIOLGENIO.

(...)

Aprovado pelo Departamento Nacional de Saúde Pública em 28 de março de 1908 sob. o n° 727.”

Retirado de *A Cigarra*, setembro de 1925.

Na seara dos produtos multi-funcionais (para caspa, queda de cabelos e até cabelos brancos etc.), as promessas eram espetaculares. Em 1919, a *Loção Tybapellin* publicou um anúncio utilizando-se de uma surpreendente foto “antes e depois” *avant la lettre*, que garantia acabar com a caspa e com a calvície, fazendo o cabelo crescer em “menos de 2 meses”! Prometia, para os próximos anúncios (que ao menos, na publicação onde foi veiculado, nunca mais apareceu nas edições seguintes), “atestados de valor”¹³¹ (supostamente escritos pessoas consideradas “fidedignas” por suas profissões elitizadas, em alta conta na sociedade)¹³².

“Acaba a caspa e faz nascer cabelo em menos de dois meses.

Attestados de Valor: médicos dos mais notáveis do Brasil, advogados dos mais distintos desta Capital, industriais e comerciantes dos mais conceituados desta praça, e cavalheiros de grande destaque na alta sociedade paulista confirmam os dizeres do clichê. Brevemente serão publicados nos principais jornais do Brasil muitos attestados, que estamos colecionando. A Loção Tybapellin é vendida nas drogarias Baruel, Paulista e São Bento, e nas farmácias Assis Central, Borges, Massara, Santos, Seabra, Avenida etc.”

¹³¹ Muitos produtos anunciados nesse período faziam questão de publicar, também, attestados. Isto, provavelmente, se deve ao fato de que a maioria deles não fazia o efeito que prometiam, de modo que, a cada lançamento de uma nova loção, a indústria quisesse fazer com que o consumidor comprasse seu produto, fazendo-o parecer “distinto” dos demais, que, certamente, não davam resultado.

¹³² Edição de setembro da Revista *A Cigarra*.

Dez anos depois¹³³, a “esperança” de se ter uma figura saudável, com farta cabeleira, e “bem apessoada” ainda era vendida em vidros, com todo o “aval da ciência” e também com os mesmos recursos fotográficos -- apesar dos atestados que nada comprovavam ou que, simplesmente, nunca existiram.

“Uma descoberta cujo segredo custou 200 contos de réis.

*A ‘Loção Brilhante’ é o melhor específico para as afecções capilares. Não pinta porque não é tintura. Não queima porque não tem sais nocivos. É uma fórmula **científica** do grande botânico Dr. Ground, cujo segredo foi comprado por 200 contos de reis. É recomendada pelos principais **Institutos Sanitários** do estrangeiro e analisada pelos **Departamentos de Higiene** do Brasil.*

Com o uso regular da ‘Loção Brilhante’:

- 1 - Desaparecem completamente as caspas e afecções parasitárias;*
- 2 - Cessa a queda de cabelo;*
- 3 - Os cabelos brancos, descorados ou grisalhos, volta à cor natural primitiva sem ser tingidos, ou queimados;*
- 4 - Detém o nascimento de novos cabelos brancos;*
- 5 - Nos casos de calvície, faz brotar novos cabelos;*
- 6 - Os cabelos ganham vitalidade, tornam-se lindos e sedosos e a cabeça limpa e fresca.*

A ‘Loção Brilhante’ é usada pela alta sociedade de São Paulo e Rio. À venda em todas as drogarias, perfumarias e farmácias de primeira ordem.”

¹³³ Propaganda da edição de dezembro de 1929, da revista *A Cigarra* na página a seguir. Ressaltamos que, desde de outra publicidade, de 1923, o mesmo produto promete também restaurar a cor dos cabelos em apenas 8 dias.

Mesmo sendo, a publicidade dessas loções, cada vez mais constante nas diversas revistas, tornando-as populares, na tentativa de eliminar a calvície, houve também a inusitada “escova elétrica”. Na verdade, tratava-se de uma escova “eletro-magnética”, feita à base de metal, vendida pela empresa Dr. Scott (que oferecia diversas “especialidades” de produtos que prometiam curar o indivíduo não só de sua calvície, mas do reumatismo, gota, artrite, dor ciática, nevralgias etc. A propaganda, de 1906, afirma que a “eletricidade” (magnetismo) oferecida por seus produtos “dá vida e dá vigor” às pessoas -- justamente num momento em que a energia elétrica se instaura, aos poucos, nos centros urbanos brasileiros, se mostrando como a promessa e solução para a expansão da produtividade e do próprio tempo pessoal.¹³⁴

“ESPECIALIDADES DO DR. SCOTT

*A Eletricidade é a vida.
A Eletricidade dá vigor.*

As especialidades eletro-magnéticas do Dr. Scott são hoje recomendadas pelas maiores celebridades médicas, pois está incontestavelmente demonstrado que a cura por meio da eletricidade é mais eficaz, pois ajuda a circulação do sangue através das veias e por isso são especialmente recomendadas contra reumatismo, gota, artrite, dores ciáticas, dores nas pernas, braços, na cabeça, calvície e dores noutras partes do corpo.

“Milhares de cartas atestam a eficácia das especialidades eletro-magnéticas do Dr. Scott de Nova York.”

Mais um anúncio que explica, fisiologicamente, o que acontece ao corpo quando se utiliza o produto recomendado. Nota-se, igualmente, a evocação de uma autoridade médica norte-americana (Dr. Scott), para que o produto pareça mais confiável, já que se trata de algo desenvolvido por “cientistas do estrangeiro”.

¹³⁴ Não podemos nos esquecer das máquinas de choques elétricos, que surgem no mesmo período, tanto para o divertimento quando para a “cura” das moléstias dos indivíduos.

Os cabelos brancos, também alvo da ação das loções limpadoras e multifuncionais, pareciam ser um dilema na vida dos indivíduos higiênicos. Se não o eram, para alguns, as propagandas buscavam convencê-lo de que sim: que a canície era algo absolutamente comprometedor à imagem, e que o problema deveria ser solucionado.

“Cabelos brancos! Esperança morta!

Um soluço, um gemido, uma ansiedade,

O desengano a nos bater a porta,

O declínio do sol da mocidade

Cabelos brancos! Dor de uma saudade.

Que tristeza o coração recorta,

Recordação de mágoa e soledade,

Que martiriza, punge e desconforta.

Cabelos brancos!! Poente do Deserto,

Tarde nevada, tarde de neblina,

Natureza florida em desconcerto.

Cabelos Pretos! Mocidade bela,

Graças a água de colônia fina

Maravilhosa e higiênica CARMELA.”¹³⁵

Se o desejo de não ter cabelos brancos, portanto, já fazia parte dos sonhos de um considerável grupo de indivíduos, propagandas como essas induzem a um número cada vez maior de pessoas a não tolerarem que seus cabelos embranqueçam, instaurando-

¹³⁵ Propaganda da *Água de Colônia Carmela*, publicada em dezembro de 1929 na revista *A Cigarra*.

lhes um sentimento de “vergonha” e de sensação de “velhice ultrapassada”. As propagandas funcionam claramente como um “construtor” de novas necessidades para esses indivíduos, a fim de que se sintam aceitos pelo restante do corpo social. A busca pela “juventude eterna” não se direciona apenas ao rosto, à eliminação das tão indesejadas rugas, mas também na obtenção dos cabelos vigorosamente coloridos.

O primeiro Cabello Branco

annuncia o inverno da vida.
Porque não evitar a velhice
precoce?

O restaurador Soares

E' a juventude eterna; em
8 dias faz voltar ao cabelo a
sua côr primitiva, desenvolve
o crescimento, tira a caspa.
Não contem nitrato. Não suja.
Bastam duas ou tres applicações
por semana.

A' venda em todas as boas
casas

Fabricado por
M. Soares
Rua da Quitanda, 136 • RIO

Anúncio da Revista *A Cigarra* em outubro de 1920

Um discurso muito distinto do das propagandas, era o do manual *O Lar e a Saúde da Família* que, por ser produzido pela Igreja Adventista, aconselhava que as pessoas

idosas deixassem de lutar contra os cabelos brancos, orgulhando-se deles¹³⁶. Mas se a canície viesse prematura, poderia-se tentar alguns cuidados, “renunciando as aflições e esforçando-se por melhorar a condição geral de ‘vossa’ saúde”; um conselho muito parecido ao que recomendavam outros manuais para o combate à queda de cabelos. Acreditava-se que, além dos esforços e das aflições, o medo ou o espanto poderiam tornar os cabelos subitamente brancos:

*“A causa nervosa também a explicação da canície consecutiva de desgostos, susto, ânsia, aflição etc.”*¹³⁷

Comum aos demais manuais de saúde e higiene, está a recomendação para que se renuncie às tinturas.¹³⁸

Por conta dos compostos “nocivos” das tinturas, feitas à base de chumbo e nitrato de prata, os cabelos podiam ficar extremamente ressecados ou quebradiços. As tinturas podiam ainda, provocar a queda do cabelo ou até mesmo “queimar” o couro cabeludo -- além dos efeitos secundários, como manchar o próprio cabelo, a vestimenta ou as roupas de cama.

Todos esses perigos eram alertados não só pelos manuais, mas, especialmente, pelas loções capilares que concorriam com as tinturas na promessa de restituir a cor natural dos cabelos. A ação das loções no combate aos cabelos brancos, supostamente, se daria de forma muito semelhante ao que era prometido para o combate à queda dos

¹³⁶ “Um grande médico disse, uma ocasião, que a melhor coisa a fazer, quando os cabelos se tornam brancos, é admirá-los. O Livro dos livros reza como segue: ‘Coroa de honra são as cãs, achando-se elas no caminho da justiça’.” *O Lar e a Saúde da Família*, p. 322.

¹³⁷ *O Novo Método de Curar*, p. 700.

¹³⁸ “Renunciai o uso de tinturas, porque prejudicam o cabelo e muitas delas contém veneno”. *ibidem*.

“As tinturas para mudar de cor [do cabelo] são ordinariamente nocivas: se hoje, só os muito atrasados na arte usam dos perigosos preparados de prata ou de chumbo.” *Noções de Higiene*, p. 426.

fios: a nutrição capilar -- como se se tratasse de um sistema digestivo no couro cabeludo -- ainda que negando o fato da ação natural do envelhecimento sobre as cabeças:

“A loção vivificante ‘KUNDRY’ dá nova vida, energia e vitalidade ao couro cabeludo, e às raízes capilares assim como dá força e saúde ao sangue e ao corpo por nutrição direta. É a carne e a bebida para as raízes famintas e sofredoras, alimentando-as através dos poros, as milhares de pequeninas bocas do couro cabeludo, e é digerida pelos numerosos folículos capilares, e os estômago das raízes, sustentando cada um deles a sua própria célula vital. A loção vivificante ‘KUNDRY’ é uma alimento forte para aquela vida natural, e proporciona uma seiva que as raízes pedem e exigem, e que é para elas o mesmo que o suco gástrico é para o estômago, sem a qual o cabelo fenece e morre.”¹³⁹

Sendo as loções consideradas “alimentos” para o cabelo, eram amplamente vendidas, de maneira que, com o passar do tempo, o número de marcas desses produtos ia aumentando. Esses produtos foram considerados, até mesmo como “remédios” para “corrigir as cores ruivas e avermelhadas do cabelo”, consideradas, até então, inadequadas, “defeituosas”:

¹³⁹ Anúncio publicado em dezembro de 1924 na revista *A Cigarra*.

*“Tônico Iracema vende-se em toda parte. Premiado nas Exposições de Turim e Rio. Restitui a cor natural primitiva aos cabelos brancos sem os inconvenientes das tinturas. Elimina rapidamente as caspas, impede a queda dos cabelos e estimula seu nascimento. **Corrige a cor dos cabelos ruivos e avermelhados.** Vende-se em todas as perfumarias e drogarias e na Casa Edison...”*

Anúncio retirado da revista *O Echo*, dezembro de 1916.

Antes mesmo dos anos 20, havia onze marcas diferentes desses tônicos anunciados nas revistas pesquisadas; além das receitas caseiras (até mesmo formulações a base de rum!).¹⁴⁰ Nos anos 20, foram encontradas dezessete marcas diferentes de loções, ainda que, a partir desse momento, as propagandas de tinturas disputassem espaço no mercado publicitário em igual proporção. Na medida em que a tolerância aos cabelos brancos ia sendo diminuída, as tinturas pareciam ganhar espaço como única solução para o problema; ainda que fossem acusadas pelas concorrentes, as loções (já que as tinturas queimavam os cabelos por conta dos “sais nocivos”¹⁴¹, além de manchar a pele e as roupas, como já dissemos).

¹⁴⁰ Em 1916, a revista *O Echo* ensina uma receita caseira de loção capilar: álcool canforado misturado a tintura de cantáridas, glicerina, essência de sândalo, cloridrato de policarpina e rum.

¹⁴¹ Havia até mesmo receitas caseiras que usavam, para serem efetivas, os tais “sais nocivos”. Em outubro de 1916, a revista *O Echo* ensina um preparado para escurecer os cabelos: “cozinhar, durante uma hora, num litro d’água, limalha de chumbo, apara de ébano e cânfora. Para obter um cor castanha, misturar óleo de casca de noz verde e álcool. Deixar repousar por 10 dias e aplicar nos cabelos, depois de lavados com bicarbonato de potássio.” (grifo meu).

Utilizando-se desse discurso, até mesmo “água de colônia”, como vimos¹⁴², passou a ser vendida, por mais de uma década, prometendo extinguir a canície. Sobre a ineficiência dessas loções, “remédios”, tão amplamente comercializados nas primeiras décadas do século, escreveu *O conselheiro médico do lar*, alguns anos depois:

“Certas pessoas tem o perigoso hábito de ler, ouvir e crer em tudo quanto dizem os curandeiros e propagandistas de drogas patenteadas, referente aos sintomas de alguma enfermidade, imaginando logo que sofrem de todas as doenças mencionadas nos anúncios, gastando depois inutilmente, seu dinheiro nos produtos anunciados com muito estardalhaço.” ¹⁴³

Acima, propaganda de setembro de 1928, veiculada na Revista *A Cigarra*. Apesar de tratar-se de gravura retirada do anúncio da *Loção Carmela*, pode-se notar um discurso comum dos consumidores de muitos produtos não garantiam a eficácia do que prometiam. Vê-se, também, que os consumidores, preocupados em rejuvenescer sua imagem, se dispunham a empregar quantias consideráveis na melhoria de suas aparências -- ainda que nem sempre o resultado fosse exitoso.

¹⁴² p.p. 60-61.

¹⁴³ *O conselheiro médico do lar*, 1942, p. 101.

A maioria das tinturas, por sua vez, não costumava se defender das acusações. Talvez elas não precisassem disso; já que apenas afirmavam, em seus textos publicitários, o que de fato eram capazes de fazer: pintar o cabelo branco -- o que as consagraria como produtos exclusivos para resolver o problema da canície até os dias atuais. Com o tempo, as propagandas de loções para “devolver a cor natural” aos cabelos pararam de ser tão veiculadas, até que caíssem em descrédito nos anos posteriores (ou que, algumas delas, tivessem admitido usar também os componentes das tinturas e, então, deixado de ser loções). Ainda que contivessem uma composição duvidosa, as tinturas, além de efetivas, serviam para que as barbas e os bigodes fossem escurecidos, eliminando a incômoda “aparência de velhice” nos homens e mulheres. Nas tinturas, a sedutora possibilidade de “eterna juventude”.

Cabelos Brancos - “O Juvenol”.

Eterna Mocidade.

O “Juvenol” é o inimigo dos cabelos brancos, é o preferido da “elite” de todo o mundo, e rápido, não é complicado, dá um único tom ao cabelo com uma só aplicação. Acham-se à venda 3 tipos de “Juvenol”. N. 1 para cabelos pretos, N. 2 para castanho e 3 para loiro.

Peçam sempre o tipo que corresponde à cor do vosso cabelo, assim conhecerão as grandes propriedades que possui o “Juvenol” de todos os demais preparados existentes na praça, tanto nacionais como estrangeiros.

O “Juvenol” é fabricado cientificamente com drogas importadas. Vende-se nas principais Farmácias, Drogarias e Perfumarias.”

Acima, um intrigante anúncio do ano de 1924 (Revista *A Cigarra*). O produto ainda nem se declara, claramente tintura (o que de fato o é, por colorir os cabelos na primeira aplicação) e tampouco se define como loção. Apenas propaganda, além de sua eficácia, que é produzida “cientificamente com drogas importadas”, de modo que a “elite” entenda que se pode ser consumido sem nenhum grande risco para sua saúde.

O produto acima, como vimos, oferecia três tonalidades para que as pessoas pudessem ter a cor de cabelo que desejassem; ou que mais se aproximasse do seu tom natural. A opção das pessoas pelas tinturas fica muito clara ao percebermos, que a partir dos anos 30, esses produtos passam a apresentar uma gama bem maior de tonalidades, quintuplicando suas cartelas de cores. Sendo assim, podia-se escurecer cabelos brancos com muito mais naturalidade; ou ainda fazer algumas alterações na cor natural da cabeleira.

Para clarear os cabelos, prática que era moda mesmo antes dos anos 20, a água oxigenada já era o componente principal dos preparados para aloirar cabelos e até mesmo barbas e bigodes; pois havia os homens que também desejavam ser loiros, destacando-se dos demais. Na revista *O Echo*, de 1916, recomendavam-se, para quem quisesse descolorir os cabelos, os “chás e loções”, vendidos nas perfumarias. Porém, para tornar as madeixas ainda mais claras, a receita era água oxigenada misturada à água de rosas, após haver “desengordurado bem o cabelo, lavando-o com sabão e soda”!

Além de loções e tinturas, outros produtos também eram utilizados para que os indivíduos pudessem seguir os modismos de seu tempo. Por volta dos anos 20, tornou-se tendência ondular os cabelos femininos; especialmente após a “febre” dos cabelos curtos. Para garantir as ondas, os institutos de beleza prometiam “ondulações permanentes”, com “técnicas francesas”, que podiam durar cerca de seis meses. Uma das técnicas eram as “Ondas de Marcel”, que consistia em frisar os cabelos usando “tenazes”, barras de ferro quentes onde eram colocadas as mechas a serem processadas. Os manuais de saúde não recomendavam esses procedimentos térmicos que se utilizavam de “ferros quentes”, já que poderiam queimar cabelos e cabeça, danar os fios e, até mesmo, “provocar a calvície” por conta de tais queimaduras¹⁴⁴. Para aquelas que não tivessem

¹⁴⁴ Uma modalidade “higiênica” de frisar os cabelos era apresentada pelo manual *O Lar e a Saúde da Família*: “nunca deve aplicar-se ferros quentes de encrespar. Para anelar os cabelos, convém enrolá-los em papel ou simplesmente, que é o melhor processo para se obter um anelamento delicado, sem prejudicar o cabelo”.

tais “cabeleireiros” à disposição, a opção era fazer uso dos muitos produtos que existiam para esse fim: Ondulina, Frisolina, Crespodor e outros; cujos nomes alusivos à sua função, eram vendidos em farmácias, perfumarias, drogarias e, até mesmo, pelos correios.

Tenazes utilizadas para fazer as Ondas de Marcel, inventadas na França em 1875.

Se o desejo não fosse ondular, mas sim “alisar” e “assentar” a cabeleira, -- desejo muito comum entre os homens higienicamente cuidados e “bem apessoados”, e também entre as mulheres que adotavam o penteado à *la garçonne* -- não faltavam opções: geralmente, aquelas que deixavam o “cabelo empastado” para os padrões atuais, já que não se dispunha de outros recursos na confecção das loções ou de receitas caseiras para fazê-lo. Antes mesmo da moda dos cabelos curtos, até para facilitar os penteados, não era incomum que as pessoas aplicassem óleo em seus cabelos.

“Por natureza, o cabelo deve ser oleoso e brilhante. Quando se verifica o contrário, é preciso massagear o couro cabeludo, a fim de estimular-lhe as raízes e determinar a secreção do óleo natural. Até conseguir esse resultado, convém ir untando o cabelo com óleo puro de oliva.”

Trecho retirado do manual *O Lar e a Saúde da Família*, p. 323.
Ao lado, Ellen G. White, provável autora do manual.

Poucos anos mais tarde, à alternativa dos óleos (não só de oliva, mas também de amêndoas, de coco etc.), estão as brilhantinas, as gomas e as loções industrializadas; que apresentam perfume e consistência mais agradável; menos “pegajosa”. Cabelos cuidadosamente penteados e assentados, brilhantes e sedosos, davam a impressão de serem saudáveis. Segundo os didáticos dizeres do Stacomb, produto para pentear, os cabelos desgrehados e revoltos indicam negligência e desleixo. Há, portanto, que “alinhá-los” para se ter uma aparência distinta.

Stacomb

Ramon Novarro, da Metro-Goldwyn-Mayer

Que enorme é a diferença si o cabelo está alisado!

Quando o artista tem que encarnar a personalidade de um vagabundo, faz com que o seu cabelo se torne emaranhado, sujo, hirsuto. Ao recobrar sua própria personalidade, tem o cuidado de que seu cabelo seja limpo, sedoso e bem penteado. Para consegui-lo, nada há que se iguale ao Stacomb.

STACOMB é uma preparação que torna o cabelo submisso e obediente, em nada prejudicando seu ondulado e brilho naturais (por ele realçados). É muito diferente das brilhantinas e cosméticos que o fazem graxento e pegajoso, e da água que, ao se evaporar, o torna opaco e quebradiço.

O uso do STACOMB não está limitado aos homens, pois que também ajuda a mulher a conservar o cabelo são, sedoso, brilhante e a manter o penteado que melhor realce sua formosura. V. S. já o experimentou?

Nas melhores farmácias e perfumarias, ou remette-se amostra mediante 2500 em sellos postais.

WARNER INTERNATIONAL CORPORATION
Rua Conde de Raimão, 214 — RIO DE JANEIRO.

“Stacomb

Que enorme é a diferença se o cabelo está alisado!

Quando o artista tem que encarnar a personalidade de um vagabundo, faz com que o seu cabelo se torne emaranhado, sujo, hirsuto. Ao recobrar suas própria personalidade, tem o cuidado de que seu cabelo seja limpo, sedoso e bem penteado. Para consegui-lo, nada há que se iguale a Stacomb.

Stacomb é uma preparação que torna o cabelo submisso e obediente, em nada prejudicando seu ondulado e brilho naturais (por ele realçados). É muito diferente das brilhantinas e cosméticos que o fazem graxento e pegajoso, e da água que, ao se evaporar, o torna opaco e quebradiço.

O uso de Stacomb não está limitado aos homens, pois que também ajuda a mulher a conservar o cabelo são, sedoso, brilhante e a manter o penteado que melhor realce sua formosura.”

Anúncio retirado da revista *A Cigarra*, de outubro de 1929.

Lisos, ondulados, curtos, longos: os cabelos “são a moldura do rosto”, parte importante da figura que se registra, imediatamente, quando se reconhece o indivíduo. Uma estética diferente da esperada, gera exclusão; e aprende-se, com os cuidados de si, que a aparência indesejável é a responsável pelos insucessos do indivíduos. Para ser

reconhecido socialmente, o corpo teria que dar mostras de saúde, limpeza, cuidados. E os cabelos são parte fundamental do corpo higiênico.

<p>O uso do</p> <h3>Tricofero de Barry</h3> <p>no lar doméstico, contribui para formar um novo vínculo de carinho entre marido e mulher.</p> <p>Ele é o meio mais eficaz para obter-se uma formosa, sã e abundante cabeleira, o que constitui o atractivo pessoal mais apreciado.</p> <p>Por isso o</p> <h3>Tricofero de Barry</h3> <p>augmentando o cabelo, augmenta, ao mesmo tempo,</p> <p>A FELICIDADE DO LAR DOMESTICO!</p> <p>Unicos depositarios: Sociedade Anonyma Lametro</p> <p>RIO DE JANEIRO</p>	<p><i>“O uso do Tricofero de Barry no lar doméstico contribui para formar um novo vínculo de carinho entre marido e mulher. Ele é o meio mais eficaz para obter-se uma formosa, sã e abundante cabeleira, o que constitui o atractivo pessoal mais apreciado. Por isso, o Tricofero de Barry aumenta, ao mesmo tempo, a felicidade do lar doméstico.”</i></p>
<h3>OS CABELOS BRANCOS ENVELHECEM!</h3> <p>O amor e o exito são inimigos dos CABELLOS BRANCOS. Hoje, para tudo se exige JUVENTUDE, real ou apparente. Rejuvenesça 15 annos usando LOÇÃO "CARMELA" que em poucos dias devolve aos CABELLOS BRANCOS a sua cor primitiva e exacta: loura, castanha ou preta. "CARMELA" não tinge porque não é tintura: é uma LOÇÃO deliciosamente perfumada, muito usada pela alta sociedade dos mais adiantados paizes do mundo.</p> <p>À venda em todas as Pharmacias e Perfumarias em vidros grandes e pequenos.</p> <p>Peçam prospectos aos distribuidores gerais para o Brazil: Araujo Freitas & Cia. Ourives 88-Rio de Janeiro</p> <p>LOÇÃO</p> <h1>"Carmela"</h1>	<p><i>“OS CABELOS BRANCOS ENVELHECEM! O amor e o êxito são inimigos dos CABELLOS BRANCOS. Hoje, para tudo se exige JUVENTUDE, real ou aparente. Rejuvenesça 15 anos usando LOÇÃO CARMELA, que em poucos dias devolve aos cabelos brancos a sua cor primitiva e exata: loura, castanha ou preta. “CARMELA” não tinge porque não é tintura: é uma LOÇÃO deliciosamente perfumada, muito usada pela alta sociedade dos mais adiantados países do mundo.”</i></p>
<p>JÁ NÃO TEM CABELLOS BRANCOS</p> <p><i>Rejuvenescido completamente!</i></p> <p>A vida moderna exige que se occultem os CABELLOS BRANCOS porque nos negocios, no lar, na rua, nos salões, em toda parte, enfim, só a mocidade triumphá. Rejuvenesça 15 annos usando a LOÇÃO "CARMELA" que em poucos dias devolve aos CABELLOS BRANCOS a sua cor primitiva e exacta: loura, castanha, ou negra. "CARMELA" não tinge porque não é tintura: é uma loção deliciosamente perfumada, mui usada pela alta sociedade dos mais adiantados paizes do Mundo. "CARMELA" não mancha as mãos nem as roupas e é absolutamente inoffensiva.</p> <p>À venda em todas as Pharmacias e Perfumarias, em vidros grandes e pequenos</p> <p>PROSPECTOS GRATIS!</p> <p>Araujo Freitas & Cia. Ourives, 88 — Rio</p>	<p><i>“JÁ NÃO TEM CABELOS BRANCOS! Rejuvenescido completamente! A vida moderna exige que se occultem os CABELLOS BRANCOS porque nos negócios, no lar, na rua, nos salões, em toda parte, enfim, só a mocidade triunfa. Rejuvenesça 15 anos usando LOÇÃO CARMELA, que em poucos dias devolve aos cabelos brancos a sua cor primitiva e exata: loura, castanha ou preta. “CARMELA” não tinge porque não é tintura: é uma LOÇÃO deliciosamente perfumada, muito usada, mui usada pela alta sociedade dos mais adiantados países do mundo. “CARMELA” não mancha as mãos nem as roupas e é absolutamente inofensiva.”</i></p>

Acima, três exemplos de propagandas, retiradas da revista *A Cigarra* (respectivamente, de 1929, 1933 e 1934) que bem expressam como se construía os conceitos relativos à importância dos cuidados capilares para a aparência do indivíduo, bem como o discurso de persuasão típicos dos manuais e revistas destinados a redesenhar a imagem dos “atores sociais”.

BOCA e dentes de pérolas.

“Um dentista americano, colecionador de postais, adquiriu há meses um em que aparecia fotografada uma formosa dama, rindo de maneira que se lhe podia admirar a esplêndida dentadura. O dentista viu, naquele retrato, pretexto para um soberbo anúncio da sua clínica, e para esse fim, mandou reproduzir fotografia em dois aspectos diferentes: um

com todos os dentes, tal como o original, e outro com três dentes menos.

Depois imprimiu por baixo do segundo: beleza desdentada; e por baixo do primeiro, beleza reparada.

Ora bem; com o que ele não contava, foi com o resto que se lhe seguiu. A dama do bilhete postal era a célebre artista Marie Studholme, a qual, vendo-se tratada como beleza desdentada e reparada, e isso com o apoio e

comprovação de uma fotografia, apresentou a sua queixa e reclamação num tribunal competente, que reconheceu o seu direito e a sua justiça e condenou o anunciante sem-cerimonioso no pagamento de mil dólares (um conto de réis) de perdas e danos.” ¹⁴⁵

¹⁴⁵ Matéria retirada da *Revista Mensal O Echo*, edição de maio de 1918.
A imagem da atriz foi retirada do site www.fotosearch.com em março de 2011.

A atriz se viu ofendida por ter sua imagem estampada sem dentes. Com razão, quem preservava os dentes naturalmente cuidados, devia orgulhar-se. A higienização dos dentes e da boca não era tarefa tão recorrente como supostamente o é, nos dias atuais. Assim, o número de pessoas desprovida de todos os seus dentes era grande; e o fato de não possuí-los já se tornava inaceitável na construção das aparências do indivíduo moderno.

Os manuais de higiene divergiam sobre o assunto. Como vimos na abertura desse estudo, os dentes, para essas publicações, podiam ser limpos com bicarbonato de sódio, com miolo de pão, com gesso, pela própria mastigação mecânica¹⁴⁶, com água quente, por meio de bochechos apenas com água tépida etc.¹⁴⁷

Ainda que, para os padrões estabelecidos pela higiene nos dias atuais, a limpeza da boca e dos dentes seja considerada muito aquém do necessário, o manual *O Lar e a Saúde da Família* antecipava-se ao dizer que “do tratamento dos dentes, depende a saúde de todo o corpo”. Sendo assim, afirma:

“Os dentes não nos foram dados somente para servir de adorno, eles são também um fator importante no processo de digestão. Se forem negligenciados, se deterioram, ficando incapacitados de desempenhar suas funções. Passando o alimento ao estômago sem ser perfeitamente mastigado e misturado com saliva, o suco gástrico não tem sobre ele ação eficiente, em consequência, não pode ser convenientemente assimilado, e o corpo deixa de receber a nutrição necessária, resultando, daí, inevitavelmente a doença.”

¹⁴⁶ Por meio da mastigação, acreditava-se um alimento limpava os restos do alimento ingerido anteriormente, se fossem usados todos os dentes da arcada durante a mastigação.

¹⁴⁷ *O Novo Método de Curar*. p. 790.

A explicação “cientificamente” elaborada pelo manual coincide com outros textos que, no entanto, são posteriores à publicação adventista.¹⁴⁸ Apesar de não apresentar, para os seus leitores, a relação entre saúde bucal e bom funcionamento do organismo por conta de a boca fazer parte do sistema digestivo, o manual de higiene de M. Platen ¹⁴⁹ apresenta descrições não menos científicas sobre os dentes, apresentando a sua constituição e a função que cada um deles apresenta na distribuição molar, fazendo com que o leitor pudesse ter o máximo de conhecimento científico acerca de seu próprio corpo -- uma preocupação bem ao gosto do didatismo anatômico deste momento histórico.

<p>Fig. 288. Corte longitudinal de um dente incisivo. a, Dentina ou marfim. b, Esmalte, c, Cimento. d, Polpa dentaria, e, Ponta da raiz por onde penetram os nervos e vasos sanguineos.</p>	<p>Ao lado, a constituição de um dente num corte longitudinal, mostrando as camadas: dentina (também chamada de marfim), o esmalte, o “cimento”, a polpa dentária e a ponta da raiz, por onde penetram os nervos e vasos sanguíneos (p. 785).</p> <p>Em seguida, o manual discrimina as funcionalidades de cada dente, de acordo com a posição na arcada e com suas formas:</p> <p><i>“os caninos destinam-se a cortar a comida; os incisivos, a arrancar; os molares, cuja coroa na parte superior tem face larga, sevem para moer ou triturar os alimentos. Difere também o número de raízes: cada canino e incisivo possui uma raiz; enquanto que o pequeno molar costuma ter duas, e o grande molar, de três a quatro.”</i></p> <p style="text-align: right;"><i>O Novo Método de Curar, p. 786-6.</i></p>
--	--

Advertia-se que o cuidado com os dentes era algo muito importante para que se evitassem as principais moléstias que da boca poderiam advir. A cárie, inegavelmente, foi a mais discutida de todas essas enfermidades, pois além de modificar a coloração dos

¹⁴⁸ Na Era Vargas (1932), o creme dental Gessy patrocina uma matéria, na edição de dezembro da revista *A Cigarra*, que menciona o novo decreto da Inspetoria de Higiene e Assistência Dentária do Estado de São Paulo, que determinam que todos os alunos matriculados nos estabelecimentos públicos sejam submetidos à inspeção e tratamento dentários; e ainda que sejam ministradas aulas práticas sobre higiene dental nessas escolas, de modo que os discentes entendam a influência dos dentes sobre a saúde geral do corpo: “O equilíbrio geral do organismo está em relação com o equilíbrio do meio bucal (...) [sendo assim], existe mais o que pesquisar na pequena área da boca, quanto às causas iniciais das moléstias, mesmo quando não são devidas à nutrição, do que em qualquer outro órgão do corpo”.

¹⁴⁹ *O Novo Método de Curar*. p. 787.

dentes, causava dor e, quando chegasse a um determinado estágio de corrosão, podia ocasionar a perda do dente.

Ao descrever a cárie, Platen nos explica se tratar de uma enfermidade gradual, que “a princípio não se nota”, mas que se origina da “fermentação química ou destruição das substâncias do dente, devida à má mistura dos líquidos na boca (saliva e mucos), ferimentos do esmalte, falta de asseio na boca ou, então, é a cárie proveniente de moléstias de nutrição”.

Tendo a cárie, segundo o manual acima, múltiplas possibilidades de originar-se, imaginamos que o caminho para se combatê-la, de fato, podia ser assaz complicado, pois ao não se conhecer as causas exatas do mal, torna-se mais difícil enfrentá-lo -- mais ainda quando a limpeza trivial aconselhada é apenas uma escovação pela manhã, com água morna ¹⁵⁰, seguida de bochechos, também com água, após as refeições.

“A qualidade da água tem poderosa influência sobre os dentes. Há cidades em que não existe uma única pessoa com a dentadura sã e perfeita.

Deve-se arear os dentes com água quase fria, à qual se ajunte algumas gotas de um bom elixir dentifrício...”

Acima, um excerto do manual *O Lar Doméstico* (p. 71-2), onde podemos perceber a importância da água para o pensamento dos autores da época. Apesar de recomendar o uso de dentifrício, a autora enfatiza que é a água que tem “influência poderosa” sobre a dentição; a ponto, inclusive, de também preocupar-se com a temperatura do líquido para que seja feita a limpeza dos dentes.

Nos anos 1920, o manual *Hygiene*, de J.P. Fontenelle, reforça a ideia de cuidados com os dentes, “dada a facilidade com que se estragam”:

“...deve haver o maior cuidado em conservá-los perfeitos, pois do contrário, escurecem, incrustam-se de tártaro, cariam-se, abalam-se e desprendem-se,

¹⁵⁰ *ibidem*. O manual, bastante preciso em suas recomendações -- bem ao estilo higienista --, aconselha que a água da única escovação matinal deve estar em 20° e 22° graus.

*tornando a boca uma cavidade imunda e repugnante. Demais, sem dentes não pode haver mastigação; e sem mastigação, não pode haver perfeita digestão dos alimentos.”*¹⁵¹

Sendo assim, já na virada do século XIX para o XX, *O Lar e a Saúde da Família*¹⁵² nos ensina que, “depois de cada refeição, é preciso remover cuidadosamente as partículas de comida que ficam aderidas aos dentes, ou metidas de per meio.” Neste manual, o processo de limpeza dos dentes é bem mais completo do que o texto de 1903¹⁵³; apesar de as duas publicações, certamente, terem sido elaboradas na mesma época -- o que demonstra que as informações divulgadas podiam ser divergentes. Certamente, esse era um dos fatores que também dificultava a higienização bucal.

“Usando uma escova, deve dirigir-se esta em sentido longitudinal como transversal, a fim de destacar todas as partículas aderidas aos dentes. Antes de deitar-se, visto durante o sono os germes disporem da maior e melhor parte do tempo para realizar sua obra nefasta.

Para acompanhar a escova de dentes na limpeza bucal, a indústria brasileira já dispunha de vários produtos. Mas para quem não os tivesse à disposição, podiam ser usados outros componentes químicos, como bórax, bicarbonato de sódio e até mesmo água oxigenada.

¹⁵¹ página 227.

¹⁵² páginas 342-3. A gravura desta página e da próxima foi retiradas do mesmo manual.

¹⁵³ *O Novo Método de Curar.*

*"Um excelente pó para os dentes prepara-se misturando partes iguais de sabão de castilha, precipitado de greda, e raiz de lírio em pó.
Outro dentifrício excelente é o seguinte: misturam-se e passaram-se num crivo bem fino cinquenta gramas de greda branca, doze gramas de mirra, doze gramas de lírio em pó e vinte e cinco gramas de bórax."*

Retirado de *O Lar e a Saúde da Família*, p. 344.

"Elixir dentifrício: oito gramas de cravo, oito gramas de canela, trinta gramas de erva doce, dez gramas de cochoilha e 875 gramas de álcool a 36°. Deixar macerar por espaço de 15 dias. Filtrem e ajuntem: 5 gramas de espírito de hortelã."

Retirado do manual *O Lar Ideal*, p. 327.

Acima, dois exemplos de preparados caseiros para a limpeza dos dentes na escovação.

Ao mesmo tempo em que era possível combinar tais químicas para os preparados caseiros, era também possível comprá-los, na medida em que os produtos industrializados se lançavam no mercado. Dentre eles, temos uma série de formulações de vários tipos: num primeiro momento, apenas os pós dentifrícios; em seguida, pastas, líquidos e sabões dentais. Revistas que anunciavam tais produtos aproveitavam a oportunidade para oferecê-los como brindes aos seus assinantes, pois, se tratando de produtos de higiene pessoal, eram muito interessantes para o público.

Premio N. 20

Este premio consiste em um grande tubo da Pasta Imperial, que limpa, preserva e branqueia os dentes. Agradavelmente perfumado.

"Prêmio nº 20

Este prêmio consiste em um grande tubo de Pasta Imperial, que limpa, preserva e branqueia os dentes. Agradavelmente perfumado."

O prêmio acima foi oferecido para os assinantes pela Revista *O Echo*, nas edições de agosto, setembro e outubro de 1916. Não só pastas dentais, mas outros produtos de higiene eram fornecidos como brindes pela publicação, que certamente agradava os leitores. No que tange aos cuidados bucais, eram oferecidas também pacotinhos de Sen-Sen, que eram "pastilhas" usadas para perfumar o hálito ou ainda um produto que se dizia específico para retirar o tártaro dos dentes (ed. julho de 1917):

“O Anti-Tártaro dispensa qualquer outro dentífrico (líquido, pasta, pós etc.) e devido a sua eficácia e econômica aplicação não é somente o melhor, mas também o mais barato modo de tratar e conservar os dentes.”

Na busca por dentes mais brancos, os indivíduos recorriam às pastas e também aos pós dentífricos que pudessem “arear” os dentes; e, não raro, até mesmo à areia, propriamente dita, a fim de promover uma fricção vigorosa que “polisse” os dentes. Para atender a essa funcionalidade, muitos desses produtos podiam conter pó de pedra pomes; que, apesar de presente nos compostos, era condenada por alguns manuais de saúde e higiene. Além desses “grânulos duros”, outros componentes poderiam ser demasiado abrasivos.

“Evitem-se os pós que contêm grânulos duros, pelo perigo que oferecem de danificar o esmalte e determinar assim a cárie dos dentes. Muitas das pastas que se encontram à venda no mercado contêm ácidos fortes, que exercem uma ação dissolvente sobre o esmalte, determinando moléstias da gengiva.” ¹⁵⁴

¹⁵⁴ *O Lar e a Saúde da Família*, p. 344.

O hábito de polir os dentes a fim de “embranquecê-los” parece ter sido, de fato, uma prática muito comum, pois, apesar de alguns manuais a desaconselharem, outros a incentivavam. Somente a partir de meados da década de 1930, o creme dental Gessy menciona o fato de não conter produtos abrasivos que poderiam desgastar o esmalte. A fricção, no entanto, permanece como importante ação limpadora:

“Seria impossível um sorriso assim [bonito], sem dentes lindos e saudáveis. Conserve a graça de seu sorriso usando o Creme Dental Gessy, que contém leite de magnésia, anti-ácido há 30 anos preconizado pela ciência.

Gessy é um creme dental rigorosamente científico. Clareia os dentes sem desgastar o esmalte. Neutraliza a fermentação de resíduos alimentícios, mesmo onde a escova não chega. Refrigerar e desinfeta a boca sem afetar as defesas naturais da mucosa. Evita o tártaro e a piorreia. Usado em fricções sobre as gengivas, dá-lhes vida e cor.

Um sorriso encantador é um tesouro inestimável. Preserve-o, pela beleza dos seus dentes...”

Propaganda veiculada em *A Cigarra*, em novembro de 1934.

Para ter um sorriso bonito, era fundamental cuidar dos dentes; portanto, “embranquecê-los”. No início do século era comum a discussão acerca da fisionomia, teoria que associava determinadas formas corporais revelavam a personalidade do indivíduo.¹⁵⁵ As revistas traziam diversos tipos de boca, queixo, dentes e suas supostas significações. Curiosa matéria de dezembro de 1917, da revista *O Echo* afirma que “poder-se-á conhecer o caráter das pessoas pela sua dentadura”; e que dentre os dentes grandes, pequenos, finos, serrilhados, pontudos etc., os dentes brancos são os que exprimem uma personalidade “honesta, de doçura e bondade”. E assim, os manuais e revistas tentam fazer com que a aparência bucal dos atores sociais possam retratar esse ideal valorizado.

Gradativamente, as propagandas cumprem a função de incutir, nos indivíduos, a importância da estética do sorriso -- dentro, é claro, das técnicas que existiam até então:

¹⁵⁵ Para saber mais sobre estudos da fisionomia, consultar *Cesare Lombroso*, criminalista italiano que, no século XIX desenvolveu estudos e teorias no campo da caracterologia, amplamente aceitas em sua época, que relacionava as características físicas às tendências sociopatas do indivíduo.

limpeza dos dentes, das gengivas e do hálito. Em 1926, a empresa *Kolynos* recorre à imagem da estrela do cinema para reforçar padrões de beleza “bucal”:

“Virgínia Valli, estrela popular da Universal que é ainda mais formosa fora da tela do que nela, DECLARA:

‘Nenhuma mulher pode ser verdadeiramente bela se não tiver dentes bonitos. Eu encontrei no Kollynos o meio mais seguro e melhor de manter os meus dentes sempre limpos e bellos’.”

Retirado da revista *A Cigarra* em agosto de 1926.

A partir dos anos de 1920, falava-se muito sobre a fermentação dos resíduos, que seria a responsável pela formação da cárie, perigosa para a manutenção dos dentes. A informação era propagandeada, de forma bastante didática, aos adultos que liam as revistas, a fim de mudar-lhes os hábitos e fazerem adotar novas práticas de limpeza bucal e, por conseguinte, adquirir novos produtos para esse fim:

A Fermentação

dos restos de comida, doces etc. que ficam nos interstícios dos dentes, é produzida, segundo estudos científicos duas horas depois da sua permanência na boca.

É a fermentação desses restos que dá origem à carie. O dentífrico medicinal **ODORANS** evitando a fermentação, evita, ao mesmo tempo, a carie.

A extração das “perigosas partículas”, resíduos de comida que permanecem nos dentes após as refeições -- e que serão “fermentadas”-- é algo mencionado de forma recorrente, tanto nos manuais quanto nas propagandas das revistas. A maneira de retirá-las, além do emprego da escova dental (acompanhada ou não de algum aditivo) se podia fazer pelo uso de palitos (ou, na falta deles, agulhas ou alfinetes), um fio de seda branco (ou qualquer linha ordinária, segundo alguns dos manuais) que servisse para limpar “qualquer coisa entre os dentes muito unidos.”

A escova dental *Pyrotex* fabricava, já em 1924, seu modelo “Scientific 350”, que tinha as cerdas dianteiras mais elevadas para limpar os intervalos entre os dentes, bem como para alcançar as partes traseiras da arcada, a fim promover uma limpeza mais eficiente.

Anúncios veiculados em *A Cigarra*, dezembro de 1924 e março de 1925, respectivamente.

No segundo anúncio (1925), detalhes do uso da escova, que além de apresentar suas vantagens anatômicas, também ensinava o adulto a “maneira racional” de escovar os dentes:

“... Para se obter a perfeita limpeza dos dentes e dos interstícios, não se deve somente escová-los horizontalmente, como é de mau costume, de muitas pessoas, mas também de cima para baixo e vice-versa, não deixando de escovar as faces triturantes dos queixais. Verifica-se, desde logo, a grande diferença na limpeza que resulta desse processo racional.”

Diante da inexistência do fio dental, no início do século XX já se orientava que os interstícios dos dentes fossem limpos com fios de seda; ou, na impossibilidade destes, qualquer outra linha ordinária que pudesse cumprir tal função. Daí podemos imaginar que, ao não dispor de nenhuma linha à mão, em momentos emergenciais, os indivíduos pudessem utilizar-se até mesmo de seus fios de cabelo, provável herança do hábito indicado pela pesquisa feita pela Universidade de Pernambuco, apresentada na abertura deste trabalho.

Imagem retirada de *O Lar e a Saúde da Família*, p. 342.

Por ainda não comercializarem fios específicos para a limpeza dental, as propagandas afirmavam, repetidas vezes -- a fim de formar um hábito ainda não descrito nos manuais --, que para uma limpeza mais completa eficaz, que eliminasse os resíduos a serem fermentados dos interstícios, que a escova e algum abrasivo (cremes, pós ou pastas dentais) não eram suficientes. Como ainda tampouco se recomendava a escovação após as refeições, o bochecho com “águas dentifrícias” poderia solucionar o problema. Odorans, Odol, Lidol, Synorol, Dentol (e na impossibilidade de tê-los à mão, podia-se bochechar utilizando-se até mesmo de água oxigenada¹⁵⁶) teriam que ser usados durante todo o dia, como se fossem os nossos atuais “enxaguantes bucais”, com a diferença de que esses primeiros líquidos anti-sépticos eram usados no lugar das escovações que, atualmente, faríamos no intervalo da manhã até a noite, substituindo-as.

Desde 1908, anuncia-se Odol na revista *O Echo* (edição de maio):

“Segundo o estado actual da ciência, é incontestavelmente o melhor meio para o tratamento dos dentes e da boca.”

¹⁵⁶ Em 1916, a Revista *O Echo* anunciava *Dioxigen*, preparado à base de água oxigenada que era destinado para a limpeza e higienização dos poros da cutis, a fim de “rejuvenescer a beleza”. No entanto, podia-se também fazer uso do produto para higienizar o corpo e até mesmo a boca (como recomendado pelo fabricante).

“Belos dentes são limpos, alvos e perfeitos, constituem um dos magníficos presentes com que a natureza nos pode dotar. Cumpre, por isso, conservá-los, de modo que sejam úteis à nossa existência e ornem belamente nossa boca. Os seus benefícios não devem ser passageiros, e por isso, para que os tenhamos como um bem permanente e duradouro, até o fim da vida, é preciso usar constante e regularmente Odol.”

Vemos outra propaganda do mesmo produto, em março de 1922, demonstrando que seu uso estava consagrando há anos.

Anúncio veiculado em A Cigarra, ed. de março.

“Muita gente se está iludindo a si mesma! Limpar os dentes de manhã e de noite com pasta ou pó de dentes não é o suficiente para a a higiene da boca. Para a verdadeira e racional conservação dos dentes, é indispensável o uso de um dentífrico líquido. O dentífrico Odorans é considerado o melhor pela ciência moderna, por ser verdadeiramente medicinal. Evita a cárie e o mau hálito. À venda em todas as boas casas”

Anúncio retirado de A Cigarra, dezembro de 1926.

Por meio dos anúncios acima, podemos perceber que o hálito também era uma preocupação constante no que tange à higiene da boca, já que os odores naturais emitidos pelo corpo deveriam ser suprimidos e substituídos por emanações consideradas mais prazerosas. Sendo assim, pastas, cremes e líquidos dentífricos industrializados passaram a apresentar esses “perfumes refrigerantes”, tão agradáveis ao indivíduo

higienizado. Antes de 1920, um produto chamado *Sen-Sen* era comercializado especificamente para o hálito. Mais tarde, a partir dos anos 20, os próprios produtos de limpeza bucal passam a cumprir a tarefa de perfumação bucal.

Abaixo da gravura, “Diálogo de insetos”:

“As abelhas:

-- Onde estão as flores, que tão belo perfume exalam?

As borboletas:

-- É esta jovem que tem o hálito perfumado, por fazer uso do Dentol.

[texto publicitário:]

O Dentol (água, pasta, pó e sabão) é um dentifrício que, além de ser um anti-séptico, perfeito, possui perfume agradabilíssimo. Fabricado segundo os trabalhos de Pasteur, endurece e fortifica as gengivas.

Dentro de poucos dias, dá aos dentes a alvura do leite. Purifica o hálito, e é especialmente indicado para os fumadores. Deixa na boca uma sensação de frescura deliciosa e persistente.

O Dentol encontra-se nos principais estabelecimentos de perfumaria e nas farmácias. Depósito Geral: Maison Frère, 19, rue Jacob, Paris.”

Anúncio retirado da revista A Cigarra, janeiro de 1924.

O hábito de fumar era moda, tanto para homens como para mulheres. E a preocupação com o odor bucal e com o escurecimento dos dentes em função do fumo atingia os indivíduos preocupados com sua aparência. Dessa forma, os produtos, ora comercializados, fazem destaque à resolução desses problemas para os fumantes.

Abaixo, outra propaganda dos produtos Dentol, destacando a sua eficácia contra os efeitos do cigarro:

Diálogo entre as duas senhoras: “O bom meio”

- *Que coisa esquisita! Tu levas o tempo fumando... e tens dentes brancos!*
- *É muito simples, queridinha: tenho sempre pronto um frasco de Dentol.*

[texto publicitário:]

Concebido e preparado de conformidade com os trabalhos de Pasteur, o Dentol destrói todos os micróbios nefastos à boca; impede e cura infalivelmente a cárie dos dentes, assim como as inflamações da gengiva e da garganta. Ao cabo de poucos dias perdem os dentes o sarro e adquirem brilhante alvura. Deixa a boca uma sensação de frescura, bem como um paladar agradável e persistente. A sua ação anti-séptica contra os micróbios dura, pelo menos, 24 horas. Uma bolinha d’algodão em rama, embebida em Dentol puro, aplaca instantaneamente a mais violenta dor de dentes...”

Anúncio veiculado na revista *A Cigarra*, em março de 1925.

Vemos, acima, que, assim como outros característicos da mesma época, o “científico” Dentol apresenta-se como um produto multifuncional, aplicando-se para além da limpeza bucal: propõe curar a dor de dente e, até mesmo, a dor de garganta.

Se os preceitos higiênicos, os aconselhamentos procedimentais chegassem demasiado tarde; ou se não se observassem a “racionalidade científica” das recomendações sanitárias da época, certamente haveria de se sofrer com aflitivas dores de dente, para as quais alguns produtos, de uso tópico, eram comercializados. Além de alguns dentifrícios, existiam cêras de algum efeito “anestésico” que podiam ser aplicadas diretamente sobre o dente cariado, de modo que o sofrimento fosse mais ou menos aplacado (ainda que, nas propagandas, tais produtos prometessem o alívio total e imediato). O destino desses dentes comprometidos poderia ser o “chumbamento”, técnica odontológica de restauração, obturações com material à base de chumbo, efetuada por dentistas que, após os anos de 1930, ocupavam as páginas das revistas, com os constantes anúncios dos seus consultórios.

Outro destino, mais lamentável, era a perda do dente, ou por conta da degeneração insuportável ou pelos males da gengiva que, infectada, não mais teria possibilidade de sustentar a permanência do dente na arcada.

O grande mal da gengiva era a piorreia, mais conhecida, nos dias atuais, como periodontite. A piorreia ocorre quando a gengiva, inflamada, estende-se até as estrutura do dente, fazendo-o soltar-se, lentamente; caracterizando-se pelo aspecto de vermelhidão que acomete o tecido gengival e pelo hálito característico das inflamações. O problema é causado, na maioria dos casos, pelo acúmulo de placa bacteriana e tártaro entre os dentes e a gengiva, causando pequenas “bolsas” que se estendem da própria gengiva até a raiz dos dentes, comprometendo-os, portanto. Desta maneira, um problema de higiene, que também merecia uma ação sanitária, de forma que uma melhor escovação e, especialmente o uso de produtos anti-sépticos pudessem combatê-lo.

O mais intrigante no assunto é o fato de que tais produtos ofereciam uma explicação peculiar sobre a origem e as consequências deste mal, ainda que se coincida o fato de a doença estar ligada ao mal asseio.

A partir da década de 1920, a indústria da higiene bucal começa a lançar, no mercado, cremes dentais específicos para combater a piorreia. Seus anúncios buscavam explicar como se dava a enfermidade, para que o indivíduo pudesse prestar atenção a um problema que, supostamente, lhe ocorre; ou lhe ocorrerá (formando assim, o hábito de usar determinado produto, que se instaura em face do medo que a moléstia pode provocar, muitas vezes, associando-a a estados físicos muito mais graves do que determina a própria enfermidade. Vejamos que o anúncio abaixo evoca, até mesmo, o risco de morte:

Para tratamento da Pyorrhéa: PYOTYL

A venda:
Boticão Universal
 Rua
 15 de Novembro
 N. 7
 •
Masetti
 Ladeira
 Sta. Ephigenia
 N. 3
 •
Pharmacia Castro
 Rua
 São Bento, 57-A

Casa Sanitas
 Rua Boa Vista
 N. 43-A
 •
Pharmacia Dantas
 Rua Mauá
 •
Fabricante:
A. Moraes
 Rua
 Concelção, 52

Este está com as gengivas sangrentas e cheias de pus; está comendo os alimentos misturados com pus; TEM PYORRHEA; está engolindo milhões de micróbios; está se suicidando aos poucos. Vejam a aparência doentia que ele tem; é um condenado à morte prematura.

Este tem a boca limpa, gengivas sãs.

Usa PYOTYL

Os alimentos lhe fazem proveito; mastiga bem, faz boa digestão, tem saúde e vê diante de si uma vida longa e feliz.

PYOTYL é indicado para: pyorrhéa, dentes aballados ou descarnados, mau hálito, gengivas sangrentas ou inflamadas, aphtas, stomatites, etc.

“Para o tratamento da piorreia: PYOTIL.

[O homem magro e abatido] está com as gengivas sangrentas e cheias de pus; está comendo alimentos misturados com pus; está engolindo milhões de micróbios; está se suicidando aos poucos. Vejam a aparência doentia que ele tem; é um condenado à morte prematura.

Este outro [o da direita] tem a boca limpa, gengivas sãs, usa Pyotil. Os alimentos lhe fazem proveito; mastiga bem, faz boa digestão, tem saúde e vê diante de si uma vida longa e feliz.”

Anúncio retirado da revista *A Cigarra*, março de 1922.

“Conserve sua dentadura alva usando o Creme Dental ANTI-PY-O do Dr. Waite’s [sic] que destrói a película que se forma nos dentes sem arranhar o esmalte, diminui a acidez da boca [causada pela fermentação dos detritos ali restantes], evita a cárie dos dentes e conserva as gengivas firmes. Sua composição é um poderoso preventivo contra a PIORREIA.”

Anúncio retirado da revista *A Cigarra*, dezembro de 1926.

Com base no anúncio acima, podemos notar que a origem da piorreia, segundo os anúncio, é a película que se forma nos dentes, uma capa que a eles se prende, contaminando as gengivas de impurezas. Vejamos como outro dentífrico, o *Pepsodent* nos explica esse “mal”, agora tão difundido pelas propagandas:

“Combata agora a película! É assim que milhões de pessoas obtêm esses dentes mais lindos.

Por acaso já reparou no quanto os dentes brancos adicionam à beleza da mulher? E quantas mulheres os tem somente com o combater da película?

Os dentes têm uma capa.

Sente sobre os dentes uma película viscosa que resiste às escovações, agarra-se e fica. A película é também o maior inimigo dos dentes. Prende partículas de alimentos que fermentam e formam ácidos. Segura os ácidos em contato com os dentes causando a cárie. Gera milhões de micróbios e estes, com o tártaro, são a causa principal da piorreia.

Dos meios para a combater.

A ciência dentária, depois de longas investigações, descobriu dois métodos de combater a película. Um atua separando as partes integrantes da película; o outro, remove-as sem necessidade de escovações injúrias.

Autoridades competentes demonstraram a eficácia desses dois métodos. Originou-se, então, um novo tipo de pasta para dentes para aplicar diariamente. Esta pasta chama-se Pepsodent. Cuidadosas pessoas de umas 50 nações adotam agora esse novo método.

Peça-nos a bisnaga para 10 dias que oferecemos. Use-a e note depois como os dentes se sentem limpos logo que a use. Note a ausência da película viscosa. Veja como os dentes se tornam brancos à medida que a película desaparece. Numa semana lhe trará uma revelação. Corte o coupon neste momento.”

Se, no entanto, essas novas recomendações, “cientificamente racionalizadas”, não fossem seguidas, o prejuízo poderia ser grande. Numa propaganda de Dentol, em novembro de 1928, a gravura mostra o netinho falando ao seu avô: “Se tivesses lavado os dentes com Dentol, não terias tido necessidade de comprar uma dentadura por um conto de reis...”

A cara alternativa era a única opção para quem não quisesse passar pelo incômodo de não ter seus dentes. Dessa maneira, dentistas se serviam dos dentes artificiais, já disponíveis nos boticões brasileiros, como artigo para os profissionais da boca. Se não se pôde manter os dentes naturais, peças “americanas e inglesas” serviam de pérolas para a boca do sujeito higienizado.

“Como se fazem os dentes postiços.

Durante muitos anos, os dentes artificiais foram fabricados em marfim, proveniente das presas do elefante e do hipopótamo. Porém, como essa variedade de marfim, ainda que superior aos dentes dos outros animais, era atacada pelos ácidos contidos nos alimentos, amarelavam-se depressa e estrepavam com facilidade. Recorrem-se, então, aos dentes humanos, acontecendo mesmo que alguns industriais, cruéis e ambiciosos, não titubeiam em explorar a pobreza ou a avareza das pessoas do campo, comprando-lhes seus dentes mais sãos, a troco de um punhado de moedas.

A invenção do dente incorruptível, isto é, dos dentes de porcelana, deu o golpe de morte a essa indústria, substituindo-a por outra mais moral e científica (...)

Lindas mocinhas andam pelas ruas ostentando as pérolas das suas bocas, mas, se as fossem analisar, veríamos que elas vieram de uma... forja.”

Excerto retirado da matéria homônima veiculada na revista *O Echo*, em setembro de 1918.

Anúncio retirado da revista *O Echo*, novembro de 1916.

MÃOS de fada, PÉS de valsa.

“As mãos femininas têm uma atração poderosa como o rosto, e são tão expressivas como o gesto ou como o olhar. Há mãos simpáticas e mãos antipáticas; atraentes ou repulsivas; mãos pesadas, leves, alegres, pensantes, dominadoras, inquietas, imperiosas, flexíveis, rígidas e magnéticas.

A influência das mãos é tanta, que os artistas lhes consagram sempre especial interesse, fixando com exatidão, nas suas representações, a evolução feminina; pois é preciso notar que a mão varia à medida que variam os costumes e tendências. A mão de uma mulher dos nossos dias não se parece com a de uma mulher antiga, do mesmo modo que o espírito moderno é diverso do de então.”

O excerto acima foi retirado das “Páginas Femininas”, seção da revista mensal *O Echo*, na edição de outubro de 1916. Vemos, portanto, que as mãos, especialmente as femininas, são objeto de de admiração, tornando-se importantes partes do corpo a serem cuidadas; a ponto de tais cuidados poderem retratar a “aparência” das mãos através dos tempos, como afirma o autor da matéria acima.

As mãos higiênicas tornam-se tema constante na maioria dos manuais de cuidado com o corpo, bem como nas revistas, que dedicam-se a descrever a aparência que devem ter, num ideal estético próprio de um momento em que asseio e beleza são conceitos quase que indissociáveis, na medida em que não se considera belo aquilo que não aparenta ser limpo e bem tratado.

É provável que os elegantes indivíduos, apesar de ornarem-se com roupas e adereços refinados, ainda não tivessem o hábito constante de manter limpas suas mãos, lavando-as poucas vezes ao dia; ou mesmo furtando-se de limpá-las após terem saído do W.C. Nos manuais médicos, reforça-se a necessidade do asseio das mãos, de maneira bastante didática, a fim de que os procedimentos corretos possam ser adotados pelo cidadão moderno e higienizado:

*“Devem as mãos ser mantidas no mais perfeito asseio, por ficarem em permanente contato com os objetos, muitos dos quais estão, às vezes, contaminados por produtos infectantes, que serão transportados para os olhos, para as narinas e para os lábios. É preciso repetir o asseio das mãos várias vezes durante o dia, especialmente antes das refeições, devendo ser empregados escova e sabão, para fazer limpeza dos cantos das unhas e do sulco sub-ungueal. Quando hajam as mãos tocado objetos particularmente suspeitos, precisam ser lavadas com álcool, depois de asseadas com escova e sabão”.*¹⁵⁷

¹⁵⁷ FONTENELLE, *Compêndio de Hygiene Elementar*. p.p. 221-2. Após meados dos anos 20, o discurso microbiano é bastante recorrente, não somente nos manuais médicos, mas também na indústria da higiene, que incorpora os saberes médicos para fazer valer seus recomendáveis produtos. Em 1926, num anúncio da revista *A Cigarra*, o sabão *Protector*, anti-séptico e desinfetante, alarma o perigo das moléstias contagiosas descrevendo os enfermos como “criaturas infelizes cobertas de horríveis moléstias de pele”, pelas quais podíamos contrair micróbios e terríveis doenças por um simples aperto de mão. Para poupar “nossos queridos e indefesos entes”, haveria que se lavar as mãos várias vezes ao dia com o referido sabão. Anos antes, entretanto, a lavagem com sabão não era recomendada mais que uma vez por dia, conforme veremos a seguir, em “A arte de lavar as mãos”.

Curioso notar que, apesar da aparente preocupação com o que as mãos podem tocar, o manual de higiene do Dr. Fontenelle apenas recomenda a lavagem das mãos após a defecação, não mencionando o asseio das mesmas após a ida ao W.C.¹⁵⁸ para qualquer outra finalidade, como a urinação, por exemplo:

“Convém nunca esquecer que os dejetos intestinais podem conter micróbios patogênicos, pelo que deve ser adquirido o hábito de sempre bem lavar as mãos depois de satisfeitas as necessidades do corpo.”

Em 1916, em sua edição de dezembro, a revista *O Echo* traz uma matéria inteira sobre as mãos. Além de ressaltar os detalhes estéticos dessa parte do corpo (como veremos logo a seguir), apresenta também recomendações para que o procedimento de lavar as mãos seja mais constante do que, certamente, se observava. Para melhor convencer, transforma o ato higiênico em “arte”. A “arte de lavar as mãos”:

“A arte de lavar as mãos

Convém lavar as mãos várias vezes ao dia, por serem elas veículos de numerosas partículas de pó e bactérias (...)”

Sendo “arte”, a lavagem das mãos vem acompanhada de uma série de conselhos para mantê-las, além de limpas, lindas e delicadas; conselhos estes que, sendo “arte”, nem sempre se descobre o porquê, faltando-lhes as explicações científicas tão em voga (que, às vezes, pareciam não bastar): era preferível que se lavasse as mãos com água da chuva, dizia-se. Sendo “arte”, as recomendações, assim como vimos em outras análises,

¹⁵⁸ Usamos, nessa passagem, a sigla *W.C.*, que abrevia *water closet*, apenas por convenção. Apesar de o assento sanitário com descarga (que caracteriza o W.C.) ter sido inventado em 1884, por George Jennings, sabemos que os ambientes dotados de água corrente não eram comuns em grande parte das casas urbanas brasileiras no começo do século XX.

se contradizem de uma publicação para a outra: aqui, temos que a lavagem com sabão deve ocorrer apenas uma vez por dia.

“A regra geral é evitar água em temperaturas excessivas, nem muito quente, nem muito gélida, pois as mãos gretar-se-ão facilmente. A água tépida, fervida antes, se for possível, é excelente. O ideal seria a água da chuva, ligeiramente temperada. O sabão de deve usar somente pela manhã, pois seu uso frequente irrita a pele. Servi-vos de sabão delicado, ajuntando sempre n’água um pouco de bicarbonato ou de borato ou de soda. Perfumai-a levemente com benjoim. Para essa primeira ablução, podereis usar escova ou a pedra pomes. Enxugai as mãos friccionando-as com um pouco de glicerina, para que a pele, ainda úmida, não esteja em contato com o ar. Se tiverdes as mãos rugosas, não laveis nunca com água comum, senão em água previamente preparada com farelo de alface ou malva. Deveis, no mínimo, lavar de cinco a seis vezes ao dia as vossas mãos, especialmente antes e depois das refeições; sempre, porém, abstendo-vos do sabão, fazendo uso apenas da casca de limão ou vaselina.”

Como vimos, a prática do asseio, muitas vezes, vem associada de elementos favorecedores da boa estética das partes do corpo; confirmando a ideia de que, como dissemos, a limpeza está intimamente ligada à beleza. E ainda que a higiene estenda seus braços a homens e mulheres, no que tange às mãos, os cuidados parecem, desde esse momento, recair principalmente sobre as mulheres, cobrando-se delas providências muito mais esmeradas para que tenham mãos de aparência agradável; tal como ainda ocorre nos dias de hoje.

Na mesma matéria de 1916, veiculada pela revista *O Echo*, verificamos que as mãos significam muito mais do que um membro altamente funcional do corpo. As mãos

têm significados, são símbolos de sedução, de pureza, de estirpe social -- daí a “arte” de cuidá-las: “mãos são tão poderosas e têm tanta expressão quanto o rosto ou o olhar”¹⁵⁹, afirma o autor. Vejamos como descreve a aparência ideal das mãos femininas:

“... lindas mãos são finas e brancas. Para que a mão seja bonita, deve ser pequena, firme e doce ao mesmo tempo; terminada por dedos delgados, de forma esfuziada. O dorso da mão será algo polpudo, fino, sem veias entumecidas. A mão deve apresentar, aberta, ligeiras concavidades; e, cerrada, suaves eminências. Em uma mão distinta, o polegar não deve passar em longitude, quando aberta, da articulação média do índice; este não passará muito da raiz da unha do médio; o anular chegará até a metade da unha referida, e o pequeno deve alcançar a articulação da última falange do dedo que fica adjacente...”

¹⁵⁹ Revista mensal *O Echo*, edição de dezembro de 1916.

Os atributos estéticos das mãos femininas estavam intimamente ligados, como podemos comprovar, às medidas e às formas dos dedos e das palmas; muito bem explicitados nas publicações da época -- ao sabor do pensamento higienista, cujo critério, além de determinar procedimentos, também preocupava-se em estabelecer “padrões de normalidade” baseados em tamanhos e proporções corporais, como determinava a ciência médica.

Preocupadas em dar a impressão de que suas mãos eram pequenas, muitas mulheres costumavam comprar luvas de tamanho menor do que deveriam, para que parecessem belas -- o que também é condenado pelos higienistas, preocupados com a atrofia do órgão:

“É melhor sistema dar a mão para medida, e mandar fazer [a luva] de encomenda (...) Nunca se deve comprar luvas apertadas; não é bonito ver a mão atrofiada dentro de uma luva pequena demais para o tamanho da mão.”

Excerto extraído da *Revista Mensal O Echo*, novembro de 1916.

“Não se recomenda, igualmente, luvas apertadas que podem fazer parar a circulação e deixar vermelhões, por vezes, crônicos, na pele.”

Extraído da *Revista Mensal O Echo*, fevereiro de 1918.

Ainda na mesma matéria, o autor, enunciando um discurso sedutor, pergunta:

“Há coisa mais encantadora do que uma mão que deixa a luva, que sai branca e delicadíssima de tão mimoso casulo (...) a suavidade da palma, o brilho rosado das unhas, a brancura da cútis, coleada de finíssimas veias azuis? (...) Nada com tanto requinte de elegância, finura e distinção.”

“Tanto requinte de elegância e distinção”, evidentemente, correspondia apenas às mulheres que tivessem a pele branca -- especialmente numa nação de mestiçagem como a nossa. Sendo assim, o uso de luvas era fundamental para que as mãos ficassem sempre protegidas da claridade ou de qualquer perigo que as pudesse manchar, escurecer ou mesmo “engrossar”:

“É necessário usar luvas sempre que possível, inclusive nos momentos de descanso em casa, porque o ar faz as mãos perderem a finura e a graça. Evitai luvas apertadas que avolumam as veias”.¹⁶⁰

Para manter a textura macia, pede-se que as damas cuidem de suas mãos, ainda que isso seja mais difícil para as mulheres que lidam com trabalhos domésticos, afirma a reportagem. Difícil, portanto, que o ideal estético das mãos, tão denunciadoras, seja alcançado por alguém que não pertença à camada social que dispõe de serviços¹⁶¹. As mãos, tão “encantadoras”, tornam-se perigosas ao revelar a “estirpe” de quem as apresenta:

“Toda mulher deve ter as mãos macias e unhas nacarinas e brilhantes; isto é indício certo de distinção, de bom gosto, de delicadeza natural.”¹⁶²

¹⁶⁰ *ibidem*. Preocupado, de fato, com a textura e coloração das mãos, o autor enfatiza que se devem usar luvas até mesmo durante à noite, para preservar as mãos do contato com a “luz e o ar”, besuntando-as com alguma substância que as suavizasse durante o repouso. A preocupação com a aparência das mãos era assunto tão importante, que algumas mulheres, por vezes, tentavam manter suas mãos abertas na maior parte do tempo, a fim de não enrugá-las. O autor, entretanto, afirma que não é necessário manter tal hábito, “como faziam as mulheres do século XVII”.

¹⁶¹ Para as mulheres das camadas médias que não podiam se furtar às obrigações domésticas, as publicações afirmam existir “remédios aproveitáveis”, ainda que afirmassem que seria mais difícil manter as mãos em um excelente estado. Tais remédios consistiam em loções e preparados que podiam ser feitos em casa. Igualmente, as luvas eram altamente indicadas: “Todas, mesmo as que trabalham na cozinha e no jardim, podem conseguir [mãos em melhores condições], basta calçarem luvas largas de algodão quando se ocuparem com trabalhos que sujam particularmente as mãos”, diz Vera Cleser.

¹⁶² CLESER, Vera. *O Lar Doméstico* (1913). p. 73.

A importância da textura da pele também aparece no manual médico (como se denomina o manual adventista supostamente escrito por Ellen G. White) adventista *O Lar e a Saúde da Família*, que tampouco recomenda “meter [as mãos] em água muito quente, que tem o inconveniente de danificar a pele.”¹⁶³

Mas se a pele já estivesse danificada, ou até mesmo para prevenir que isso ocorresse, podia-se fabricar, em casa, alguns preparados, loções para que as mãos ficassem suaves e macias.

“Uma excelente loção para as mãos faz-se de partes iguais de bay-rum, hamamelis, virginica, água de rosas e glicerina. Aplica-se de noite, antes de deitar; essa loção torna as mãos macias e previne as fissuras da pele.”

Extraído de *O Lar e a Saúde da Família*, p. 327.

“Para dar finura às mãos estragadas, preparai uma mistura com amêndoas doces, três gemas de ovo e água filtrada. Cozinha-se até dar consistência. Usai durante à noite.”

Excerto extraído da Revista *O Echo*, dezembro de 1916.

Para as mãos, notamos que se procedem cuidados muito parecidos aos do rosto: aplicação de loções “amaciantes”, que restituam a delicadeza da pele, especialmente recomendadas para o pernoite. Ao contrário, no entanto, do que ocorria com os cuidados faciais, não notamos, nos primeiros anos do século XX, produtos industrializados específicos para a pele das mãos.

Para manter a brancura das mãos, fator importantíssimo, como já notamos, além da maciez e suavidade, além das luvas, constantemente usadas, tanto dentro quanto -- e especialmente, pelos impérios da moda -- fora dos ambientes fechados, podiam-se também recorrer aos preparados que indicavam os manuais e as revistas.

¹⁶³ *O Lar e a saúde da família*, p. 237.

Em *O Lar e a Saúde da Família*, aconselha-se a aplicação de suco de limão e tomate cru para remover as manchas das mãos. Para remoção de tinta, podia-se friccionar a cabeça de um fósforo, previamente molhada, no local a ser limpo. Para manchas que resistissem “aos meios ordinários”, recomendava-se o peróxido de hidrogênio. Em outra publicação se indica, para o branqueamento das mãos, uma pasta de pepinos misturada ao óxido de zinco.¹⁶⁴ Ou ainda, a misturas à base de fécula de batata ou até a própria batata cozida, amassada ainda quente: garantia-se “efeitos surpreendentes”.¹⁶⁵

Se as mãos bem cuidadas refletem elegância e distinção, as unhas são seu detalhe mais importante. Seu cuidado deve ir muito além da lavagem das mãos e das unhas, para branqueá-las, com a escovinha. A prática de manicure, portanto, era algo recomendadíssimo para as “senhoras de fino trato”. Na década de 1930, se dizia que as jóias de ouro não bastavam: “as verdadeiras jóias das mãos são as unhas [porque demonstram] o grão de requinte e os hábitos de elegância da criaturas”.¹⁶⁶

Para que a mulher tivesse unhas nacarinas¹⁶⁷, alguns procedimentos eram usuais: em primeiro lugar, havia que se preocupar com a forma das unhas: ovaladas, deveriam se assemelhar ao formato de uma amêndoa. Para “moldá-las”, era indicado que se usassem limas (lixas), que dariam um aspecto mais bonito à forma.

¹⁶⁴ Revista *O Echo*, edição de dezembro de 1916.

¹⁶⁵ Revista *O Echo*, edição de fevereiro de 1918. A fécula de batata é uma farinha intensamente branca, muito semelhante ao polvilho.

¹⁶⁶ Revista *A Cigarra*, edição de março de 1937.

¹⁶⁷ A expressão “nacarina” refere-se àquilo que é revestido de nácar: “substância branca, brilhante, com reflexos irisados, e que se encontra no interior das conchas”, segundo o dicionário digital *Aurélio*, versão 2011 para iPhone.

Para aparar as unhas, vendiam-se os cortadores de unha *Klip-Klip*, que, pelo seu tamanho reduzido, agradava pela portabilidade (propaganda de fevereiro de 1905, publicada pela Revista *O Echo*):

“É um objeto indispensável para as pessoas de boa sociedade, é próprio para trazer-se na algibeira pois mede apenas 1/2 polegada de comprimento por 1/4 de largura. Corta os cantos das unhas e delicadamente as lima regularmente, sem ofender a pele ou a carne dos dedos. É feito de prata inglesa, à exceção da lima, que é de aço temperado. Conservar-se-á sempre amolado, anos e anos, e é vendido a 2\$000, preço popular ao alcance de todos...”

No entanto, o mais usual para cortar as unhas pareciam ser, de fato, as tesouras -- ou, em alguns casos, condenáveis, os próprios dentes. O Manual de Careño, um compêndio de boas maneiras que, apesar de ser muitíssimo conhecido na América hispânica, também foi vendido no Brasil, do século XIX para o século XX, afirmava (pág. 31, s/d.):

“Algunas personas suelen contraer el hábito de recortarse las uñas con los dientes. Esta es una falta grave contra el aseo, por cuanto así se impregnan los dedos de la humedad de la boca, con la cual el hombre fino y delicado no pone jamás en contacto otros cuerpos, que aquellos que sirven á satisfacer las necesidades de la vida.”

O “bom-senso” ordenaria quando as unhas deveriam, no caso dos homens, ser aparadas sempre que seu tamanho pudesse acumular sujidades. No caso das mulheres, havia quem indicasse que suas unhas deveriam ser lixadas, para que mantivessem suas formas amendoadas, de quinze em quinze dias.

As limas poderiam ser confeccionadas com metal, marfim, ou até mesmo de papel cartão, as chamadas “limas flexíveis”, mais vendidas em estojos de manicure para viagem: um delicado presente para as mulheres e mocinhas requintadas que queriam desfrutar do “prazer de cuidar de suas unhas” ainda que fora de casa; ou então, nas *onglières*. Em 1918, a reportagem da seção *Beleza Feminina* da revista *O Echo* ¹⁶⁸ afirma:

¹⁶⁸ edição de fevereiro.

“Não há desculpa para uma mulher, ainda que seja dona de casa, que não dedique, alguns minutos da semana, para cuidar de suas unhas, garantindo-lhe o prazer do aspecto das suas mãos limpas e puras de todas as deformações.”

Para fazer as unhas, nada melhor que colocá-las de molho em água quente, misturada com gotas de amoníaco e sabão. Depois de amolecidas, as cutículas deveriam ser empurradas com um instrumento próprio para esse fim; para dar mais “comprimento” às unhas. Ainda não se usavam alicates para a remoção das cutículas. Depois de empurradas, elas podiam ser eliminadas com outros pequenos instrumentos de ponta cortante, muito comuns nos elegantes estojinhos de manicura. Também se podia dar cabo das incômodas cutículas com o auxílio de uma tesourinha de ponta curva; ou ainda, limá-las com lixa comum ou com pedra pomes, até que se soltassem da base. Talvez a remoção dessas películas fossem, de fato, algo complicado. A palavra “cutícula”, nem sempre é mencionada nas publicações anteriores aos anos de 1920, apesar de entendermos que as recomendações pediam que essa pequena camada fosse retirada:

“O excesso de pele deve ser retirado com uma tesourinha curva, com pedra pomes ou com um pedaço de linho, auxiliando-se de uma pomada para amolecer tais peles”.¹⁶⁹

Ou ainda:

“A pele que circunda [as unhas] deve estar solta e bem arredada para trás; consegue-se isso sem grande trabalho, habituando-se a empurrá-la com uma toalha cada vez que se lavar as mãos...”¹⁷⁰

¹⁶⁹ *ibidem*.

¹⁷⁰ *O Lar Doméstico* (1913), p. 74.

Somente a partir de 1924 é que as publicações mencionam um nome específico para “tais peles”, quando a empresa estrangeira *Cutex* traz, para o Brasil, estojos de manicure que vinham com um creme chamado “cuticle remover”. Notamos, portanto, que existência de determinados produtos, no mercado, fazem com que partes, até então não nomeadas do corpo, ganhem um vocábulo específico para serem substantivadas. Muitas vezes, a indústria dos produtos legitimam, até mesmo, o que nos parecia invisível: em 1917, o *Depilatório Lopez* faz desaparecer pelos do rosto, do colo, dos braços e... das mãos!

Os apetrechos de cutelaria contidos nos estojinhos de manicure não se resumiam às limas, tesouras, ou cortadores de peles. Muitos deles também vinha com um polidor, geralmente de camurça, que faziam com que as unhas ficassem “luminosas”. Para o armazenamento dos pós lustradores, não raro continham também pequenos recipientes nos estojos mais finos de “embelezamento das unhas”.

Abaixo, a foto de dois modelos de *vintage manicure set* comercializado pelo site norte-americano, www.ebay.com em abril de 2011:

Acima, com alça e base em french ivory (uma espécie de mármore sintético), o polidor, com parte baixa confeccionada em camurça. Logo abaixo, os empurradores e removedores de cutículas e duas lixas (limas) de ferro.

Neste segundo estojo, elegantes apetrechos de manicure: acima, o polidor e dois pequenos pots para colocar pós lustradores e pomadas para unhas. Abaixo, na ordem que se segue, uma lima de metal, um empurrador de cutículas, um removedor de peles/ cutículas, um boothook (gancho para fechar botões, já que as vestimentas, luvas e calçados eram dotados de muitos pequenos botões, que ao serem cerrados, podiam danificar as unhas. Muitos dos estojos mais refinados continham esse instrumento) e, finalmente, um aparelho de ponta fina que servia para circundar e limpar as bordas das unhas, de função semelhante aos palitos chamados “pauzinhos de laranjeira”, usados nos dias atuais.

Para que as unhas brilhassem, as mulheres, do final do século XIX até os primeiros anos do século XX, usavam “pós lustradores”, chamados, até mesmo no Brasil, *poudre rubis*, por, além de “alisar” e polir a superfície da unha, garantia-lhes uma coloração rósea. Vejamos a descrição de seu uso em um excerto de 1913:

*“Nas onglières encontram-se todos os instrumentos necessários à conservação das unhas, inclusive a poudre rubis, da qual se estende uma pequena pitada sobre o polissoir para polir e alisar as unhas, escovando-as em seguida com uma finíssima escovinha para afastar o pó róseo dos cantos da unha.”*¹⁷¹

Pós, como o *Oderfla* e o *Ongleine*, vendidos em 1916, prometiam “aparência de cristal e brilho incomparável para as unhas.”¹⁷²

¹⁷¹ *ibidem*.

¹⁷² Anúncio retirado da Revista *O Echo*, edição de julho de 1916.

A partir de 1915, surge, no mercado nacional, uma outra opção, além dos pós, para o embelezamento das unhas femininas: o esmalte, que prometia um brilho “inalterável por mais de oito dias”, resistindo à “qualquer lavagem”. A novidade era ainda tão desconhecida, que com o *Esmalte Diva* vinha um pequeno folheto, informando as instruções de uso.

“ESMALTE DIVA. Marca registrada em todo o Brasil. Preparado para lustrar e embelezar as unhas - Inalterável por mais de oito dias. Resiste a toda e qualquer lavagem de mãos. O ESMALTE DIVA possui muitos atestados de pessoas de responsabilidade social e referências lisonjeiras de toda a imprensa de S. Paulo. Cada vidro é acompanhado das instruções para sua aplicação...”

Anúncio retirado da revista *O Echo*, setembro de 1916.

Apesar da novidade, muitas mulheres não aderiram, imediatamente, aos esmaltes, tendo os pós lustradores, ainda que não resistisse bem à água (bem como as posteriores versões líquidas, pasta ou creme desses lustradores) permanecido no mercado até por volta dos anos 1930. Ainda assim, na década de 20, os esmaltes vão, ganhando, pouco a pouco, a preferência das mulheres, quando vão surgindo uma série de marcas que

garantiam que seu produto não se tratava de verniz, mas sim de esmalte, de fato: verdadeiramente fabricado para serem passados nas unhas, e não nas paredes!

As unhas deveriam brilhar em tonalidade rosada. Tanto pós quanto esmaltes se dedicavam a apenas ressaltar essa cor natural da pele. Somente no final da década de 1920 é que as mulheres ganham novas opções para pintar suas unhas: O esmalte *Gatan* se anuncia “de última geração”, apresentando novas opções de cores para a dama que se preza e dá, portanto, distinção às suas unhas.

Anúncio retirado da revista *A Cigarra*, edição de setembro de 1928.

Até o final dos anos 1930, prevaleceu uma curiosa forma de pintar as unhas: deixando aparecer a meia-lua da base; e não raro, também suas pontas, que não deviam ser coloridas. Um dos motivos para empurrar bastante as cutículas, para trás, era fazer

destacar a “meia-lua da raiz das unhas, uma das maiores belezas da mão [que] deve ser bem visível.” ¹⁷³

Num momento em que as luvas eram amplamente usadas, corria-se o risco de que a pele das mãos sofresse com a umidade de estarem fechadas dentro desta vestimenta. Assim, um problema que nos parece mais característico dos pés, também acometia as mãos de formosas damas: as frieiras.

¹⁷³ *ibidem*.

Imagem da página retirada do site www.quaintrellelife.blogspot.com, em abril de 2011.

“Uma das causas de deformação das mãos é devido às frieiras que as gretam durante os meses de inverno.

Além de feio que é, este ligeiro inconveniente trás consigo um verdadeiro sofrimento; é bom nos precavermos por todas as formas possíveis.”¹⁷⁴

Pelo fato de que muitos ainda não associassem o surgimento das frieiras à umidade desenvolvida pelas mãos no interior das luvas, a prevenção passava até mesmo pela termoterapia:

“Antes de tudo é preciso evitar a passagem brusca do frio para o calor. Por exemplo: se se tem frio nas pontas dos dedos, deve evitar-se rigorosamente a aproximação do fogo.

Em tal caso, o melhor é mergulhar as mãos em água fria primeiro, morna depois e enxugá-las, friccionando-as energicamente.

Será ainda conveniente usar mitaines¹⁷⁵ ou resguardar as mãos do frio muito intenso. Se apesar dessas precauções, as frieiras se manifestarem, devem ser tratadas da seguinte forma: envolver as partes doentes num pano de linho contendo uma cataplasma muito quente de cerefólio. Não deixar a cataplasma arrefecer; tirá-la e introduzir as mãos em luvas depois de as ter besuntado com a seguinte pomada:

¹⁷⁴ Revista *O Echo*, edição de fevereiro de 1918.

¹⁷⁵ Luvas sem dedos.

óleo de benjoim 25 gramas.

cera virgem 25 gramas.

gordura de pato 25 gramas.

As frieiras também atingiam os “pés de valsa” do início do século XX. Em 1917, o Preparado *Emma*, “para a higiene da toalete”, promete “curar” -- ao denominar-se “remédio” -- o suor das axilas e dos pés, bem como o mau cheiro e as frieiras. Ainda que existissem fórmulas que promettessem a cura das frieiras ou dos odores causados pelos suores, a maior parte desses preparados não era especificamente dedicado aos pés; ao contrário do que ocorre nos dias atuais, em que a indústria da higiene focaliza seus esforços na “setorização” dos órgãos corporais, criando produtos exclusivos para cada parte do corpo.

“Talco boricado para as assaduras das crianças, suores fétidos, frieiras etc. Uma especialidade para amaciar a pele e uso depois do banho ou barbear-se. Preço 3\$000 livre de porte. Pedidos à CASA EDISON, Rua S. Bento 26 - São Paulo.”

Anúncio retirado da revista *O Echo*, em fevereiro de 1905.

Notamos que a estética dos pés nem sequer é mencionada ou imaginada até cerca dos anos de 1950. As partes baixas do corpo, por serem cobertas, são relegadas ao esquecimento estético. Ainda não se havia induzido o gosto ou a preocupação pela beleza dos pés descalços. Os pés calçados, a única forma de apresentação dessa extremidade do corpo, seriam elegantes de acordo com os sapatos que o indivíduo possuísse. Por conta disso, o volume de material, fontes a serem pesquisadas sobre essa parte do corpo no período, podem ser consideradas bastante pequenas em comparação aos cabelos, rosto, boca e mãos.

Se as questões estéticas lhes escapavam, as sensações não. Ainda que poucos mencionassem, havia referências sobre os ferimentos, suores ou odores causados pelos pés.

*“Quanto aos pés, necessitam de limpeza amidiada e cuidadosa, para retirar os produtos aí acumulados pela abundante transpiração e secreção sebácea, agravada pela deficiente ventilação dessa parte do corpo. Depois do asseio, devem os dedos ser rigorosamente enxugados, para evitar as frieiras produzidas pelo defeituoso enxugamento. É conveniente não aparar as unhas dos pés em linha curva, como se faz as das mãos, o que contribui para evitar o encravamento da unha, desagradável e até perigoso.”*¹⁷⁶

Além das frieiras, os suores dos pés poderiam ser um incômodo, para alguns. Por ainda não haver tantos produtos destinados para o combate desse mal, já que os poucos produtos disponíveis serviam tanto à parte baixa quanto à parte alta do corpo -- como os sabões anti-sépticos, por exemplo --, até mesmo palmilhas magnéticas eram vendidas, prometendo reduzir a transpiração dos pés:

¹⁷⁶ *Compêndio de Hygiene Elementar*, p. 222.

“Reumatismo curado pelos pés com as registradas solas magnéticas anti-reumáticas (...) Não mais pés transpirados, inflamados, úmidos e doloridos...”

Anúncio veiculado pela revista O Echo em maio de 1908.

O problema mais comum, no entanto, eram os calos. Os sapatos, muito elegantes, porém nada ortopédicos, agrediam os pés, provocando-lhes inúmeros calos que, seguramente, causavam bastante sofrimento. Podia-se removê-los limando-os, ou ainda, de forma mais agressiva, cortá-los, causando, muitas vezes, ferimentos ainda mais lastimosos. Desta maneira, a maior parte dos produtos comercializados para os pés, até os anos, eram os calicidas. Mais de meia dúzia de diferentes produtos prometiam a cura e o alívio dos molestos calos, desde emplastros até líquidos que prometiam “secar” o calo, como se este fosse um ser que devesse ser “morto”.

Para que os doloridos pés pudessem seguir “na dança”, ou se forrava o local caloso com paninhos ou algodão, ou se acreditava nos milagres da propaganda...

Por Culpa de Um Callo . . .

Pode-se usar o calçado mais elegante e gozar o prazer de uma noite apesar do callo mais rebelde. Applique-se um emplastro

O Gallo

A dor cessa instantaneamente e em poucos dias o callo desaparece. Prove-o!

A venda nas principais farmácias e drogarias

B&B **Bauer & Black**
Chicago, Ill. E. U. A.

Chicago New York Toronto

“Por culpa de um calo... Pode-se usar o calçado mais elegante e gozar o prazer de uma noite apesar do calo mais rebelde. Aplique-se o emplastro O Gallo. A dor cessa instantaneamente e o calo desaparece. Prove-o. À venda nas principais farmácias e drogarias.”

Propaganda extraída da revista *A Cigarra*, edição de outubro de 1929.

FUTURO DA NAÇÃO: os cuidados com o pequeno corpo.

*“C'est pendant l'enfance et la jeunesse que l'organisme subit les transformations les plus considérables. Cette longue période, qui va de la naissance jusque vers 18 ans et même au delà, est une phase de développement ininterrompu, de croissance continue, dont le terme est l'état de perfection physique qui caractérise l'âge adulte.”*¹⁷⁷

O excerto acima é parte do texto de introdução do manual *Hygiène Sociale de L'Enfance*¹⁷⁸, publicado em Paris em 1921 e vendido no Brasil, pela livraria Francisco Alves (São Paulo), em 1923. Trata-se de apenas um dos inúmeros manuais domésticos que, inclusive em outras línguas, eram comercializados atendendo à demanda de um público ávido por conhecer a maneira mais adequada, sob o bastião da ciência, de cuidar de seus infantes.

Aos filhos da elite -- ou dos pais vindos camadas de médias que buscavam

¹⁷⁷ *“É durante a infância e juventude que o organismo sofre as transformações mais consideráveis. Esse longo período que vai desde o nascimento até cerca dos 18 anos ou mais, é uma fase de desenvolvimento ininterrupto, de crescimento contínuo, cujo término é o estado de perfeição física que caracteriza a idade adulta.”* (tradução livre).

¹⁷⁸ NOBÉCOURT, P. e SCHREIBER, G. Masson et Cie. Éditerus. Paris, 1921.

ascender sua descendência -- caberiam o futuro do Brasil. As autoridades médicas e os demais reformistas, autores de publicações dessa natureza, afirmavam que o cuidado com a infância era mister. A disciplina requeria que os novos hábitos se fossem arraigados desde a infância, pela repetição: "é de pequeno que se torce o pepino", já dizia o ditado.

Em seu manual de Higiene, Fontenelle justifica, dessa maneira, a importância do termo em voga, a puericultura, que tem por objetivo "ensinar aos pais os princípios da eugenia (...) da formação e da criação dos filhos."¹⁷⁹ A constituição da nacionalidade brasileira, preocupação pujante desse momento histórico, requeria -- além de medidas em relação ao espaço urbano -- reformas individuais fundamentais, por meio da higiene, que consolidasse a sociedade que se esperava.

E a quem compete educar o homem dentro dos moldes da modernidade? O manual doméstico responde à questão:

*"Se educar é completar o dom inicial e físico da vida, justo é que esse trabalho incumba principalmente aos transmissores da vida."*¹⁸⁰

É nesse contexto que a política civilizatória institucionalizada pelas autoridades médicas e governamentais promovem uma verdadeira valorização da paternidade -- em especial, da maternidade -- como mecanismo de transmissão das práticas higiênicas dentro do lar, para seus componentes.

As mães tornam-se aliadas dos médicos ao procederem da forma que lhes é recomendada pela puericultura. Tomam para si a responsabilidade pela manutenção da vida dos filhos, dos lares e de seu novo papel, o de mãe, numa sociedade ameaçada pela mortalidade infantil e desejosa de constituir cidadãos fortes e úteis para a nação. O

¹⁷⁹ Fontenelle, 1925, p. 9.

¹⁸⁰ CABAGLIA, L. & CASTRO, A. *Juventude de Hoje, lares de amanhã*.

discurso dos manuais domésticos parece ser bastante convincente ao mesclar, além dos procedimentos técnicos ofertados pela ciência, argumentos apelativos à moral, viabilizados pela culpa ¹⁸¹:

"Fala-se hoje muito a respeito da dissolução doméstica, manifestada e provada constantemente por casos de divorcio, suicídios, questões miseráveis entre parentes próximos, rebeliões filiais etc., etc. (...) Depois de havermos concedido às paixões humanas o império relativo que elas não podem perder, somos ainda forçados a confessar que na culpa d'esta desgraça que todos lamentam, compete às mulheres um grandíssimo quinhão". ¹⁸²

No Brasil, a esse apelo soma-se o fato de que a mortalidade infantil na virada do século e nas primeiras décadas do XX trazem dados aterradores, segundo as pesquisas médicas. ¹⁸³

A aliança das mães com os médicos é tratada por Freire (2009) como "maternidade científica", pois as progenitoras adotam o programa higiênico em seus pormenores, tornando-se a principal detentora desse saber na família.

Além de conselhos sobre o aleitamento (que não deveria ser entregue às amas-de-leite, degeneradas pela própria condição cultural e social a que estavam submetidos às negras) e medidas alimentícias e espaciais, os manuais dedicavam-se ao asseio dos bebês, tarefa importante na manutenção da saúde e que podemos notar por meio da aparência dos infantes -- que ia além das bochechas rechonchudas e rosadas,

¹⁸¹ Como reforçamos, no decorrer deste trabalho, no conceito de Higiene, neste momento, estão estritamente arraigados, os valores morais.

¹⁸² CARVALHO, Maria Amalia Vaz de. *Mulheres e Criações*. Porto, 1916.

¹⁸³ Fontenelle nos mostra que, segundo o recenseamento de 1920, das 28.888 crianças que nasceram, 5.203 haviam morrido antes do primeiro ano de idade.

reveladoras de um peso de boa saúde, conforme os diversos parâmetros que ofereciam as medidas regulares da pessoa conforme os cânones dos manuais domésticos.

Nos primeiros anos do século XX, o discurso médico preconiza a limpeza como medida fundamental da higiene. O pó e, posteriormente os micróbios são inimigos da saúde, e precisam ser combatidos com o asseio. Há que se limpar o visível e o invisível para que os membros do lar não tenham sua integridade física comprometida. Importantíssimo, portanto, é o trabalho higiênico das mães, a fim de garantir o desenvolvimento do ser humano até sua forma “perfeita”.

As formas eram consideradas perfeitas segundo padrões bastante sistemáticos de medidas que permitiriam acompanhar a evolução do crescimento da criança. O tecnicismo higienista apresentava tabelas, gráficos e números que especificavam o padrão de normalidade do corpo nas diversas fases da vida. Vejamos dois exemplos trazidos pelo manual *Hygiène Sociale de L'Enfance* (p. 221):

No quadro acima, um estudo sobre as medidas do tronco e membros, em proporções, mostrando as diferentes formas que o corpo infantil deveria apresentar no nascimento, aos dois anos de idade, aos seis e, finalmente, aos doze anos de vida. Esses esquemas eram baseados nas pesquisas das equipes médicas utilizando-se um grupo de pessoas como referência de dados.

O preciosismo dos cálculos nos leva a informações e fórmulas surpreendentes. O gráfico abaixo trata do "coeficiente de robustez" do infante baseado no perímetro torácico, revelador do "índice de vitalidade da criança":

Logo em seguida, uma fórmula para medir o "coeficiente de robustez":

$$\text{Altura} - [\text{Peso} + \text{circunferência torácica}] = \text{Coeficiente de Robustez.}$$

O preciosismo das medições e a preocupação com esses dados tornam-se absolutamente rigoroso a ponto de que a fórmula acima, para o coeficiente de robustez, deva ser calculada com o tórax aberto, ao inspirar e também com o tórax fechado, ao expirar o ar, donde temos:

$$\text{Altura} - [\text{Peso} + \text{circ. toráx. insp.} + \text{circ. toráx. expir.}] = \text{Coef. Robustez.}$$

Costa, em *Ordem médica, norma familiar* nos chama a atenção a esse fato, da obsessão dos higienistas por cálculos, medidas e padrões: "... para manterem viva a situação de tradutores do obscuro, [os higienistas] vão ser obrigados a inventar, cada vez mais fatos, distinções e classificações novas do corpo dos indivíduos e dos sentimentos da família. As diferenciações vão tender para o infinito" (p. 33)

Além de criar padrões classificatórios a fim de implantar a hegemonia médica, detentora das nomenclaturas e das verdades sobre o corpo humano, solucionadora dos possíveis desvios, Costa denuncia as consequências da instauração desses padrões como forma de dominação da família. Para enquadrar-se nas medidas higiênicas, as famílias deveriam seguir o cânone procedimental prescrito pelos médicos, senhores do saber científico que os pais não detinham. Já submetidos à "ordem médica", a família se vê obrigada a recorrer a esses profissionais nos casos de desvio. Dependiam dos médicos para resolver os casos de não enquadramento.

Por conta desse movimento é que o autor afirma que o higienismo, apesar de diminuir a proliferação de doenças e a mortalidade infantil -- fato que é inegável -- também contribuiu para discriminar, excluir os que não se encaixassem nas medidas ou que não pudessem dominar os procedimentos. Esse processo de exclusão, especialmente em uma sociedade como a brasileira, composta de outras etnias que não a branca europeia, foi extremamente agressivo ao legar os excluídos a categoria de cidadãos não-suficientes, aquém dos que atingiriam "a perfeição".

Na busca de cuidar, de maneira “perfeitamente higiênica” de seus bebês, um sem-número de procedimentos passam a ser descritos para sistematizar a limpeza da criança desde o seu nascimento. A retirada do *uncto báceo* da pele e das mucosas da cavidade bucal, bem como o asseio dos olhos são os procedimentos imediatos tão logo se verifique a respiração da criança. Se preciso, agentes químicos seriam utilizados, como fricções com álcool, por exemplo, para estimular-lhe a respiração e os batimentos cardíacos. Banhos quentes nesse momento não são motivados pelo asseio, apenas recomendados para o estímulo à animação do bebê em caso de asfixia. Lembramos que, apesar da associação do banho à limpeza, ainda se praticava a hidroterapia ¹⁸⁴. A primeira limpeza da pele, deve ser feita da mesma maneira que os adultos costumavam fazer na higiene dos adultos: por fricções (nesse caso, as mães deveriam utilizar algodões embebidos em glicerina). Os olhos do recém nascido devem ser limpos com algodão e uma solução de

¹⁸⁴ Ciência médica muito difundida no século XIX, especialmente por Kneipp, em *Minha cura pela água* - s/d - 1º exemplar de 1894 (Alemanha).

ácido bórico a fim de retirar todas as impurezas que ali se alojassem. Outros compostos químicos também figuravam como "limpadores" nesses momentos iniciais da vida, como o nitrato de prata ou o suco de limão, fosse o caso de alguma "oftamia purulenta".

O banho diário dos bebês já é recomendado nos procedimentos de puericultura do Dr. Fontenelle, em seu manual de 1925¹⁸⁵. Só deve ser administrado depois de limpa a pele do recém nascido por meio das fricções com glicerina. Como já foi dito as práticas de asseio e de hidroterapia ainda coexistiam neste contexto. Segundo a hidroterapia, a água exerceria influências no indivíduo dependendo da temperatura em que fosse aplicada e do tempo de exposição da pessoa ao meio líquido. Segundo o médico, a tepidez dos banhos diários, bem como a duração desse procedimento, varia de acordo com a idade do infante:

"O banho das criancinhas deve ser dado a principio na temperatura de 37° a 38° (...) O banho deve ser muito curto, durando, a princípio, 2 ou 3 minutos apenas e progressivamente prolongado, depois, de acordo com o crescimento. A temperatura da água precisa ir sendo pouco a pouco reduzida, de modo que aos 6 meses o banho já pode ser de 35°, aos 12 meses, de 30° e aos 2 anos de 25°. A partir do terceiro ano de vida a criança já deve ser acostumada à água fria, começando-se por banhos rápidos e sempre seguidos de fricções na pele."

¹⁸⁵ A prática do banho do recém-nascido também é discutida por Mary Del Priore em *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Por meio de seu trabalho, podemos verificar que os antigos hábitos das mães com a higienização dos seus bebês eram diversos, indo desde "banhar" o bebê com manteiga ou substâncias oleaginosas até mesmo nem banhá-lo, ao acreditar que a sujeira da criança protegesse seu corpo infantil. Sendo assim, podemos imaginar o quão grande era a tarefa do médico higienista ao tentar desfazer práticas, substituindo-as por novos hábitos de limpeza e cuidados com o corpo.

"No banho de adultos e crianças refresca e amacia a pele. É infalível nas picadas de mosquitos e outros insetos. Para a lavagem da cabeça, tira a caspa e torna o cabelo sedoso e brilhante. Com a Amônia Fluida Ivany obtem-se tornando a pele fresca e acetinada."

Para lavar os pequenos corpos durante o banho, podiam se usar os mesmos produtos usados por adultos: sabões (ou sabonetes), amônia etc. Como a indústria da higiene ainda não dispunha de produtos exclusivamente destinados ao uso infantil, alguns anúncios veiculavam imagens de crianças, que sugerem que esses produtos também serviam aos cuidados infantis.

Ao lado, um anúncio do sabão anti-séptico Aristolino (*A Cigarra*, agosto de 1926).

Abaixo, um anúncio da Amônia Ivany, que sugere o seu uso também por uma criança, como vemos na gravura e no próprio texto publicitário. (*A Cigarra*, outubro de 1928.)

Segundo a hidroterapia, os banhos mais quentes e demorados ocasionariam um "amolecimento das carnes" e uma morbidez do espírito. Os banhos mais frios e rápidos promoveriam um choque térmico no indivíduo, de modo que o espírito seria despertado, avivado; bem como as carnes que, com a temperatura, se enrijeceriam naturalmente, tornando a criança mais rígida, mais forte. Era exatamente esse o perfil desejado pelos ideólogos higienistas: cidadãos fortes, rijos, de espírito despertado, disposto; de corpos bem estruturados, resistentes; saudáveis, portanto!

Nesse momento, a imagem da criança forte era premiada. Vejamos como Lucas Cabral Ribeiro explica os concursos de robustez infantil:

“A partir do século XIX surgiram no Brasil alguns esforços que visavam à promoção da saúde e da sobrevivência das crianças, pois nesta época os índices de mortalidade infantil eram muito elevados. Uma das iniciativas implantadas no país na década de 1920 foi o concurso de robustez infantil que premiava as crianças mais saudáveis, vigorosas e belas. A mulher passou a ser responsável direta pela saúde dos filhos, mas, muitas vezes, confundia a palavra robustez como sinônimo de gordura. Este concurso contribuiu para difundir na população mais carente as concepções de saúde infantil oriundas das elites. Contudo, alguns dos critérios de avaliação permitiam o aumento das desigualdades sociais e econômicas e fortaleceram a imagem da mulher como reprodutora.”

Foto: ganhadores do Concurso de Robustez Infantil de 1928.*

Os concursos de beleza infantil também eram promovidos por meio da imprensa; não só para meninas, mas num primeiro momento, até para meninos. Mais tarde, como vimos acima, era mais comum que os meninos competissem pela categoria “robustez”.

O nosso Concurso de beleza infantil

O menino João, com 2 anos de idade, filho do sr. João Bertl
Foi concorrente ao nosso concurso de beleza infantil.

*O nosso Concurso
de beleza infantil*

A menina Cecília, filha do sr. Hugo Springer e que foi concorrente
ao nosso concurso

Fotos: Revista *Correio da Semana* XX, 1914.

Crianças bem cuidadas, bem aparentadas. Cabelos e roupas arrumados e elegantes. O corpo infantil também ganha destaque em tempos higienistas.

* fonte: Archivos de Proteção à Infância.

Após o banho, o autor sugere que as mães costumam usar talcos e "pós" de diferentes qualidades, mas o doutor faculta o uso desses cosméticos que, se empregados, devem ser somente pulverizados sobre as dobrinhas da pele. Interessante notar que a lavagem da pele, nesse primeiro banho não foi mencionado o uso do sabão, apenas fricções para a limpeza.

O *Pó Pelotense* era um dos mais conhecidos produtos para combater as assaduras. Não se tratava de um produto destinado exclusivamente para o uso infantil, sendo, também, usado para combater as assaduras nos adultos.

Além dos talcos e pós, era comum que as mães também usassem amido de milho (popularmente chamado *Maizena*) no lugar de talcos e pós, na pele de seus filhos.

Anúncio veiculado em dezembro de 1929, pela revista *A Cigarra*.

O couro cabeludo requer cuidados especiais. A higiene recomenda que a cabeça seja bem esfregada com sabão para retirar as crostas que as mães deixavam acumular crendo que serviam à proteção da cabeça. Vemos, portanto, o caráter doutrinador do conhecimento científico sobre as práticas tradicionais, consideradas ignorantes, anti-higiênicas. No entanto, depois que a criança fica mais velha, em torno dos sete anos de idade, recomenda-se lavar a cabeça apenas uma vez por semana. O cuidado restante ficaria por conta dos penteados higiênicos: corte para ventilar a nuca, no caso dos meninos e tranças para as meninas.

As mãos e os pés também devem ser esfregados com sabão e escovas também durante o banho, diariamente.

"Não assiste a uma criança maior direito de uma perfeita saúde física. Cada mãe tem o dever de assegurar aos seus filhos condições de vida que lhes garantam uma boa saúde, porque assim fazendo não só contribui para o bem-estar de seus filhos, como realizará as mais importantes possibilidades da vida." ¹⁸⁶

A partir da década de 1930, as propagandas que incluíam crianças diretamente como consumidoras dos produtos de higiene que usavam os adultos se tornam mais frequentes. Os cuidados puramente estéticos nos meninos e meninas, além da saúde e vigor físico, também passava a ser um diferencial para as crianças "de berço".

*"Desde a meninice:
Para conservar o cabelo penteado o dia todo, use Stacomb."*

Anúncio retirado da revista *A Cigarra*, edição de janeiro de 1929.

A boa formação e manutenção dos dentes das crianças eram preocupações bastante crescentes nos tempos de higienismo. A dentição perfeita, num momento em que a ciência, finalmente, pode dominar a natureza -- que, por tantos séculos, comumente destruía a integridade das bocas -- é um desejo materno para que seus filhos pudessem

¹⁸⁶ *O lar e a saúde na família*. p. 11.

crescer e manter seu patrimônio dental o máximo possível, demonstrando que suas bocas foram bem tratadas e sua saúde, bem cuidada.

A maior parte das propagandas que mencionavam a presença de crianças e a necessidade de cultivar nelas, desde cedo, o hábito de higiene, pertenciam às empresas que vendiam dentifrícios. Apesar de a indústria da higiene ainda não haver, até então, disponibilizado produtos especificamente para o uso infantil, fazia-se questão de se transmitir que desde pequenos, o consumo dos produtos de higiene e os hábitos de asseio deveriam ser estabelecidos.

“ -- Doutor, este porquinho não quer nunca lavar os dentes.

-- Pois compre-lhe Dentol, e o Sr. verá que ele nunca mais se esquece de os lavar.”

Aqui vemos uma propaganda que faz crer que o dentifrício Dentol, apesar de não fabricado exclusivamente para crianças, deve ser melhor aceito por elas, talvez por ter um “gosto” mais aprazível para a escovação (chamada, também, “lavagem dos dentes”).

Anúncio veiculado pela revista *A Cigarra*, junho de 1928.

O mesmo dentifrício, Dentol, ilustra uma situação bem didática: A própria criança, já higienicamente educada, condena o avô que, envergonhado, perdeu seus dentes (e ainda teve que pagar caro por uma dentadura!) por não haver escovado os dentes em tenra idade:

“ -- Se tivesses lavado os dentes com Dentol, não terias tido necessidade de uma dentadura por um conto de réis.”

Anúncio retirado da revista *A Cigarra*, novembro de 1928.

Em outubro de 1920, a Pasta Williams já se mostrava mais prazerosa para as crianças (mostrando que era um produto para adultos e que também servia às crianças): era a mais doce!

Fonte: Revista *A Cigarra*.

Temos aqui um outro exemplo, mostrando a mãe orgulhosa por haver bem cuidado do seu filho, dotado de “boa dentadura”.

Anúncio retirado da revista *A Cigarra*, edição de fevereiro de 1928.

Em 1917, modernas mães brasileiras podiam adquirir um igualmente “moderno” *Colar Eletro-Magnético* para a dentição! “Maravilhas modernas” que se apropriavam do não menos moderno conceito de eletricidade para enunciar as propriedades “incríveis” dos seus produtos. Vejamos a forma interessante como o anúncio descreve, de maneira bastante detalhada -- à moda higienista, de detalhamento minucioso das reações corporais -- a dentição infantil:

Colar Electro-Magnetico para Dentição
Preço 5\$000, livre de porte

A CRIANÇA nesse período soffre ás vezes febre, abatimento, tem o sono agitado, pouco se amamenta, definhando sensivelmente devido á inflamação das glandulas salivares.

Soffrem com essa crise os orgams digestivos e a criança é presa de convulsões violentas e, como não sabe exprimir o que tem, qual o seu mal, chora de continuo sobressaltando os seus paes.

Todo o cuidado é pouco nesse período, pois que a dentição pôde complicar-se em poucos mezes e roubar a vida ao delicado ente.

Para impedir esse accidente, foi inventado por um conhecido medico, de grande nomeada, o *Colar Electro-Magnetico*, aparelho composto de varios metaes chimicamente preparados, o qual collocado ao pescoço da criança desenvolve uma acção calmante, abranda-

“A criança nesse período sofre as vezes febres, abatimento, tem o sono agitado, pouco se amamenta, definhando sensivelmente à inflamação das glândulas salivares. Sofrem com essa crise nos órgãos digestivos e a criança é presa de convulsões violentas e, como não sabe exprimir o que tem, qual o seu mal, chora de continuo sobressaltando os seus pais. Todo o cuidado é pouco nesse período, pois que a dentição pode

complicar-se em poucos mezes e roubar a vida ao delicado ente. Para impedir esse accidente, foi inventado por um conhecido médico, de grande nomeada, o Colar Eletro-Magnético, aparelho composto de vários metais, quimicamente preparados, o qual colocado ao pescoço da criança, desenvolve uma ação calmante, abranda as dores das gengivas inflamadas, de modo a impedir os desmaios, a febre e outras complicações. Elétrico como é o Colar Eletro-Magnético, estabelece uma pequena corrente de fluidos que tem o poder de acalmar os nervos, regulando a circulação do sangue, fazendo desaparecer o mal estar, as insônias, as convulsões que advém no período da dentição. Para alcançar este resultado, bastará trazer o colocado ao pescoço das crianças, dia e noite, o Colar Eletro-Magnético; sem sujeitar-se o pequeno doente a ingerir as panacéias tão anunciadas, que nenhum resultado apresentam e às vezes até contribuem para agravar a situação do enfermo. O Colar Eletro-Magnético não só auxilia poderosamente a dentição como também é um reagente de primeira ordem, um tônico de grande eficiência. Previne as constipações, a tosse, a flatulência, as inflamações intestinais, as dores de garganta e todas as pequenas complicações que no período da soem aparecer, roubando o sono das crianças e a tranquilidade de espirito de suas mães. O seu efeito é seguro, eficaz, pronto, energético, quando aplicado em tempo e até tem gozado de boa reputação, sendo preferido às drogas que se recomendam para a dentição. O Colar Eletro-Magnético, uma vez usado, experimentando, incumbe-se de demonstrar o seu real valor, a sua utilidade vantajosa para fortalecer a saúde da criança no período de dentição. Invenção benéfica, de grande valor para a dentição das crianças, que, não raro, é cheia de accidentes, ocasionando perturbações funestas no organismo, dores surdas, irritações nervosas, principalmente no quinto mês, devido a intumescências das gengivas para o aparecimento dos primeiros dentes.”

Anúncio veiculado pela revista *O Echo*, em maio de 1917.

Pelas mãos das mães, o cidadão brasileiro seria conduzido rumo à modernidade. Era um dever da família munir-se de conhecimento técnico-científico para dar todas as condições para o pleno desenvolvimento do brasileiro do futuro. A proteção às crianças e a prevenção da saúde dos adultos tiveram muito destaque no programa civilizatório do país, pois os cidadãos -- o do futuro e o do presente -- são as peças chave dentro da célula *mater* da sociedade burguesa: a família.

*"O laço de família é o mais íntimo, mais terno e mais sagrado da Terra."*¹⁸⁷

185 *O Lar e a Saúde da Família*, p. 11.

Conclusão

As palavras de ordem e progresso impressas na bandeira nacional seriam um ideal alcançado se os filhos da pátria pudessem, definitivamente, agarrar as rédeas da modernidade, deixando para trás as antigas práticas de um passado colonial, tradicional e retrógrado - sinônimo de enfermidade, de mortalidade infantil e de degeneração.

Ainda que esse desejo de civilizar e higienizar a nação viesse com mais força depois da Proclamação da República -- pela evidente motivação trazida pelos moldes políticos e as possibilidades sociais do novo regime -- esses ideais também já estavam presentes desde os tempos imperiais, especialmente, a partir do Segundo Reinado.

José Gondra (2004) nos mostra que a "prática educativa", sinônimo de projeto civilizatório de acordo com sua tese, começou a configurar-se a partir de 1808, pelo impacto causado pela vinda da Família Real ao Rio de Janeiro. Desse momento em diante, como já dissemos nos primeiros capítulos, foram empreendidos esforços para que os traços arcaicos da colônia fossem banidos, de modo a alinhar a nova sede do Império com os padrões europeus de urbanidade e civilidade. A aproximação econômica com a Inglaterra e cultural com a França não era compatível com os valores arcaicos do ruralismo, do patriarcalismo e dos ditames místicos da fé. Práticas laicizantes, racionais e, portanto, pautadas na ordem científica começam a institucionalizar-se a fim de impor à sociedade uma aparência mais "evoluída". Os médicos, durante todo o XIX, vão legitimando, progressivamente, sua existência e regulando o *modus operandi* da cidade e

a vida das pessoas na medida em que tomam para si o papel de solucionadores dos problemas narrados pelos viajantes e cientistas de então: no Rio de Janeiro (e porque não, no Brasil?) estava imerso em uma atmosfera degradante: "feia, suja, fétida, insegura, doente, negra, imoral e iletrada" ¹⁸⁸.

O combate a esses males desencadeia, portanto, uma verdadeira empresa pedagógica em prol da extirpação das enfermidades, da suposta degenerescência; em prol da europeização do cidadão brasileiro -- que ganha maiores impulsos quando as asas republicanas pousam sobre nossos destinos. "As intensas e aceleradas transformações que ocorreram no último quartel do século XIX até as três primeiras décadas do século XX -- especialmente o fim do escravismo, a consolidação do capitalismo e a instauração do novo regime político -- demandavam a construção de uma nova sociedade."¹⁸⁹

A vulgarização do discurso científico, dessa maneira, se dá por meio de uma série de publicações que se proliferam nas camadas médias urbanas e de elite, ansiosas por informação de cunho científico para alinharem-se à modernidade. A leitura de livros e revistas torna-se indispensável, pois seu conteúdo disciplinar e normativo orientam os indivíduos e as famílias para um universo de técnicas que supunham não dominar. É por essa razão que esses livros e revistas especializados em "hominicultura" vem assinados pelas autoridades médicas, detentoras do saber inegável da razão científica, verdadeiros libelos contra a temida degradação dos costumes que poderiam ameaçar uma sociedade despreparada.

O discurso civilizatório presente nessas publicações era direcionado às camadas que, além de letradas, pudessem ter condições financeiras de adquirir estes materiais. Segundo Freire (2009), os livros, especialmente, eram ainda mais caros que as revistas

¹⁸⁸ Gondra, p. 22.

¹⁸⁹ FREIRE, Maria Martha de Luna. *Mulheres, mães e médicos: discurso maternalista no Brasil*. Rio de Janeiro, 2009.

femininas, que também abordavam a higiene e as questões domésticas, pelo seu próprio caráter de volume condensado e pelo material com que era confeccionado. Daí supomos que, de fato, tais manuais eram consumidos por uma camada específica da população urbana que poderia dispor dos recursos para a sua compra. Referimo-nos, principalmente, à elite do país, camada que definitivamente, alçava seu voo mais alto e definitivo.

As revistas, publicações mais acessíveis (e não menos lidas pelas famílias mais abastadas, especialmente pelas mulheres destas famílias) também apresenta seu discurso nos moldes do programa civilizatório para a pátria: formar bons cidadãos no sentido higiênico (e portanto, moral), trazendo matérias que ensinavam como se portar, como se vestir, como se limpar. Por meio, especialmente, das propagandas, temos um rico panorama de como os hábitos se transformam, se refinam. Muitos dos anúncios ali publicados nos dão a dimensão do que era tolerável e do que, gradualmente, ia sendo repudiado na sociedade: odores naturais do corpo, cabelos desmazelados, dentes arruinados, pele manchada e ferida. Mais que um registro de um tempo de “cultura do homem” em meio ao pavor das doenças, as matérias e propagandas foram fundamentais para observarmos o desenvolvimento e ampliação de um negócio altamente lucrativo -- e sempre em expansão, até os dias atuais: a indústria da higiene. Novos hábitos foram formados, cristalizados através de discursos, muitas vezes sedutores ou até mesmo desafiadores, que implicavam a exclusão ou o rebaixamento social daqueles indivíduos que ousassem não se enquadrar nos novos parâmetros da higiene e do cuidado estético. A atenção aos cuidados de si devia ser redobrada. Novos experimentos, investimentos e até mesmo muitos fracassos foram vivenciados por quem tentava incrementar a aparência e a saúde. Como entender que vários produtos oferecessem ressarcimento do valor pago caso não trouxessem resultados, se não tivessem proliferado tantos preparados que prometiam milagres multifuncionais e que não se mantiveram no mercado

justamente pelo fato de que, na verdade, não eram capazes de solucionar os problemas que, cada vez afligiam mais? A venda e a compra de soluções, cada vez mais ansiadas pelos que reconheciam, agora, os problemas que talvez nunca tivessem notado, fez da esperança um êxito comercial.

De qualquer modo, a maioria dos hábitos trazidos pelos médicos e pela indústria da higiene se cristalizaram em nossa maneira de lidarmos com nosso próprio corpo, com nossas próprias peles; na maneira de nos aceitarmos ou não -- dependendo das condições em que nossa aparência se exteriorize. Costumes e padrões se sedimentariam ainda mais na medida em que os anos passassem e que o discurso higiênico (e por conseguinte, estético e especialmente moral) se expandisse pelas camadas de nossa sociedade, até os dias atuais.

O conceito de repugnância, o prazer de cuidar-se, de perfumar-se (para dar certeza ao outro de que se está limpo!) e até mesmo o de “limpar o que já está limpo”¹⁹⁰ são sensações que surgiram ou que sofreram câmbios definitivos durante a época áurea do discurso higienista.

A saúde e a beleza, vendida em textos médicos, leigos ou em anúncios, foi definitivamente comprada. Mas não podemos nos olvidar que, neste nosso país de contrastes, muito se vende, mas nem todos podem comprar: sem saber limpar bem os dentes, uma parcela significativa da população recifense surpreende (e choca) o pesquisador da Universidade de Pernambuco; surpreende (e choca) a todos os que pudemos comprar nossos “cuidados de si”. Passado um século, muitas escovas e pastas de dentes vendidas, reproduzimos a situação anterior: a distância enorme entre os que sabem (e podem) diante daqueles que cuidam de si da maneira que sabem e podem!

¹⁹⁰ Não é raro escutarmos, atualmente, pessoas dizendo, orgulhosas, tomar mais de um banho por dia; não por se considerarem “sujas”, mas apenas por não se sentirem “mal”, com uma certa sensação de culpa por não se darem o “prazer” de estarem seguros de sua limpeza e perfumação.

Bibliografia

- ARAÚJO, Ulisses F. *Conto de Escola: a vergonha como um regulador moral*. Coleção Educação em Pauta – Teorias e Tendências. Campinas, Unicamp, 2003.
- ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges (orgs.) *Historia de la vida privada*. 5 volumes. Madrid, Ed. Taurus, 2005.
- ARÓSTEGUI, Julio. *A Pesquisa Histórica. Teoria e Método*. São Paulo, Edusc, 2006.
- ASHCAR, Renata. FARIA, Roberta. *Banho: história e rituais*. São Paulo, Griffó, 2006.
- BERTOLI Fº, Cláudio. *Medicina e Trabalho: as “ciências do comportamento” na década de 40*. Revista de História. São Paulo, USP, nº 127-128, p.p. 37-54, 1992-1993.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2002.
- BOARINI, Maria Lúcia (org.) *Higiene e Raça como projetos. Higienismo e Eugenismo no Brasil*. Maringá, Ed. UEM, 2003.
- BOLTANSKI, Luc. *As classes sociais e o corpo*. São Paulo, Ed. Graal, 2004.
- BRANDÃO, Carlos Antônio L. *A república da arquitetura*. Revista USP. São Paulo, USP. Nº 59. p. 8-21. 1994.
- BUENO, Eduardo. *Passado a Limpo. História da higiene pessoal no Brasil*. São Paulo, Gabarito, 2007.
- CAMARGOS, Márcia. *Uma República nos moldes franceses*. Revista USP. São Paulo, nº 59. p. 134-143. 1994.
- CAMPOS NETO, Cândido Malta. *Iluminando uma trajetória: Preservação, História e Urbanismo*. In: Um Século de Luz. Cia Paulista de Trens Metropolitanos. São Paulo, Ed.

Scipione, 2001.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Cia. das Letras, 2006.

CARVALHO, José Murilo de. *Os três povos da república*. Revista USP. São Paulo, USP. nº 59. p. 96-115. 1994.

CASTRO, Ana Lúcia. *Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo*. São Paulo, Ed. Anna Blume, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano – Morar/Cozinhar*. Petrópolis, Vozes, 1996.

CHALOUB, Sidney; MARQUES, Vera Regina Beltrão; SAMPAIO, Gabriela R. (orgs.) *Artes e Ofícios de Curar no Brasil*. Campinas, Editora Unicamp, 2003.

CIDADE – REVISTA DO DEPARTAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO. *São Paulo, signos de um novo tempo: a São Paulo de Ramos de Azevedo*. Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Jan.98 ano V, volume nº 5. ISSN 0104-5350.

CORBIN, Alain. *Saberes e Odores. O Olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

CORBIN, A. COURTINE, J-J., VIGARELLO, G. *História do Corpo*. Volumes 1, 2 e 3. São Paulo, Ed. Vozes, 2008.

COSTA, Angela Marques; SCHWARCZ, Lília Moritz. *1890-1914 no tempo das certezas*. Coleção Virando Séculos. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

COSTA, Jurandir. *Ordem Médica e Norma Familiar*. São Paulo, Ed. Graal, 2004.

CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em Papel e Tinta. Periodismo e Vida Urbana. 1890-1915*. São Paulo, Edusc, 2000.

CUNNINGTON, C. Willett. *The history of underclothes*. Nova York, Dover Publications, 1992.

DEL PRIORE, Mary (org.). *Histórias do Cotidiano*. São Paulo, Contexto, 1991.

DEL PRIORE, Mary. *Corpo a corpo com a mulher. Uma pequena história das transformações do corpo no Brasil*. São Paulo, Ed. Senac, 2000.

DEL PRIORE, Mary (org.) *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, Ed. Unesp, 1997.

DEL PRIORE, Mary. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

DEL PRIORE, Mary. *Ao Sul do Corpo. Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro, José Olympio; Brasília, Edunb, 1993.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador. Vol. 1: Uma História dos Costumes*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador. Vol. 2: Formação do Estado e Civilização*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

EXPILLY, Charles. *Mulheres e Costumes do Brasil*. Trad. Gastão Penalva. Ed. Itatiaia, São Paulo, 2000.

FLANDRIN, Jean-Louis; PLAN, Marie-Claude. *La beauté, le désir & le goût: essai d'analyse historique du corps*. Revista de História. São Paulo, USP. Nº 127-128, p.69-84, 1992-1993.

FREIRE, Maria Marta de Luna. *Mulheres, mães e médicos*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2009.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos. Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1981.

FOLLIS, Fransérgio. *Modernização Urbana na Belle Époque Paulista*. São Paulo, Unesp, 2004.

GATTAI, Zélia. *Anarquistas Graças a Deus*. Ed. Record, São Paulo, 1991.

GAMA, Lúcia Helena. *Sociabilidade e produção cultural em São Paulo. Uma caminhada pelos vértices e pela história do triângulo central ao longo de um século: 1840 a 1940*. in: Cidade - revista do departamento do patrimônio histórico, nº 5. São Paulo. Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, 1998.

- GIBLIN, James Cross. *From hand to mouth*. Nova York, Dover Publications, 1992.
- GONDRA, José. *Artes de Civilizar: Medicina, Higiene e Educação Escolar na Corte Imperial*. Rio de Janeiro, Editora UERJ, 2004.
- HASKEL, S. e GAMA, L. *Ramos de Azevedo e a Cidade*. in: *Cidade - revista do departamento do patrimônio histórico*, nº 5. São Paulo. Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, 1998.
- HOMEM, Maria Cecília Naclério. *O palacete paulistano e outras formas de morar da elite cafeeira (1867-1918)*. São Paulo, Martins Fontes, 1996.
- JANOVITCH, Paula Ester. *Nos tempos de Pommery...* in: *Cidade - revista do departamento do patrimônio histórico*, nº 5. São Paulo. Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, 1998.
- KERTZER, David I; BARBAGLI, Marzio (orgs.) *Historia de la Familia Europea, volumen 2: La vida familiar de la Revolución Francesa hasta la Primera Guerra Mundial (1789-1913)*. Barcelona, Paidós, 2003.
- KERTZER, David I; BARBAGLI, Marzio (orgs.) *Historia de la Familia Europea, volumen 3: La vida familiar en el siglo XX*. Barcelona, Paidós, 2003.
- LE BRETON, David. *A Sociologia do Corpo*. Petrópolis, Ed. Vozes, 2007.
- LE GOFF, Jacques e TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.
- LE GOFF, Jacques. *Pensar la Historia. Modernidad, presente y progreso*. Barcelona, Paidós, 2005.
- LESSA, Renato. *As cidades e as oligarquias do antiurbanismo da elite política da Primeira República brasileira*. Revista USP. São Paulo, USP. nº 59. p. 86-95. 1994.
- LOJKINE, Jean. *O Estado Capitalista e a Questão Urbana*. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- MACIEL, Laura A. *A higiene como “pedagogia do cidadão”*. Revista de História. São

Paulo, USP nº 127-128. p. 85-96. 1992-1993.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *Mortalidade e morbidade da cidade do Rio de Janeiro imperial*.

Revista de História. São Paulo, USP. Nº 127-128 p. 53-68. 1992-1993.

MARQUES, Vera R. Beltrán. *Natureza em boiões. Medicinas e boticários no Brasil setecentista*. Campinas, Edunicamp, 1999.

MASCARO, Sonia de A. *A Revista Feminina: imagens de mulher*. Dissertação (mestrado em Comunicação) - ECA/USP, São Paulo, 1982.

MATOS, Maria Izilda; SOIHET, Rachel. *O corpo feminino em debate*. São Paulo, Ed. Unesp, 2003.

MATOS, Maria Izilda. *Cotidiano e Cultura. História, Cidade e Trabalho*. São Paulo, Edusc, 2004.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac & Naify, 2003.

MONTEIRO, Yara N. *Doença e Estigma*. Revista de História. São Paulo, USP. Nº 127-128 p. 131-140. 1992-1993.

MORRIS, Desmond. *La mujer desnuda: un estudio del cuerpo femenino*. Barcelona, Editorial Planeta, 2005.

NAVA, Pedro. *Capítulos da História do Brasil*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

NEEDEL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical. Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

NOVAIS, Fernando A. e SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.) *História da Vida Privada no Brasil* (volumes 3 e 4). São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

OLIVEIRA, Letícia Fagundes. *A Cruzada Eugênica no Brasil: Eugenia e Sexualidade nas décadas de 20 e 30*. Dissertação (mestrado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

PECHMAN, Sérgio; FRITSCH, Lilian. *A Reforma Urbana e seu Averso: algumas considerações a propósito da modernização do Distrito federal na virada do século*. Revista Brasileira de História, São Paulo, ANPUH, Editora Marco Zero, v. 5, n. 8/ 9, 1985.

PENDERGRAST, Mark. *Historia de los Espejos*. Barcelona, Vergara, 2003.

PERROT, Michelle e DUBY, Georges. *História das Mulheres no Ocidente*. Vol 5. São Paulo, Ebradil, 1991.

PIZARRO, Nicolás Aguirre. *Señoritas de Salón. Meretrices, Polacas, Austriacas... Buenos Aires, 1870-1930*. Buenos Aires, Ed. Malaspalabras, 2006.

RIBEIRO, Lucas Cabral. *Mulher: cada uma é um universo*. Publicado em 28 de fevereiro de 2009 no site: www.webartigos.com (acesso em 26 de maio de 2011).

ROMERO, José Luís. *Estudio de la mentalidad burguesa*. Madrid, Alianza Bolsillo, 1987.

ROMERO, Sílvio. *Ensaio de Filosofia do Direito*. São Paulo, Ed. Landy, 2001.

ROSEN, George. *Uma História da Saúde Pública*. Trad. Marcos Fernandes da Silva Moreira. Hucitec, São Paulo, 1994.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura*. Campinas, Editora Unicamp, 2001.

SANT'ANNA, Denise B. de (org.) *Políticas do Corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. Ed. Estação Liberdade, São Paulo, 1995.

SANT'ANNA, Denise B. de. *Corpos de Passagem. Ensaio sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo, Estação Liberdade, 2001.

SCHWARCZ, Lilia Moritz e MARQUES, Angela. *1890-1914: No tempo das incertezas*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

SCLIAR, Moacyr. *Do mágico ao social. A trajetória da saúde pública*. Porto Alegre, Ed. LPM, 1987.

SILVA, J. L Máximo. *O impacto do gás e da eletricidade na casa paulista – 1870 a 1930*. Estudos da cultura material no espaço doméstico. CAPH (tese).

SOMEKH, Nadia. *A luz da cidade: Memória Urbana e Sociedade*. in: Um Século de Luz.

Cia Paulista de Trens Metropolitanos. Ed. Scipione, São Paulo, 2001.

THIELEN, Eduardo V. e SANTOS, Ricardo. A. *História, Ciência, Saúde - Manguinhos*.

Edição digital publicada em www.scielo.br, agosto de 2002.

TOUSSAINT-SAMSON, Adèle. *Uma parisiense no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Capivara, 2003.

UNILEVER BRASIL. *Gessy Lever: história de intimidade com o consumidor brasileiro*. São Paulo, Unilever, 2001.

VIGARELLO, Georges. *História da Beleza. O corpo e a arte de se embelezar do Renascimento aos dias de hoje*. São Paulo, Ediouro, 2005.

VIGARELLO, Georges. *O Limpo e o Sujo*. Trad. Monica Stahel. Martins Fontes, São Paulo, 1996.

VIOTTI da COSTA, Emília. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo, Ed. Unesp, 1999.

BIBLIOGRAFIA DAS FONTES:

BARBOZA, Adamastor. *Regimes e Doenças*. Livraria Leite Ribeiro. Rio de Janeiro, 1923.

BENNET, Arnold. *O Governo de Si Mesmo*. Companhia Brasil Editora, 1936.

BOLETIM DA SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DE SÃO PAULO. Vol. VI – Agosto, setembro e outubro de 1923. nº 6, 7 e 8.

BÜCHNER, Luiz. *Na Aurora do século XX*. Livraria Internacional. Lisboa, s/d.

CAREÑO, Manuel Antonio. *Compendio del manual de urbanidad y buenas maneras*. Garnier Hermanos Libreros-Editores. Paris, s/d.

CARTTIER, Dr. *La Défense Antivénérienne*. Gaston Doin Éditeur. Paris, 1920.

CARVALHO, M^a Amália V. *A Arte de Viver na Sociedade*. Antônio Maria Pereira Livraria

Editora. Lisboa, 1909.

CARVALHO, M^a Amália V. *Mulheres e Creações*. Cia. Portuguesa Editora. Lisboa, 1916.

CLASER, Vera A. *O Lar Doméstico: conselhos para boa direcção de uma casa*. Francisco Alves Editora. Rio de Janeiro, 1913.

D'ÁVILA, Carmen. *Boas Maneiras*. Ed. Civilização Brasileira. São Paulo, 1949.

FISCHER, Irving; HAVEN, Emerson. *Como Devemos Viver: Guia para se gozar saúde baseado na ciência moderna*. 1^a edição: 1915. Companhia Editora Nacional. Rio de Janeiro, 1942.

FONTENELLE, J. P. *Hygiene Elementar*. Livraria Leite Ribeiro. Rio de Janeiro, 1925.

GABAGLIA, Laurita Pessoa R.; CASTRO, Annita Lima G. *Juventude de Hoje, Lares de Amanhã*. Livraria de Boa Imprensa. Rio de Janeiro, 1935.

GARNIER, P. *O Matrimônio: considerado nos seus deveres, relações e efeitos conjugues sob o ponto de vista hygiênico, physiologico e moral*. . Livreiro-Editor H. Garnier. Rio de Janeiro, 1879.

GRIMAUD, Abbé Charles. *Futures Épouses*. Téqui Éditeurs. Paris, 1924.

HANON, Edouard. *Misères Humaines: causeries familières sur quelques défauts et vices des familles*. Ancienne Maison Ch. Douniol. Paris, 1903.

KAUCHFFMAN, Dr. *Como se Póde Prolongar a Vida ou Guia Prático para Toda a Humanidade se Precavêr da Morte Prematura*. Livraria Popular de Francisco Franco. Lisboa, 1890.

KNEIPP, Sebastião Mons. *A minha cura d'água*. Livraria Selbach. Porto Alegre, 1896.

LUZ, Heitor. *Auxiliar de Farmácia*. Editores Pap. Rio Branco. Rio de Janeiro, s/d.

NOBÉCOURT, P.; SCHREIBER, G. *Hygiène Sociale de L'Enfance*. Masson et Cie. Éditeurs. Paris, 1921.

PAUCHET, Victor. *Conservae a Mocidade*. 2^a ed. Cia. Editora Nacional. São Paulo, 1932.

PAUCHET, Victor. *O Outomno da Vida: o homem e a mulher na Idade Crítica*. Cia. Editora

Nacional. São Paulo, 1932.

PORTO DA SILVEIRA. *A Arte de Vencer*. Oficinas Graphics do “Jornal do Brasil”. Rio de Janeiro, 1926.

PRESTES, Marialice. *Problemas do Lar*. Livraria Martins Ed. São Paulo, s/d.

ROMERO, Carmen; FAURE, Charles. *O que o homem e a mulher devem saber antes de casar*. Empresa Literaria Universal, Rio de Janeiro, s/d.

SEABRA, Alberto. *Hygiene e Tratamento Homeopathico das Doenças Domesticas*. Ed. O Pensamento. São Paulo, 1933.

STOPES, Marie Carmichael. *Radiante Maternidade: gravidez, parto e resguardo*. Cia. Editora Nacional. São Paulo, 1929.

THOMEN, Augusto A. *Se os médicos não acreditam, por que crê você?* Ed. Universitária. São Paulo, s/d.

VAN de VELDE, Th.H. *A Esposa Perfeita: eficiencia sexual pela cultura physica*. Marisa Editor. Rio de Janeiro, 1932.

VERARDI, Luiz (trad.). *Novo Manual do Bom Tom*. Laemmert & Cia. Editores. Rio de Janeiro, 1895.

WHITE, Ellen G. *A Ciência do Bom Viver*. Casa Publicadora Brasileira. São Paulo, s/d.

WHITE, Ellen G. *Lar Ideal*. Casa Publicadora Brasileira. São Paulo, s/d.

WOOD-COMSTOCK, Belle. *Basta o Amor?* Casa Publicadora Brasileira. São Paulo, s/d.

REVISTA CORREIO DA SEMANA - 1914 -1916.

REVISTA MENSAL O ECHO - 1905 - 1914

REVISTA FEMININA - edições de 1915 e 1922.

REVISTA A CIGARRA - 1914 - 1950

REVISTA VIDA MODERNA - 1907 - 1924

REVISTA VIDA PAULISTA - 1903 - 1908